GONZAGA DUQUE

Revoluções Brazileiras

(RESUMOS HISTORICOS)

Rio de Janeiro

Typ. do "JORNAL DO COMMERCIO" de Rodrigues & Comp.

1898

981
D 9N6N

DO MESMO AUCTOR

(Gonzaga Duque Estrada)

ARTE BRAZILEIRA - PINTURA E ESCULPTURA. . . . . 1 VOL.

ADVERTENCIA

O conhecimento historico das origens republicanas é um dever da educação de um povo livre, alenta a alma patriotica da mocidade e desenvolve a crença politica no coração dos cidadãos.

A historia do Brazil, que até hoje tem sido escripta para uso das escolas e para a leitura dos nossos jovens patricios, não attende a este *desiderâtum* porque ficou restricta aos estreitos moldes convencionaes do ensino monarchico; é omissa e deficiente na referencia ás successivas e sangrentas guerras que vieram conduzindo a nova nação sub-americana á posse do governo do povo pelo povo.

E é esta, precisamente, a parte da sua historia que o povo, representado na sua mocidade, precisa de conhecer, porque ahi estão os exemplos de civismo dos seus antepassados que, sem medir esforços, luctaram pela liberdade e pela civilisação a que conseguimos chegar.

Assim, sem pretender realisar inovações nem abalançar-se a preencher lacunas, o auctor deste livro pretendeu reunir, o mais succintamente possivel, o historico dos factos que concorreram para a proclamação do actual regimen, e o fez com a consulta de valiosos documentos, de jornaes e publicações especiaes, estudando-os imparcialmente e procurando esvurmar delles os intimos interesses do cégo partidarismo.

Não está o livro sujeito á methodica divisibilidade dos processos modernos, o que talvez desperte censuras, mas o seu auctor julgou que seria de nenhum aproveitamento pratico

esta vistosa pretenção, porquanto a sua exposição é feita de maneira a impressionar os seus jovens leitores, descrevendo as scenas mais notaveis e aproveitando os detalhes mais caracteristicos, sem prejudicar a necessaria simplicida de da phrase.

Antes de terminar convem dizer que, propositalmente, foram excluidas destas paginas a revolta commercial de Beckman, a lucta de concorrencia entre *Paulistas e Emboabas* e alguns motins que não valiam ser historiographados; não obstante, o auctor abre o livro com o *Quilombo dos Palmares* e isto porque, ao seu ver, elle serviu de exemplo ás tenues aspirações republicanas do chefe da *Guerra dos Mascates*, que foi um dos mais salientes destruidores daquelle desenvolvido povoado de negros.

O livro ahi está para ser julgado e, sem desprezar esse julgamento, fica com o seu auctor a consoladora convicção de que, pelo trabalho, desejou servir á sua patria.

Capital, Março de 1897.

I

QUILOMBO DOS PALMARES

(PERNAMBUCO — 1630-1695)

Emquanto as armas luso-brazileiras chocavam-se nos campos de batalha d'encontro ao aço batavo, aceirado nas forjas d'Amsterdam e de Haya, quarenta negros que o trafico tinha roubado ás torridas regiões de Africa, unindo-se a um pequeno numero de mulheres parceiras, fugiam dos engenhos do Porto Calvo para os sertões circumvisinhos, confinados com as Alagôas.

Galgando a serra aspera, luctando com a fulva onça feroz e os devastadores queixadas bandeiros, afugentando os terriveis reptis peçonhentos, elles escolheram um sitio agreste e ahi fundaram o grande Quilombo dos Palmares, onde viveram vida independente e sociavel durante sessenta e cinco annos!

Sobre os passos dos primeiros outros vieram e, a pouco e pouco, as choças foram surgindo dentre a ramagem densa da floresta como uma cidade rustica.

De outros districtos, de outros lugares, chegavam escravos foragidos e os do quilombo embrenhavam-se cautelosamente na solidão das mattas, desciam para os ama-

nhos dos engenhos, ao encontro dos captivos para segredar-lhes a direcção do couto, onde a liberdade tinha levantado pela fé christã um enorme cruzeiro tosco de Redempção.

Com o desenvolvimento do quilombo, na sua maioria composto de homens, veiu a necessidade da familia, que seria medida de tranquilidade e povoamento. Então, como os fundadores de Roma, elles desceram ao rapto das Sabinas ethiopes, levando para a taba dos Palmares as esposas dos negros livres que viriam dar aos brancos o exemplo da disciplina de uma collectividade que a instrucção não cuidou nem o direito reconheceu, organisando a administração da igualdade e constituindo a mais bella prova do espirito de confraternisação. Do mais forte e atilado fizeram, por acclamação, o *Zumbi*, chefe supremo que manteria a obediencia, exerceria a justiça e cuidaria da segurança interna. *O Zumbi* nomeou os magistrados e os chefes militares, planejou a defeza do quilombo e instituiu a sua moral. O homicidio, o adulterio, o roubo (salvo á propriedade do branco, considerado inimigo) e a traição, eram punidos com a pena de morte.

Recolhidos ás isoladas paragens das serras tinham a floresta virgem que lhes dava a caça, os fructos silvestres e os cocos saborosos; em seus reconcavos colhiam as hervas medicinaes, a macella e a ipecacuanha, o fumo bravo e o maravilhoso angico, a quina anti-febril e o odorifero balsamo do coquinho; o pereiro e a carnaúba davam as velas para a luz, a magestosa catolé o caroço doce e o palmito; a massaranduba, a sapucarana e o garapú as madeiras para as habitações, a lenha para os fógos. Uma lagôa proxima facilitava-lhes a agua potavel e a pesca. Se

a natureza favorecia-os a livre existencia, o trabalho augmentava-lhes o bem-estar. Cultivavam a canna de assucar, a mandióca e os legumes. Lavravam a terra, abriam as rochas, exploravam os rios. E já pelas immediações vinham trazer, para commercio com os mercadores, as raizes alimenticias, os fructos do cultivo, o ouro e as pedras preciosas.

Quarenta annos depois da expulsão dos hollandezes e porque os senhores soffriam deserções nas suas escravaturas, o governador Caetano de Mello Castro deliberou destroçar essa republica dos negros que poderia servir de molde utilitario aos brancos desprovidos de senso administrativo.

Tendo o seu antecessor proposto essa empreza ao mestre de campo paulista Domingos Jorge Velho, que estava batendo os indios nos sertões da Bahia, Caetano de Mello reiterou o convite por intermedio de D. João de Lencastro, governador d'aquella capitania. Acceita a proposta que lhe dava enormes recompensas, Domingos Jorge sahiu do Pinhacó, á frente de um exercito de mil homens, atravessou Urabá e acampou nas proximidades dos Palmares. Mas, adiantando-se alguns dos seus soldados a furtarem os fructos das bananeiras nas culturas dos quilombolas, estes, que tinham póstos de vigilancia, a que denominavam *mocambos*, desconfiaram da chegada d'aquella gente e cahiram de chofre sobre ella, penetrando no seu acampamento. Assim colhido, Domingos Jorge offereceu a resistencia que podia, e tratou de effectuar uma retirada porque a lucta era desigual. Com muita difficuldade para conter a disciplina e escapar-se, tanto do emmaranho das mattas quanto da perseguição dos negros

conseguiu chegar a villa de Porto Calvo, onde Caetano de Mello formava outro exercito expedicionario.

Nesse districto estava o capitão-mór Bernardo Vieira de Mello com tres mil homens bem armados. Esperava-se a juncção de outro corpo ao mando de Christovão Lins de Vasconcellos com gente da villa de Alagôas, S. Francisco de Penedo, S. Miguel e Alagôas do Norte, forte de mil e quinhentos soldados e mais outros mil e quinhentos guiados por Sebastião Dias e Rodrigues de Barros Pimentel. Depois de realisada a juncção partiu o exercito com destino a Palmares.

Comprehendia a povoação do quilombo o diametro de um circulo de mais de legua, guarnecido por forte estacada, com baluartes em duas ordens de altos páos, dos mais grossos que a floresta podia fornecer.

Para penetrar-se no vasto circulo seria preciso franquear tres portas formidaveis e defendidas por plataformas.

No centro do terreno, servindo de atalaia, elevava-se um penhasco cujo dorso murava profundo despenhadeiro, tornando inexpugnavel o povoado, caso fosse escalado pela parte d'oéste.

O exercito atacante foi dividido em quatro columnas, a do centro, commandada por Bernardo Vieira de Mello, a da direita por Domingos Jorge, a da esquerda por Sebastião Dias, que correspondiam as tres portas, e outra, para contornar o povoado, ao mando de Barros Pimentel e Lins de Vasconcellos. Recebida a ordem de atacar, as tres columnas accometteram as portas, á machadadas, emquanto diversos grupos de soldados procuravam escalar as estacadas.

Os negros correram á defesa. A vanguarda invasora recebeu em pleno peito uma descarga mortifera. As tria-cheiras, transformadas em casamatas, não deixavam visar o inimigo que, das plataformas e baluartes, tinha a pontaria certeira.

Num momento os primeiros escaladores rolarão por terra, rebolcando na poeira, feridos pelos dardos, queimados por agua fervendo, repellidos por alcanzias de fogo.

A lucta continuou infrene, sem vantagens para as tropas luso-brazileiras. A cada arremesso correspondia um insuccesso. Entretanto a resistencia dos negros não podia ser duradoura porque estavam encurralados no povoado. Já a polvora lhes faltava e era com chuveiro de flechas e saraivada de azagaias que sustentavam a defesa; já os viveres escasseavam, os paióes ficavam vasios porque havia vinte mil boccas esfomeadas, a agua tornára-se salobra e as mães negras davam os seios ás criancinhas sentindo-lhes os labios escaldantes, afflictos no chupar inutil dos mamillos. Quando a noite descia, os dez mil negros de armas retemperavam as forças, experimentadas durante o sol, para sustar as ciladas. As mulheres, em serão, aninhando os filhos aos regaços, preparavam os virótes mortiferos, ponteavam as flechas, emquanto ao longe, nas estacadas, a mosquetaria estalava intermittente e um ou outro homem desabava, batendo secco no sólo.

Vieram as chuvas de Março, veiu a agua ao fogo das entranhas humanas, mas não veiu o alimento nem veiu a esperança! As ultimas raizes, já pubas, eram devoradas numa trituração raivosa de fome e de vingança. Em algumas boccas a saliva escorria pelas commissuras labiaes d'envolta com o barro. O azeviche dos rostos fazia-se ama-

rellento, olhos rolavam doloridos em orbitas fundas, e a espadua luzente das moças negras, numa aspereza de pelle curtida, accusava a ossamenta dos esqueletos. E os brancos lá estavam! As plumas vermelhas de seus chapéos cinzentos tremulavam; os campanulados canos de seus arcabuzes vomitavam fogo, chispava a pederneira dos mosquêtes e das escopêtas, retiniam os ferros brunidos de suas armas...

Rolava o sol, abria-se a noite, e sempre o inimigo a tentar a escalada, a persistir sem descanço! Mas, elles deviam ir-se, porque tambem faziam alcatéa á caça, buscavam o alimento. Um dia, em Maio... As chuvas tinham cessado, os pereiros revestiam-se de folhagem nova, quando d'atalaia dos Palmares se avistou a chegada de outro exercito. As mattas encheram-se da rutillação de suas espadas, d'alegria de seus vestuarios coloridos. Chegavam boiadas mugidoras, cargueiros léstos com munições...

O *Zumbi* parou o olhar no horisonte, rilhando os dentes com o desespero da sua impotencia.

E as mulheres, lá por baixo, no circulo do povoado, em torno do cruzeiro tosco, pareciam escuras pantheras famintas, numa arena deserta, farejando os cantos, esfrangalhadas e anciantes. Na frescura do ar, sob o céo tranquillo do Equador, nesse tempo de alento, pairava um cheiro nauseante de decomposição. O olfacto avisava. Uma tristeza nostalgica crepusculava as almas, e o olhar presentia no fôfo da terra a putrefacção das victimas.

Os brancos, os maldictos, accommettiam outra vez.

Os negros, cançados das vigilias, depauperados pela fome, allucinados pela febre, tombavam extenuados, morriam sem agonia.

Emfim! Chegou a hora da decisão. Soam cornetas, rufam tambores. As mattas retumbam o clangor dos sons.

O inimigo reune a gente, forma os pelotões, desenvolve as fileiras, arremette contra o quilombo. O assalto é desesperado. As cohórtes brancas avançam; a gente dos Palmares repelle-as com os ultimos recursos. O dardo zimbra e abate, a flecha zune e crava-se; os brazeiros espadanam das estacadas como um enxame diabolico de rubins fumegantes. Mas os grandes troncos das entradas rangem, desligam-se, voam em estilhaços, desabam como columnas.

A porta da esquerda está franqueada, e logo a do centro cede tambem aos golpes dos machados. Os soldados precipitam-se confusamente, aos empurrões, pisando-se, ferindo-se, numa furia de fazer mal, antegosando o supplicio dos vencidos.

Os negros que não podem morrer, porque a fraqueza os impede de luctar, cáem nas mãos inimigas; ha mulheres que permanecem pasmadas, com os filhos entre os braços, olhando idiotamente para os vencedores; outras enlouquecem, e riem e choram, de rastros, trazendo os pequerruchos estreitados aos magros seios, faltos de leite.

No alto d'atalaia o *Zumbi*, com seus chefes, olha petrificado para a devastação da *taba* que o branco pisa, domina, massacra e desbarata.

Do meio da confusão dos assaltantes um grito parte: —O *Zumbi!* Cem, duzentos homens forcejam por vencer o outeiro para a conquista dessa cabeça que os ficta com desprezo. E, antes que os brancos galguem o pinaculo, antes que suas mãos de odio toquem os membros herculeos desses homens negros como a pedra esculpida de um obscuro seculo de incendios, a heroicidade rasga-lhes uma crispação

sardonica na dentuça branca e seus corpos rolam para o abysmo do despenhadeiro que os acolhe numa informe massa ensanguentada.

II

GUERRA DOS MASCATES

(PERNAMBUCO—1710-1713)

As ondas emigrantistas que a Metropole portugueza trazia ao Brazil-colonia, já corporisando a sua nacionalidade, crescia com as noticias de riquezas facilmente adquiridas, espalhadas pelas terras do reino.

A' chegada dessa gente ambiciosa, despérta pela cubiça dos thesouros da terra americana, era causa do desgosto dos brazileiros, porque os emigrados, encorajados pela certa recompensa do ganho, entravam na capitania arrimados a um bordão e trazendo ás costas a trouxa da pobre roupa esfrangalhada e, logo, *mascateando* pelos povoados e sertões, comprando com vantagens para vender com usura, mercadejando com afinco e decidida sagacidade, chegavam a amontoar fortuna, construir casarões de confortavel moradia e tomar, por habeis transacções, os melhores engenhos e sitios dos nacionaes.

Ricos e pobres eram apanhados por essa urdidura de dilatado commercio e facilmente os primeiros, que habituados ás commodidades da vida material, muito affeitos aos

gozos que a riqueza dá e inventa, mais a mais se compromettiam com seus bens na terrivel engrenagem das negociações.

A palavra *mascate* envolveu uma significação de menosprezo e por ella eram designados indistinctamente todos os portuguezes da capitania, quer vivessem do trabalho de mercadores ambulantes, quer da profissão de negociantes estabelecidos.

Havia muito tempo que esta causa fomentava odios de parte a parte, mais aguçados e penetrantes pela franca protecção que os *mascates* encontravam no governador e soldados da capitania, portuguezes como elles.

Em 19 de Novembro de 1709 a côrte de Portugal, a instancias do governador Sebastião de Castro Caldas, elevou á cathegoria de villa o crescente povoado do Recife, tornando-o independente de Olinda. Essa deliberação foi mal recebida pelos olindenses, que, não obstante a vantagem de ser o Recife porto de mar e contar para mais de oito mil almas, viam nisso, não tanto um abatimento da *nobreza* que habitava a velha cidade de Nassau, quanto um prejuizo para a população productora em seus negocios, pois competindo então aos almotacés taxarem os preços dos viveres, e sendo o almotacé do Recife um *mascate*, era de prever que os generos conduzidos a mercado pelos naturaes fossem taxados em preço muito baixo, e os que vendessem os *mascates* taverneiros se estimassem em subido preço.

Conhecida a resolução regia de 19 de Novembro de 1709 inflammaram-se os animos dos olindenses e mais inimigos dos *mascates;* e o governador, violento como era, mostrou-se provocador e aspero, mandando prender alguns nacionaes sob medida de repressão. A violencia do acto

mais excitou a adversão de muitos e o furor de alguem que n'elle disparou um tiro, no bairro de Santo Antonio. Cégo de rancor, Sebastião de Castro Caldas prohibiu o uso de armas, encheu as prisões de pessoas que julgava suspeitas, e pretendeu prender o ouvidor geral muito prezado pelos olindenses.

O ouvidor pôde fugir a tempo, e a escolta que ia prendel-o, commandada por João da Motta, foi batida pelo capitão-mór Pedro Ribeiro, ficando João da Motta aprisionado.

No dia 9 de Novembro de 1710, Pedro Ribeiro e o capitão-mór do terço dos Palmares, Bernardo Vieira de Mello, á frente de uns dois mil homens entravam no Recife, rasgavam o foral regio de 19 de Novembro, soltavam os presos politicos obrigando o governador a fugir para a Bahia. Em seguida Bernardo Vieira de Mello reuniu em conselho os nacionaes revoltosos e propôz emancipar a capitania da tutela metropolitana e organisar uma republica como tinham os venezianos, idéa infeliz pela imperfeição da fórma, mas donde transpareciam já os primeiros symptomas da liberdade.

Foi julgada temeraria a idéa de Vieira de Mello, apezar de alguns concordantes que preferiam o protectorado da França, *marcial, porém, mais polida que a suzerania portugueza, grosseira e ferina.* Neste pensamento do protectorado francez estava de envolta uma picardia á Metropole, porque nesse tempo as armadas de Luiz XIV procuravam conquistar o Rio de Janeiro e a guerra da *Successão hespanhola* separava rancorosamente os dois paizes.

Não vingando a idéa do capitão-mór Vieira de Mello foi o governo da capitania entregue ao bispo de Olinda,

D. Manoel Alvares da Costa, que, para impedir graves motins entre as parcialidades, ou por temer o castigo da côrte lusitana, esforçou-se por conciliar ambas as partes, promettendo perdão a uns e justiça a outros.

O curto espaço de sete mezes durou a administração prelaticia, iniciada com dubias palavras e nenhuma energia.

Durante esse tempo de fingida calma os *mascates* fizeram bem succedidas subscripções pelo commercio patricio, adqueriram abundantes mantimentos e muitas armas, alliciaram corpos de indios e de negros, quadrilhas de salteadores e até revoltosos da vespera! A poder de dinheiro chamaram á sua causa o mestre de campo do Terço dos Henriques, Domingos Rodrigues Carneiro, o governador dos indios D. Sebastião Pinheiro Camarão, que recebeu tres mil cruzados, o capitão-mór do termo do Cabo, que accedeu seu apoio pela quitação do muito que devia aos *mascates*, o capitão-mór governardor da Parahyba, João Maia da Gama e muitos outros. Por meio de perturbadores boatos, embustes, tramas e perversidade conseguiram levar avante a contra revolução e em 18 de Junho, sahiram á rua aos gritos de *viva El-Rei D. João V, morram os traidores!*

A surpresa sortiu effeito. A população amotinada não sabia que partido tomar. Tinham attentado contra a vida do sargento-mór Vieira de Mello, milagrosamente escapo; entregaram o commando das fortalezas do Brum e do Buraco a officiaes portuguezes, puzeram sentinellas ás sahidas da villa, que já chamavam cidade, prenderam os brazileiros, fizeram ostentação de força. A' vista desse movimento o bispo e o ouvidor recolheram-se ao collegio dos jesuitas, onde os *mascates* os foram buscar, ao cahir

da noite, protestando respeito ás suas pessoas. Uma vez trazidos á villa foram postos de sentinellas á vista, como refens, e o bispo foi obrigado a assignar papeis, declarando os intentos pacificos e utilitarios da contra-revolução, para illudir o desforço que, por ventura, seus partidarios do interior quizessem tomar. Graças, porém, á sua serenidade de animo o bispo conseguiu enganar os *mascates* e, á pretesto de visitar a fortaleza do Buraco, embarcou-se com o ouvidor em um bôte, que fez remar para Olinda. Antes d'elles, alli chegaram, surrateiramente, Manoel Cavalcanti, o capitão-mór André Dias e o alferes André Vieira, que narraram os acontecimentos do Recife. Immediatamente formou-se a resistencia sob a direcção de Jeronymo Cezar de Mello, Antonio da Silva Pereira, José Gonçalves Pessôa, Pedro Ribeiro da Silva, Lourenço Cavalcanti Uchôa, Pedro Corrêa Barreto e Mathias Coelho Barbosa. Não estando de accordo, a funcção conciliadora da carreira ecclesiastica com as violencias marciaes, D. Manoel Alvares da Costa passou o governo a uma junta militar, que recahiu nos seguintes senhores: Dr. Luiz de Venezuella Ortiz, ouvidor geral, mestre de campo Christovão de Mendonça Arraes e vereadores do Senado da Camara de Olinda.

Ainda assim, a fugida do bispo não desanimou os *mascates*. Ganharam um elemento poderoso para sua causa com a concordancia do nobre portuguez D. Francisco de Souza, que, além de levantar muita gente, arrastou, por sympathia ou negocio, considerados moradores do Cabo, entre elles Miguel Paes Barreto, Paulo de Amorim Salgado e José de Barros Pimentel.

Bafejada por essas favoraveis circumstancias a

guerra civil tomou novo incremento. Tamandaré e Cabo foram pelos *mascates*. Goyanna dividiu-se por ambas as partes.

O exercito dos *mascates* foi entregue a D. Francisco de Souza e João da Motta, que elles libertaram da prisão, acclamando-o governador provisorio do Recife, porque Lourenço de Almeida, governador da Bahia, não deixava sahir o famigerado Sebastião de Castro Caldas.

Uma forte columna de indios, portuguezes e negros, sob o commando de Paes Barreto e D. Sebastião Pinheiro Camarão, sobrinho do heróe da guerra hollandeza, foi mandada para Olinda, onde constava estar um exercito levantado e prompto a marchar contra o Recife. Em caminho encontra-se com as forças do mestre-de-campo Christovão de Mendonça e derrota-a. O insuccesso das armas rebeldes tornou-se duplamente triste; sobre a desconfiança que traria ao arrojado emprehendimento dos pernambucanos veiu o vexame imposto aos vencidos. O mestre-de-campo cahiu prisioneiro e foi conduzido ao Recife amarrado de pés e mãos como um facinora; seus officiaes padeceram máos tratos de Paes Barreto, entre elles o capitão dos tapuias do Limoeiro, o valoroso pardo Antonio Rodrigues, que soffreu o aviltamento de surras de chicote.

Enthusiasmado com essa victoria, Camarão seguiu por diante, fazendo ameaças, blasonando vinganças. O bispo, em Olinda, como o mais ameaçado de todos, pensou em excommungal-o para quebrar-lhe o animo, mas nenhum resultado tirando desse alvitre, tratou de reunir os chefes para concertarem um plano de desforra.

O clero de Olinda acudio ao chamamento do bispo e

offereceu um contigente de escravos; da Parahyba veiu com 40 homens o sargento-mór Mathias Vidal de Negreiros e João do Rego Barros apresentou-se com mil soldados. Reunidas essas e outras forças partiu a columna sob o commando de Rego Barros e Hollanda Cavalcanti em direcção ao Engenho Velho a dar combate á gente de Camarão que se havia entrincheirado na Lagôa da Garapú, e depois de uma difficil marcha pelo Bôto, para escapar das ciladas na estrada de Sidreiros, enfrentou com o inimigo ás 8 horas da manhã do dia 7 de Setembro de 1711.

Ao impeto do ataque respondeu valorosamente a gente de Camarão. Os pernambucanos tinham bem viva a vergonha da ultima derrota e batiam-se com um denodo que por vezes fez vacillar a marcialidade do chefe caboclo.

Depressa a fumarada da polvora nublou o campo da lucta, estendeu sobre elle um compacto nevoeiro em que relampejavam incessantes os arcabuzes e a artilharia bolçava fogo, ribombando. Duas casas do entrincheiramento de Camarão estavam em poder dos rebeldes. Os soldados de Rego Barros avançavam sempre; de um e de outro lado, as detonações estrondavam e á proporção que as descargas succediam-se mais densos alastravam-se os novellos da acre fumaça.

A noite descera sem ser presentida. Subito, mais forte que os roncos dos canhões, estalou nos céos a tempestade e uma chuva torrencial desabou. Ainda, sob o desaguar das nuvens, ao strugido dos trovões, os pernambucanos faziam fogo sobre o inimigo, mas o cansaço sobreveiu, as trevas invadiam tudo, a tempestade inutilisava a polvora. Fez-se uma trégoa anciosa, que a possibilidade da fuga do inimigo, favorecido pela noite, augmentava.

E de facto; o exercito de Camarão vadeou com risco a lagôa e, occulto pelas trévas, fugiu, deixando feridos, bagagens, armas e munições. Um padre, por nome Affonso Brôa da Fonseca, que lhe servia de secretario, não se arriscando a seguir os fugitivos, foi encontrado escondido num pequeno matto.

Um mez depois dessa estrondosa derrota chegava á Pernambuco o novo governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos, acompanhado do ouvidor José Marques Bacalhão e do juiz de fóra Paulo de Carvalho.

A nobreza e o povo pernambucanos recebeu-os com provas de visivel satisfação, esperando que lhes fosse feita toda a justiça, mas bem cedo se desilludiram porque os representantes d'El-Rei deixaram-se conquistar pelos *mascates* que eram prodigos em presenteal-os. O governador recebeu valiosissimo presente de ouro; o ouvidor e juiz lucraram dadivas avultadas. Pouco tempo depois Camarão, que andava errante pelos sertões, acossado pela nobreza e *pés-rapados*, como chamavam aos soldados pernambucanos, pôde voltar ao Recife onde foi recebido com ovações. Enfeitaram e alcatifaram as ruas de flores; das janellas dos *mascates* pendiam custosos tapetes e colchas de damasco em signal de regosijo publico; quando elle passou, ao som de businas, tambores, cornetas e vivas, as mulheres atiravam-lhe agua de Cordova, confeitos e vintens, delirando de enthusiasmo.

Desafiavam por esse modo a nobreza, que, attonita, esperava o seu exterminio.

O ouvidor abriu devassas e fez *bandos*, que consistiam no pregão publico dos crimes. Para o interior Camarão foi

fazer correrias perseguindo os pernambucanos ; um sujeito por alcunha *Tunda-Cumbé*, emigrado portuguez que fôra feitor de escravos do engenho de Mathias Vidal, onde esses lhe deram uma sóva (em ethiope *tunda)*, no logar denominado *Cumbé*, depois almocreve de peixe e por fim *mascate* (e que, pelos do Recife, fôra feito capitão) á frente de salteadores que compunham o seu bando, assassinava, incendiava, prendia sem vislumbres de responsabilidades.

Os que ficaram no Recife e em Olinda soffriam implacavel perseguição. André Dias, homisiado no collegio dos jesuitas, esteve por mais de uma semana em apertado cerco, sendo finalmente preso. Christovão de Hollanda Cavalcanti foi solto porque sua mulher D. Anna de Azeredo comprou a absolvição por desoito caixas de assucar. D. Manoel Alvares seguiu desterrado para as bandas de S. Francisco pagando com a convivencia dos incultos nas brenhas e reconcavos da colonia a audacia de se haver declarado pelos nacionaes. Bernardo Vieira de Mello e seu filho André, refugiados nos Palmares, apresentam-se expontaneamente para a irresponsabilidade do generoso homem que lhes deu asylo. No sertão do Ceará Grande o capitão Cosme Bezerra e dois filhos, após lucta renhida, são presos e conduzidos algemados, em dia claro, pelas ruas da Goyanna e Recife, debaixo de vaias e insultos. O capitão de ordenanças João de Barros Corrêa, João Tavares de Hollanda, Lourenço da Silva, Manoel Cavalcanti Bezerra e muitos outros seguiram para Lisbôa em 1713, sendo recolhidos aos calabouços do Limoeiro, onde morreram alguns e donde sahiram outros para o degredo perpetuo na India.

Emquanto continuavam as perseguições o governador carregava navios com assucar e madeiras preciosas e seus

juizes, pela amisade com os *mascates*, e graças á justiça de *almoeda* exercida ná capitania, accumulavam riqueza embora a custa do soffrimento brazileiro.

III

LEVANTE DE FILIPPE DOS SANTOS

(MINAS GERAES — 1720)

O ouvidor geral de Ouro-Preto, doutor Martinho Vieira, era homem authoritario e vingativo. Se o governador, D. Pedro de Almeida e Portugal, conde de Assumar, não sabia ter branduras nem recuar exigencias, o ouvidor não se mostrava menos propenso á persistencia das imposições e á severidade das medidas.

O povo das Minas, carregado de impostos para o fausto d'El-Rei D. João V, vexado de obediencias e justiça, só de nome justa, vivia desgostoso e surdamente ruminando velhos odios. Fallava-se de novo em uma lei, que El-Rei mandára obedecer, sobre a fundição do quinto de ouro e ameaças que o ouvidor Martinho Vieira fazia por não querer o povo cumprir o foral regio; portanto animados, em vesperas do dia de S. Pedro desse anno de 1720, desceram do morro de Ouro-Preto uns bandos armados que, reunidos a outros levantados da parte do bairro do Padre Faria, vieram á casa da Camara onde Filippe dos Santos foi proclamado commandante general dos

amotinados. Sahiram logo aos gritos de *viva o povo ! viva o povo !* a sitiar a casa do ouvidor Martinho Vieira que não esperou a approximação dos rebeldes para fugir, e apressadamente o fez, porque elles traziam muito furor para lhe perdoarem as maldades.

Fortalecidos com o concurso do mestre-de-campo, Paschoal da Silva Guimarães, convieram os rebeldes em enviar um emissario ao conde de Assumar explicando-lhe as razões do levante e as condições com que deporiam as armas.

Faltava a D. Pedro de Almeida meio prompto de reagir e, por isso, mettido na villa do Ribeirão do Carmo, recebeu com fingida attenção e espantosa cordialidade o emissario, a quem prometteu resolver a contento dos rebeldes.

A promessa do conde foi tão demorada que elles marcharam em direcção ao Carmo, com mais numerosos grupos, accordando pelas colinas a gente tardia com os gritos de *viva o povo ! viva o povo !*

A' entrada do Carmo encontraram o Senado da Camara com o seu pendão arvorado, e alguns religiosos do Rosario que para alli foram esperal-os a pedido do conde.

Assim incorporados, conduzidos por officiosos que tinham cordura por não poderem ter vinganças, chegaram a palacio onde expuzeram suas queixas. De novo prometteu D. Pedro conceder-lhes o que pediam.

Mas, como o prometter do conde era mais facil que o cumprir, as turbulencias augmentaram, demonstrando que os intuitos dessa gente não se limitavam ás medidas apresentadas. E de facto, numa reunião decidiram levar o motim á outras villas para expulsar o conde e impedir

que na capitania das Minas *entrassem outros governadores nem justiça posta por El-Rei*. Tinham já, para tanto, o apoio de Villa Rica; andavam emissarios alliciando gente, e outros despertando adeptos. Tambem o conde de Assumar, em vez de cuidar das reformas que elles exigiam, cuidava de armar soldados para batel-os. Quando se viu forte mandou prender Filippe dos Santos e outros cabeças. Mais irritados ficaram os rebeldes que abriram em hostilidades, matando os que julgavam espiões, apedrejando as moradias dos que lhes não prestavam apoio, e convulcionando os povoados. Então o conde de Assumar levantou-se do Ribeirão do Carmo, a testa de um regimento de dragões e enorme contingente de pretos e aventureiros commandados pelo sargento-mór Manoel Gomes da Silva.

E, *viva El-Rei*! marchou sobre Villa Rica, onde, o que não fez a espada e o arcabuz, o fogo completou. No meio da fumaraça, entre o flammar crepitante do incendio, os soldados faziam a pilhagem como um bando estonteado de demonios. As madeiras ringiam aos arremessos raivosos das chammas, esboroavam paredes, num ruido de desmantelo de ruinas; bulcões de fumo bufavam para o ar escurecido em que pyrilampejavam scentelhas, revoavam fagulhas; numa gritaria barbara, entrecruzavam-se a negraria despérta das furnas da mineração e os soldados do governo, arrastando os trophéos do saque, que era partilhado em lucta, por qual melhor pulso tivesse ou mais afiada a arma que o ligeiro braço manejasse.

Não bastaram o saque, o incendio, o arcabuzamento.

Filippe dos Santos teve de expiar na forca o crime de insubordinação, e seu cadaver, esquartejado pelos carniceiros da justiça, foi arrastado em partes pela poeira

dos caminhos, de povoação em povoação, espincaçado nas urzes, escoriado nos seixos, esfrangalhado, dilacerado nas arestas pedregulhosas das serras, regando com o seu generoso sangue de proto-martyr da Liberdade a terra das Minas, onde o ouro poderoso dorme no amago das rochas e a nobre idéa da autonomia, que é a força consciente do poder, palpita nos atomos dos espaços, revigorando e illuminando a alma de seus filhos.

IV

INCONFIDENCIA MINEIRA

(MINAS GERAES 1789—1792)

A *Declaração* do Congresso das Colonias Unidas d'America do Norte, firmada em 4 de Julho de 1776, despertou em alguns brazileiros, que estudavam nas Academias da Europa, a idéa da independencia da sua patria.

Em Coimbra, doze estudantes organisaram um club para, secretamente, tratar dos meios propicios á realisação desta idéa, e em Montpellier tres outros brazileiros, os fluminenses José Marianno Leal, José Joaquim da Maia e o mineiro Domingos Vidal Barboza, combinavam projectos visando igual fim.

José Joaquim da Maia depois de escrever ao norte-americano Thomaz Jefferson, ministro plenipotenciario em França, teve com elle uma entrevista em Nimes para obter o apoio de sua nação em favor da projectada independencia brazileira, mas, a posição official de Jefferson e os interesses internacionaes do seu paiz não desvendaram promessas ao moço estudante. Pouco tempo depois, quando elle pretendia voltar á patria, talvez sonhando com a

gloria de uma bem succedida agitação revolucionaria, a morte cortou-lhe as aspirações em Lisboa.

A emancipação da vasta colonia americana da Gran-Bretanha, o valor do pequeno exercito semi-nú de Washington sitiando a força ingleza em Boston, o patriotismo dos congressistas de 1776, eram obrigado assumpto em todas as palestras, e na rica capitania das Minas Geraes tornou-se enthusiastico thema de conversa por horas remançosas do dia ou nas visitas nocturnas, por entre o discretear dos *lettrados*.

As primeiras e timidas conjecturas de igual destino ao Brazil, incendiaram a imaginação de Joaquim José da Silva Xavier, ex-alferes da cavallaria de Minas, conhecido em Villa Rica pela alcunha de *Tiradentes*, devida a sua grande habilidade no manejo do boticão e no preparo de dentaduras artificiaes. Vivendo vida nomade e malaventurada, ora de mascate, ora de contractador de mineração, corria terras e por onde passava ia exaltando as vantagens do governo adoptado pelos Estados Unidos, creando para si a correntia reputação de *louco*, tal o desembaraço e enthusiasmo com que expunha suas idéas.

Os ardentes discursos de Tiradentes levaram alguns medrosos á convicção de que se tramava contra o dominio da Metropole. Não faltou quem fosse dar disso aviso ao governador, mas o incredulo Luiz da Cunha Menezes ergueu os hombros e murmurou o quer que fosse de indifferente ás *loucuras* do propagandista.

Em uma das suas viagens ao Rio de Janeiro, feita com o proposito de entregar em mãos do vice-rei um requerimento sobre empreza de trapiches e canalisação d'agua para o abastecimento da vice-côrte, aconteceu-lhe

encontrar o seu conterraneo José Alves Maciel, recem-chegado da Europa onde tinha estudado. Bem depressa os dois entraram em camaradagem e Alves Maciel, que havia pertencido ao *Club dos Doze*, attendendo ao animo desse homem cujo rosto tostado aos mormaços das jornadas, de grandes barbas prophéticas, illuminava-se de esperanças que sua intelligente loquacidade mais acalorava, cuja herculea estatura dava-lhe uma expressão de resoluto e capaz, explanou um projecto revolucionario de accordo com as idéas que elle apresentava sobre a opportunidade de aproveitar-se da cobrança do quinto de ouro, que estava atrasada e que a côrte de Lisboa mandaria fazer em *derrama* para impedir protelações e evasivas.

Tiradentes impressionou-se com as claras considerações de Alves Maciel. Partindo para Minas continuou com mais ardor a propaganda, indo procurar logo o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante da tropa regular da capitania, muito considerado pelos estreitos laços de familia com o ex-governador do Rio, conde de Bobadella.

Francisco de Paula ouviu com enthusiasmo a exposição de Tiradentes e, após longa conferencia, protestou todo o auxilio ao progredimento da idéa. Em sua casa começaram as reuniões conspiradoras a que assistiam Ignacio José de Alvarenga, o poeta, coronel do 1° regimento auxiliar do Rio Verde; Domingos Alves Vieira, tenente-coronel da cavallaria auxiliar de Minas Novas, padres José da Silva Oliveira Rolim, Carlos Corrêa de Toledo e Luiz Vieira da Silva.

A agitação desenvolveu se na capitania e a chegada do visconde de Barbacena, seu novo governador, em vez

de provocar retrahimentos, fomentou os conventículos. Já se destendiam por toda a parte os meandricos fios da conjuração e difficil seria encontrar quem lhes não sentisse a envoltura.

Minas, a vasta capitania que sustentára, obediente e laboriosa, o fausto religioso de D. João V; Minas, que mais que outra terra da immensa colonia portugueza, vira suas agrestes serras mudadas em povoados, seus alcantis devassados e suas rochas esburacadas pelos bandos aventureiros, suas villas desvairadas na ostentação do ouro e na pratica dos vicios transplantados pela invasão dos ambiciosos, mas toda entregue ao alarido do trabalho, fizera-se mysteriosa e suspeita, dominada pelos projectos rebellionarios e conluios do levante.

Os mais eminentes, os mais afortunados homens que ahi viviam eram envolvidos na urdidura conjuratoria. A rebeldia esgueirava-se pelas declivosas ruas de Villa Rica, como um vulto de crime, fugindo á mortiça claridade das habitações abértas, onde ardiam vélas de carnaúbeira brazilica ou o algodão retorcido das candêas de ferro. A' sombra dos casarões ricos segredava-se palavras cabalisticas; trocava-se promessas e juramentos. Até á porta da casa do ouvidor Thomaz Antonio Gonzaga, ella esquadrinhava cautelosa; e elle, alheio aos cicios dos planos, aos olhares esguelhentos da cumplicidade, traçando n'aspereza do papel as rimas de suas canções bucolicas que a imagem de D. Maria Dorothéa de Seixas, sua noiva bem amada, clareava com a pureza de seus amores, não percebia que a phantastica e prevenida aranha da rebellião ia nevoando com a tecedura perigosa da sua trama a branca visão de *Marilia*, de que sua mente tão cheia estava!

V. errata da 2.ª edição

Nesse tempo, Tiradentes, como um vulto desgrenhado de lenda, passava *blasphemando* contra a Metropole. O écho da sua voz estalava nas colinas, pela extensão das estradas, na poeira luminosa dos dias, na pulverulencia prateada dos luares. Cahiam-lhe nas espaduas robustas os anneis da farta cabelleira grisalha; na cava das orbitas as pupillas luziam cheias de sonhos e de esperanças. Mais que nunca sua palavra ardia—passára dos projectos para a concitação: «E' nosso este paiz, é nosso este solo! Os vis que rabeem, os covardes que se quedem! Nós iremos levantar os fórtes e sahiremos a restaurar a terra!»—E os fracos que o escutavam, pallidos, levavam as mãos aos ouvidos, fixavam aterrorisados o silencio dos recantos, a quietitude estarracada das rochas sobre a grandeza bravia das mattas até a muralha longiqua do Itacolomy. Mas, no intimo de todos, ficavam as brazas dessas palavras, ardendo como as apostrophes de Iaokanann, o João Baptista do catholicismo, quando, na furna humida de Machœrous, a espapada carranca de Antipas esgazeava os olhos para as trévas da sua caverna, onde elle ululava contra a devassidão da Galiléa dominada.

E esse ignorante, escoriado pelas infelicidades, illuminado por uma scentelha de ideal, fazia-se a alma da *conjuração*, o grande agitador da Independencia, arrastando no seu enthusiasmo doutos e timidos, sacudidos de chofre em seus pensamentos de patriotas. Era elle quem avisava das reuniões secretas, quem animava os irresolutos, e sahia a buscar pelos sertões novos recursos para a causa da liberdade. Se, ao passar pela casa de Balthazar Mayrink, devisava Gonzaga bordando o vestido nupcial de Dorothéa, a colera vinha-lhe aos labios, bramava con-

tra os que não sabiam ser homens. Se encontrava Domingos de Abreu segredando com Ignacio de Alvarenga partia a cantar victoria. A paixão desvairava-o e, sem escrupulos, proclamava os nomes dos que se compromettiam. Eram os José de Resende Costa, pai e filho, Domingos Vidal Barbosa, Luiz Vaz de Toledo Piza, Salvador Gurgel do Amaral...

Todos esses tinham participação na rebeldia, prestaram o juramento sagrado da Inconfidencia.

Claudio Manoel da Costa, o respeitabilissimo jurisconsulto de Villa Rica, considerado homem de lettras e culto espirito preparado no velho continente, prestou o seu valioso concurso á causa republicana. Fallava-se tambem em outros nomes, entre elles no de Gonzaga, talvez para inspirar confiança no movimento.

Combinaram dar começo ao levante no dia em que se annunciasse a derrama. Aproveitando-se da noite um grupo de homens sahiria á rua, a gritar — Viva a liberdade! — « a cujas vozes acudiria o povo que se achava contrariado, e o tenente-coronel Francisco de Paula formaria a tropa, fingindo querer rebater o motim, manejando-a com arte e dissimulação, emquanto da Cachoeira, onde assistia o governador geral, não chegasse Tiradentes trazendo a sua cabeça, que deveria ser-lhe cortada. »

A esta deliberação oppuzeram-se alguns e com bons argumentos opinaram pela sua prisão e conducção para fóra dos limites da capitania. Iniciada a revolução por esta forma, um *bando* proclamaria nas terras mineiras a adopção do governo republicano, cujas leis ficariam ao cuidado de uma escolhida junta provisoria. Tratar-se-ia

incontinenti de mudar a capital para São João d'El-Rei, estabelecendo-se uma universidade em Villa Rica; proclamar-se-ia a liberdade da mineração, fundar-se-iam fabricas de tecelagem e outras manufacturas de que era grande entendedor José Alves Maciel por tel-as estudado na Inglaterra. Por proposta de Claudio Manoel acceitou-se a abolição dos escravos para a formação do exercito de defesa e o projecto de uma bandeira, que Tiradentes ideára com tres triangulos symbolisando os mysterios da Santissima Trindade, de que elle era devoto, mas que Claudio Manoel da Costa modificou, substituindo os triangulos por um genio quebrando as cadêas do servilismo com a inscripção—*Libertas quæ sera tamem*, em fundo azul e branco.

O lançamento da derrama, porém, não se fazia. Thomaz Gonzaga convenceu o intendente de Villa Rica, dr. Francisco Gregorio Pires Bandeira, de que o pagamento do quinto seria motivo para graves perturbações, e o visconde de Barbacena recebia do coronel Joaquim Silverio dos Reis delação do levante, que estava preparado para o dia da execução da ordem regia.

Não suspeitaram os *inconfidentes* da causa da estranhavel demora, talvez attribuindo-a aos fundados receios do governo em praticar tão vexatoria medida, mas não se dissuadiram tambem dos seus intentos. Falhando essa causa, era opinião dos padres Oliveira Lopes e Corrêa de Toledo—as cousas estavam encaminhadas de tal maneira que ou se faria a revolução, ou elles cahiriam em mãos da *justiça* do governador.

Tiradentes veiu para o Rio de Janeiro concertar a opportunidade que deveria ser annunciada pela nova—*em tal dia é o baptisado*—e em caminho ajuntou-se-lhe Joa-

quim Silverio que vinha a mandado do visconde de Barbacena, tambem informado pelo mestre-de-campo Ignacio Pamplona e outros, dar parte detalhada a Luiz de Vasconcellos do conluio entre mineiros e fluminenses para a realisação do *nefando crime*. Ignorando as disposições do coronel portuguez, Tiradentes deu-lhe esclarecimentos das ultimas deliberações, como em hospedarias de Varginha e Cebolas fallava claro e desassombradamente da missão a que vinha.

Apenas chegado á cidade de São Sebastião teve entrevistas com diversos habitantes; infelizmente, porém, com o conhecimento dos espiões do vice-rei, que não o perdiam de vista. As sympathias que elle conseguira na vice-côrte procuraram salval-o da pista dos malsins, mas tarde se manifestou o generoso intento.

No dia 10 de Maio de 1789 era elle preso em uma casa da rua dos Latoeiros, moradia de Domingos Fernandes, onde se occultára por tres dias, aguardando que seus bons amigos promptificassem as cautelas com que o levariam a salvo para o momento da fuga.

Com rapidez esta noticia chegou á capitania de Minas. Sem perder tempo o visconde de Barbacena mandava prender os apontados cabeças e todos que lhe pareciam suspeitos, principiando com igual presteza a devassa sobre a conjuração. O terror espalhou-se depressa. Agora o enthusiasmo mudava-se em fraqueza. Compromettidos e chefes recriminavam-se no desespero de salvamento. Claudio Manoel da Costa, vencido pelo insuccesso da rebellião quanto pelo terror das humilhações, procura no suicidio a sahida honrosa desse desastre. Ao amanhecer do dia 1 de Julho de 1789, encon-

tram-no estrangulado por atilho preso a uma almanjarra que existia no carcere.

No Rio, retirado de quando em quando das masmorras da Ilha das Cobras, Tiradentes respondia aos interrogatorios sem negar as accusações. Acareado com os compromettidos que em sua companhia foram presos, a sua palavra firme, a sua larga voz de provinciano convicto, cahiam nos ouvidos dos formadores da culpa desresponsabilisando os companheiros, humildes e angustiados diante das terriveis apprehensões que seus espiritos creavam.

Era necessaria a presença de outros réos para a regularidade do processo, e elles vieram de Minas, sob a guarda do major José Botelho de Lacerda, commandante do esquadrão de cavallaria do Rio. A jornada tornou-se lenta porque os rèos vinham algemados sobre cavallos que sujos tropeiros puxavam, e os calores do verão começavam rigorosos. Nos ranchos que não eram abértos o major José Botelho, condoido da sorte de tantos e tão distinctos homens, retirava-lhes as algemas para no dia seguinte lh'as collocar em seguimento da jornada.

Com a chegada dos recriminados continuaram as devassas. O conde de Rezende, que viera substituir Luiz de Vasconcellos, queria dar minuciosa conta do crime, e o seu temperamento rancoroso e taciturno não attendia ao soffrimento desses homens atirados por longos mezes aos calabouços, acorrentados como bandidos, inqueridos ardilosamente por juizes prevenidos, e sujeitos ao julgamento de uma junta enviada de Lisboa em 1790, composta de tres ministros—Antonio Diniz da Cruz e Silva, extravagante; Antonio Gomes Ribeiro, agravista; e Sebastião

Xavier de Vasconcellos, juiz de alçada com carta de conselho.

O processo seguia vagaroso e rebuscador, augmentando o padecimento dos réos.

A unica voz que não tremeu, a unica face que o medo não manchou, foram as de Tiradentes. Elle só era o culpado. Que a pena infamante recahisse sobre sua cabeça! E nunca de seus labios sahiu palavra que fizesse agoniar seus companheiros. Aos olhos desses miseros amedrontados aquella figura do heróe, bastante robusta para supportar a criminalidade do *accordão*, deveria illuminar-se gloriosamente, deslumbrando pela grandeza de sua alma, deshumanisado pela idéalisação de seus sonhos.

Gonzaga que se agarrava soffrego, num transe desesperado, ás minudencias de seu viver em Villa Rica, pastor Dirceu dos alvos rebanhos de sua Marilia por quem passava vigilias, meditando na métrica dos versos sonorosos e que appellava para sua naturalidade portugueza com o proposito de repellir qualquer participação no levante, cravava os olhos nostalgicos e lagrimejantes nessa mão de forte quando ella, num gesto indicativo acompanhava a negação—Este, não. Este não era dos meus, que meu inimigo sempre foi.

Ignacio de Alvarenga, soldado e poeta, que compuzera um soneto supplicante, invocando a *magnanimidade da excelsa rainha*, reanimava-se ao ouvir a clareza da voz mineira do *louco* Xavier, porque ella o não accusava. E todos, servos cabisbaixos do terror, anciando nas duvidas do que viria, todos, eram innocentados por esse extraordinario ser, homem rude das montanhas, que fallava

com a eloquencia dos predestinados, sob as abobodas retumbantes do carcere.

A *clemencia* da rainha D. Maria I lançou um tributo de crueldade sobre os conjurados. Após tres annos de processo, mettidos na tenebrosidade das enxovias, carregados de brutos grilhões, foram onze condemnados á morte em forca publica, com infamia sobre seus descendentes, e os demais em degredo perpertuo na terra adusta de Africa.

Nessa noite de 19 de Abril de 1792 passaram os réos para o oratorio da cadêa, onde tiveram entrada onze frades franciscanos para confortal-os.

A leitura da sentença, a recusa de um embargo, desalentaram as victimas. Vidal Barbosa e Ignacio de Alvarenga davam mostras de demencia; o primeiro ria-se, dizendo incoherencias; o soldado-poeta recriminava sua esposa por lhe ter impedido de revoltar-se na occasião do fracasso, e misturava suas coleras com as ternuras com que se lembrava de sua filha; os dois Rezendes abraçados, apezar das algemas, confundiam seus soluços; Domingos de Abreu, curvado por setenta annos de idade e pela crueza dos algozes, mal respirava apoiado ao peito de um fiel escravo que o acompanhára; Maciel resava compungidamente; Francisco de Paula cahira num collapso, como se houvera perdido a noção da vida real; outros companheiros meditavam acabrunhados; só o Tiradentes era impassivel, a physionomia aclarada, o ouvido attento ás exhortações que o religioso lhe fazia.

Por fim a resignação triumphou.

Então o guardião do convento de Santo Antonio celebrou o edificante, incruento sacrificio da missa, em meio

do mais profundo silencio; após, com mansidão de gestos e palavras piedosas, dirigiu-se a cada um dos sentenciados e deu-lhe o pão eucharastico.

Na manhã do dia 20, depois da saudação angelica do meio-dia, entraram no oratorio o desembargador, o escrivão e o deputado que fizeram a leitura da carta regia pela qual D. Maria I, rectificando a sentença da Relação do Rio de Janeiro, commutava a pena de morte em a de degredo perpetuo na Africa aos dez sentenciados e confirmava a imposta ao réo Tiradentes.

A noticia desta commutação chegou ao conhecimento da immensa turba popular que se apinhava nas proximidades da cadêa, e logo ella, versatil e ingenua, prorompeu em *vivas a rainha*, que échoaram na prisão onde os perdoados, dominados pela alegria, felicitavam-se mutuamente, sem uma palavra de piedade ou confortalecimento para o maior de todos os que pensaram numa Patria livre, porque foi o unico que não renegou seu grandioso idéal.

Aos primeiros clarões matutinos de 21 de Abril, accordaram-no do sereno somno em que tinha passado a derradeira noite de sua vida. Estava calmo. Volveu os olhos para o religioso e pediu o crucifixo com que rezou por longos minutos, e, tendo-se approximado o carrasco, disse-lhe placidamente:

«O' meu amigo! Deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés.»

Depois vestiu a alva ignominosa e esperou, resignadamente, a hora do martyrio.

Os representantes da justiça encontraram-n'o neste socego de justo, quando vieram fazer-lhe a notificação da sentença. Elle ouviu-a, com impertubavel coragem:

«Justiça que a rainha Nossa Senhora manda fazer a

este infame réo Joaquim José da Silva Xavier, pelo horroso crime de rebellião e alta traição, de que se constituiu chefe e cabeça na capitania de Minas Geraes, com a mais escandalosa temeridade contra a real soberania e suprema authoridade da mesma Senhora, que Deus guarde.

«Manda que, com baraço e pregão, seja levado pelas ruas publicas desta cidade ao lugar da forca e nella morra morte natural para sempre, e que, separada a cabeça do corpo seja levada á Villa Rica, aonde será conservada em poste alto, junto ao lugar de sua habitação até que o tempo a consumma; que seu corpo seja dividido em quartos e pregados em iguaes partes pela estrada de Minas, nos lugares mais publicos, e principalmente no da Varginha e Cebolas; que a casa de sua habitação seja arrasada e salgada e ao meio de suas ruinas levantado um padrão em que se conserve para a posteridade a memoria de tão abominavel réo e delicto, e que ficando infame para seus filhos e netos lhe sejam confiscados seus bens para a corôa e camara real.»

Eram onze horas de um dia primaveral, brilhante de sol e de um azul intenso, quando os tambores rufaram annunciando o sahimento do suppliciado.

A população alvoratou-se curiosa. Nas ruas da Cadêa, do Piolho e no vasto campo da Lampadosa as janellas de todos os predios apresentavam alegre aspecto festivo pela variedade espaventosa dos vestuarios femininos. Difficilmente os soldados conservavam a liberdade do transito porque a agglomeração crescia com a demora do prestito. Por fim, os sinos dos *Carmelitas* dobraram plangentes, badalando agonias. Ao fundo da estreita rua da Cadêa surgiu o aprumado tronco do juiz-de-fóra montando

bello cavallo... A multidão apertou-se, fazendo alas. Soaram matracas. E a marcha começou numa lentidão processional. A' frente vinha arvorado o pendão do Senado da Camara, vinham os ouvidores em suas togas, o clero com o pallio aberto, as irmandades com seus guiões e distinctivos... Depois passaram as oparlandas escuras dos franciscanos, os habitos negros dos benedictinos, as estamenhas dos carmelitas. Esmoléres estendiam sacólas ao povo, para missas por alma do suppliciado... e as sacólas pesavam, repletas de obulos, cheias de dobras de ouro. Populares acompanhavam a passo o funebre desfilar do prestito. Após um enxame de ciganos maltrapilhos, appareceu a alta figura da victima, em alva, custodiada por bayonetas. Caminhava firme, olhos póstos no crucifixo que trazia nas mãos algemadas; seus labios, por vezes, tremiam no fervor das orações; de seu pescoço pendia o baraço infamante cuja extremidade o carrasco segurava; dous frades de Santo Antonio ladeavam-o. A espaços as matracas batiam e de quando por quando o prestito parava, um meirinho lia com voz rouquenha a sentença; mas, tambores rufavam e a marcha continuava lenta, seguida de povo, num sussurro arrastado de passos.

Em algumas janellas mulheres persignavam-se, de outras cahiam moédas para as missas. A' passagem do pallio a multidão dobrava os joelhos; um gemido chorava no ar: era o *Bemdicto* que os genuflexos entoavam.

E assim, de baraço e pregão, Tiradentes chegou á forca levantada nas circumsvisinhanças da chacara de Diogo Dias Paes Leme, nesse vastissimo campo da Lampadosa, todo cobérto da verdura vicejante do seu aban-

dono, alagado de pantanos donde emergiam aves aquaticas, espalmando azas multicores, em guinchos de surpreza.

Quando o carrasco passou o laço ao poste, o heróe da Inconfidencia quiz fallar á multidão, mas a corda o estrangulou ao peso do algoz; por momentos os estrebuchos sacudiram seu corpo... e, no espaço, a vista do povo, ficou oscillando lentissimo o cadaver desse grande brazileiro que a Historia glorificou por toda a eternidade.

A traição de Joaquim Silverio dos Reis foi generosamente paga pela côrte de Lisboa.

Enviado pelo conde de Rezende ao reino de Portugal para receber pessoalmente o pagamento da *sua fidelidade de vassallo portuguez*, como primeiro denunciante da conjuração mineira, por decreto de 4 de Outubro de 1794 obteve a mercê do habito de Christo e 200$000 de tença, pagos effectivamente; por decreto de 13 do mesmo mez foram-lhe entregues todos os seus bens que se achavam apprehendidos pela Real Fazenda por alcance de 167:553$770; assim como levantado foi o sequestro feito aos seus fiadores; por decreto de 20 de Dezembro do mesmo anno foi nomeado fidalgo da Real Casa com fôro e moradia, passando a assignar-se Joaquim Silverio dos Reis Montenegro, e obteve a mercê da Thesouraria Mór da Bulla de Minas, de Goyazes e Rio de Janeiro.

A recompensa material foi grande, mas, emquanto um sagrado panno auri-verde marcar ao mundo a terra brazileira, a sua memoria será execrada e de nenhum labio jamais sahirá phrase de piedade para a eterna infamia de seu nome.

.V

REVOLUÇÃO DE 1817

(PERNAMBUCO)

A crescente prosperidade dos Estados Unidos do Norte e os felizes movimentos separatistas das colonias hespanholas, na peninsula sul-americana, após a claridade espalhada por todo o mundo civilisado pela estrondosa revolução franceza, chegaram á grande colonia de Portugal n'America como o amanhecer bonançoso de um dia promettedor, depois de longa noite de trévas e angustias.

A tentativa revolucionaria de Minas Geraes pela qual o generoso *Tiradentes* pagou no patibulo o seu amor patrio, fôra o primeiro signal do accordar de um povo que viera crescendo, preso á tutela da Metropole, entre provações e miserias. O sangue jorrado do esquartejamento do martyr da *Inconfidencia* fecundou a terra sagrada do Brazil, levando seiva e dando alento ás raizes da Liberdade que já começára a estender seus ramos ao sol para abrir a fronde protectora e verdejante

Em 1800 Pernambuco condensou num chymerico projecto de republica, sob o protectorado da França, a sua

emancipação politica, sendo presos, por esse motivo, os irmãos Suassunas. Não teve o governo da Metropole necessidade de armar a forca e preparar o baraço infamante, como fizera em 21 de Abril de 1792, porque o projecto não ia alem dos sonhos d'aquelles dous irmãos, ricos proprietarios de terras e engenhos. Contentou-se em prendel-os, mandando mais tarde restituir-lhes a liberdade.

A pressão que o governo portuguez exercia sobre o Brazil, sobre tudo a sua interferencia directa na vida intima do povo, augmentavam os desejos de emancipação, separando os dous povos por largo traço de antipathias já explodidas na guerra dos *mascates*. Duas classes mais directamente recebiam os impulsos desse surdo rancor, talvez porque mais prejudicadas se sentissem com a concurrencia portugueza; eram os militares e os ecclesiasticos. Na segunda havia homens de notavel instrucção, salientando-se no magisterio, nos estudos philosophicos e mathematicos e na tribuna sagrada. Era desses o reverendo padre João Ribeiro Pessoa, alma de uma candura immaculada, toda votada ao bem, e cujo saber, pelo apurado commercio com os bons auctores, era fonte perenne de acertados conselhos e cariciosos consolos.

No espirito do padre João Ribeiro crescia uma unica ambição e, essa, tão sanctificada pelos seus intuitos que mais era uma apreciavel qualidade que germem de desvairada paixão. Conseguir a liberdade de sua patria, fazel-a grande e poderosa, tal foi o seu idéal.

Facil tornou-se o trabalho de propagal-o á quem tão insinuante, mansa e convictamente fallava, e ouvido sempre foi com attenção e humildes olhares. Já por esse tempo a idéa emancipadora fervilhava nos quartéis

pondo desmedido calor nos peitos brazileiros. Concorriam muito para essa divulgação as 5 lojas maçonicas existentes em Pernambuco, ligadas com as da colonia e as do velho mundo, prestando-se mutuamente decidido apoio.

Em 1816 o sentimento separatista tinha ganho todas as camadas sociaes, o vento da revolução agitava todos os espiritos, do palacio do rico á cabana do pobre, do mais recondito sertão á vida afanosa da capital.

As timidas manifestações dos patriotas cederam ás enthusiasticas e francas discussões; dizia-se claramente o que era preciso dizer e o que era preciso calar; a idéa não revestia formas discretas, desnudava-se com apparato; nos banquetes eram banidos o *pão e o vinho de Portugal* e substituidos pela mandióca e aguardente indigenas, e as conferencias secretas sahiam da sombra das conjurações para a luz da notoriedade. Esse estado de cousas reclamava uma providencia energica do capitão-general Caetano Pinto Montenegro, homem frouxo nas suas deliberações e de natural receioso para fazer reacção, postoque, na sua qualidade de capitão-general, tivesse amplos poderes para agir como entendesse e quizesse. Por diversas vezes chegaram aos seus ouvidos avisos e denuncias, por ultimo mais frequentes, até que, em uma festa de Nossa Senhora da Estança, festa celebrada todos os annos em commemoração da derrota dos hollandezes naquelle lugar, um preto, official do regimento dos *Henriques*, esquecendo-se do perigo a que se expunha e com uma ousadia extraordinaria áquella época, esbordoou um portuguez que injuriava o Brazil. A audacia do official preto foi a confirmação de tudo quanto lhe traziam os novelleiros e ciosos da propotencia metropolitana. Não satisfizeram-se os portuguezes com a

censura mandada fazer por Caetano Pinto, promettendo castigo aos auctores das desavenças; quizeram maior energia e prompta repressão. E por uma denuncia dada pelo juiz Cruz Ferreira, reuniu-se o conselho militar que tomou a deliberação de effectuar a prisão dos implicados nas agitações então já conhecidas.

Foram presos o reverendo João Ribeiro Pessoa e os negociantes Domingos José Martins e Antonio Gonçalves Cruz, o *Cajubá*.

Mais difficil foi a prisão dos militares, pois, no dia 6 de Março de 1817, tendo o brigadeiro portuguez Manoel Joaquim Barbozą, homem de temperamento violento e desmedido orgulho, mandado recolher-se á fortaleza das Cinco Pontas o capitão Domingos Theotonio, entra arrogantemente no quartel de artilharia, ordena tocar formatura geral em armas, e dá voz de prisão a dous officiaes brazileiros, José de Barros Lima, chamado o *Leão Coroado*, e José Mariano de Albuquerque Cavalcanti. Os dous sahiram de seus postos; inesperadamente, desembainhando as espadas, acommettem o brigadeiro, conseguindo o primeiro cravar-lhe a arma no peito e estendel-o morto. Esta scena de sangue e indisciplina causou confusão no quartel. Ao impeto dos ousados officiaes não houve quem se mexesse, o arremesso fora tão inesperado que á todos paralysou; mas, quando o brigadeiro cahiu, estrebuchante e ensanguentado, o terror dos officiaes portuguezes levou-os a uma fuga vergonhosa. Os soldados de linha, todos nacionaes, puzeram-se ao lado dos rebeldes, e logo as egrejas tocaram a rebate e as cornetas soaram o signal de alarma. A cidade agita-se. Os patriotas correm ás armas, a gente do governo apresenta-se em palacio. Um ajudante de

ordens do capitão-general, tenente-coronel portuguez, foi mandado a dominar o levante no quartel de artilharia, mas ao chegar alli é recebido com voz de fogo pelo capitão brazileiro Silva Pedroso e, como o brigadeiro, cae banhado em sangue.

Dado o signal, que as cornetas repetiam e os sinos badalavam, o marechal portuguez José Roberto reune no campo do Erario grande contingente de milicianos, aguardando munições que estavam na fortaleza do Brum; mas Domingos Theotonio, já livre da sua prisão, parte com um grupo de soldados por traz do muro do convento de São Francisco a cercar o marechal, emquanto Silva Pedroso com populares, entre os quaes se achava Domingos Martins agitando uma bandeira branca e dando vivas á liberdade, corta a retirada da força miliciana. Cercado por dois lados, sem munições para resistir, o marechal entrega-se aos revolucionarios, pedindo-lhes que o conduzam á fortaleza do Brum, onde se achava o governador e sua familia. Esse pedido foi attendido, seguindo o marechal para seu destino sem que soffresse o menor desacato.

Em alguns pontos da cidade os portuguezes procuraram reagir. No arco da Conceição formaram uma barricada que o tenente Antonio Henriques fez voar á metralha. Em Boa Vista o capitão portuguez Madeira intenta oppor-se a excitamento do tenente Francisco Antonio de Sá Barreto e é morto.

O primeiro cuidado dos patriotas é o de reunir um conselho e dar seguimento a revolução. Uma junta provisoria composta do padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, mais conhecido pela alcunha de padre *Miguelinho*, João Ribeiro Pessoa, Jacome Bezerra, Filippe Nery

Ferreira e Antonio Gonçalves Cruz, decide o ataque á fortaleza do Brum, enviando uma expedição á Olinda para empedir soccorros aos sitiados. Para esse fim organisou-se uma pequena força de 30 homens commandada por José Marianno e Amaro Francisco de Moraes que não encontraram a guarnição, porque essa viera á toda a pressa chamada ao Brum; a cidade estava fechada, dominada pelo panico que a sahida intempestiva da guarnição e as noticias do Recife augmentavam. O commandante da força expedicionaria mandou tocar a rebate, mas inutilmente porque ninguem teve animo de vir á rua; e, se não fosse a adhesão humilde do deão da cathedral Bernardo Luiz Ferreira Portugal, a cidade de Olinda seria uma cidade vencida pelo terror de seus habitantes, sepultados em suas casas como se ellas tivessem o direito da inviolabilidade numa época de revolução!

Nesse tempo Caetano Pinto recebia das mãos do advogado José Luiz de Mendonça, no dia 7 de Abril, a notificação de sua retirada da provincia. A columna sitiante era composta de 800 homens, commandada por Domingos Theotonio que não teve necessidade de sustentar fogo. O capitão-general recebeu o parlamentario como se estivesse indefenso, quando a fortaleza era a melhor artilhada, tinha uma boa guarnição augmentada com o reforço de Olinda, e servia de deposito da polvora. Com elle estavam os generaes portuguezes Manoel José Roberto Pereira da Silva, Gonçalo Marinho de Castro, Luiz Antonio Salazar Moscoso e José Peres Campello; os tres primeiros preferiram ficar prisioneiros a ser conduzidos para a Côrte como pedia Caetano Pinto, o ultimo obteve licença para embarcar-se num navio destinado á Portugal.

A generosidade da junta revolucionaria chegou ao excesso de attenções mandando fretrar um navio tripolado por gente de sua confiança, para conduzir Caetano Pinto e sua familia ao porto do Rio de Janeiro. Essa embarcação chegou á entrada da bahia fluminense, depois de uma feliz viagem, mas, por imprudencia e enthusiasmo de seu commandante, moço republicano em quem a junta confiava por suas nobres qualidades, ao se approximar de Santa Cruz hasteou no mastro da mesena a bandeira branca da revolução. A fortaleza desconheceu a bandeira e como o barco tentasse entrar fez-lhe fogo, obrigando-o á parar sob suas baterias. Conhecendo da sua procedencia e do motivo porque arvorára essa bandeira, foi aprisionado, seguindo todos os seus tripolantes e passageiros, sem distincção, para os calabouços da ilha das Cobras, onde a côrte, irritada com o procedimento de Caetano Pinto, deixou-o com seus filhos, soffrendo a humilhação de um preso vulgar.

Sem os costumarios excessos que as revoluções trazem, porque houve energia dos chefes para reprimir os primeiros abusos e symptomas anarchicos que os facinoras, libertos das cadêas, começaram a praticar; organisou-se um governo provisorio com os seguintes republicanos— padre João Ribeiro Pessoa, capitão Domingos Theotonio, advogado José Luiz de Mendonça, o agricultor coronel de melicias Manoel Corrêa de Araujo e o negociante Domingos José Martins. Apenas constituido o directorio seus membros desistiram nobremente de qualquer ordenado que lhes competisse e derigiram um appello de adhesão aos mais distinctos cidadãos de terras pernambucanas. O mesmo directorio escolheu um conselho composto dos cidadãos Gervasio Pires Ferreira, Antonio de Moraes e Silva

(o auctor do celebre diccionario da lingua portugueza), ouvidor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (irmão do patriarcha da Independencia José Bonifacio) o deão de Olinda Bernardo Ferreira Portugal e o proprietario portuguez Pereira Caldas. Formado os corpos executivo e consultivo, o 1° secretario, padre *Miguelinho*, lançou ao povo uma proclamação redigida em phrases enthusiasticas mas criteriosas, alheiadas de pequeninas paixões politicas e dignas de um governo que precisava de provar ás capitanias visinhas os intuitos progressistas, pacificadores e incomparaveis da nova forma adoptada. Foi pois francamente autonomista e republicano o movimento de 1817. Os soldados, assim que conheceram da capitulação da fortaleza do Brum, arrancaram das barretinas as armas reaes e os officiaes agraciados com ordens militares desfizeram-se de suas insignias.

A palavra *Republica* estava em todas as boccas, effervescia em todos os peitos. O povo pernambucano, que ao norte, constituira-se o centro de todos os progressos, o primeiro a sonhar com a liberdade, o primeiro a possuir uma aristocracia, isto é, homens instruidos e de elevados sentimentos para não se sujeitarem ao despotismo estrangeiro; o povo pernambucano que se experimentára na grandiosa lucta com os hollandezes, bem mal avisado! mas guiado pelas conveniencias de sua raça e necessidades de seu sangue; em que o sentimento nacional primeiro tomou uma feição difinida, levantava os hombros, sacudindo a oppressão da Metropole, para alcandorar-se á tranquillidade da paz e da autonomia onde se fazem as grandes nações e se glorificam os grandes povos.

Não foram esquecidos os principaes serviços dos

republicanos. O governo provisorio promoveu a coroneis os capitães Domingos Theotonio, Barros Lima e Silva Pedroso.

A decisiva adopção da forma republicana tomada pelos cabeças do movimento intimidou o advogado Luiz de Mendonça que expoz em conselho as causas desse temor, dizendo que, obrando tão resolutamente, a revolução levantava prompta reacção do governo central, sem ter preparado a sua resistencia militar, quando, se se mascarasse esses intuitos emancipadores, a reacção seria mais vagarosa, encontrando Pernambuco já unido á outras capitanias e bem preparado para sustentar a sua instituição. Esta sinceridade, em que não se póde ver falta de criterio apezar do temor que a dictou, cahiu no seio do conselho como imperdoavel fraqueza e criminosa falta de patriotismo, e de tal maneira assim foi acceita que o notificador da prisão de Caetano Pinto, sentiu oscillar em torno de seu nome a confiança dos revolucionarios tanto quanto lhe feriram a susceptibilidade patriotica as suspeitas e os apodos despertados. Para defender-se das accusações que lhe eram feitas formulou um demagogico *Preciso Revolucionario* que foi o primeiro impresso realizado em Pernambuco, com o material ainda encaixotado que o inglez Koster mandára vir para a fundação de um jornal. Com essa publicação salvou a sua dignidade de brazileiro e seus abalados creditos revolucionarios.

Tranquillisado o directorio com esse procedimento de um de seus mais conspicuos membros, tratou de estender a onda revolucionaria. João Ribeiro Pessoa fez conhecer ao padre João de Souza Tenorio, vigario da ilha Itamaracá e patriota apaixonado, que a causa havia triumphado na

capital e dependia delle e de outros o seu successo em outros pontos de Pernambuco.

Souza Tenorio desde logo procurou sondar o espirito do juiz de fóra da Goyana, a cuja jurisdicção pertencia a bem fortalezada ilha, porque esse, como portuguez e como attendido pelo commandante do forte, poderia oppor seria resistencia. O juiz ao ouvir o venerando padre não teve coragem de argumentar as razões explanadas, empallideceu, agarrou-se a um silencio compromettedor e sahiu attonito e ás pressas. O intelligente e querido vigario comprehendeu o que poderia resultar desse desapontamento, e, sem perder tempo, partiu a reunir gente, o que se lhe tornava facillimo pela justa influencia que gosava em Itamaracá. A' noite elle estava senhor de uma boa columna, a que se reunira Jeronymo de Albuquerque Maranhão e seus escravos; tomou armas e fez-se commandante dessa força que elle levou a sitiar o forte. Ahi parados, escolheram os rebeldes um parlamentario, escolha que recahiu ao capellão da fortaleza que com elles havia seguido. O commandante, porém, não o quiz attender e fel-o communicar aos rebeldes de que só acceitaria negociação ou trato com o padre Tenorio.

Tal resposta deixou suspeitas no espirito dos combatentes, mas o padre Tenorio com uma coragem só igual ao seu patriotismo, entregou o commando da columna a Maranhão, e avisou-o de que, se no fim de 2 horas elle não estivesse de volta, atacasse á todo o valor a fortaleza.

Isto dicto, partiu, levando sob a batina duas pistolas carregadas. Alguns quizeram seguil-o, temendo por sua vida, elle sorriu calmo e lhes impoz com um gesto que ficassem.

Não foram necessarias as duas horas da convenção. A authoridade, coragem e amor patrio do vigario, persuadiram o rude commandante da fortaleza de que a causa republicana era vencedora.

Então, como annuncio da victoria, a artilharia troou, salvando á Liberdade.

Sem saber do que se passava o juiz correu a informar-se e, apenas entrado na praça de guerra, onde os morrões aqueciam os ouvidos das peças, appareceu-lhe a figura erecta, calma e magestosa de Souza Tenorio, envolto na sua batina negra, cabeça descoberta, coronhas de armas á cinta, que, sem perder a doçura authoritaria de seu proceder, estendeu-lhe o index accusando-o prisioneiro.

A revolução ia lavrando pelo Norte. Na Parahyba, excellente terra de boas producções, mas mal administrada, as noticias do Recife impressionaram vivamente. Foi em Itabayana, lugar onde residiam diversos moços educados em Olinda, que soou o primeiro grito revolucionario. O intelligente moço Manoel Clemente Cavalcanti tomou a si a difficilima missão de converter ás idéas republicanas seu ignorante e terrivel pae, e de tal modo se houve que elle, João Baptista do Rego, homem sem leituras e devotado ao rei, enthusiasmou-se com essas reformadoras idéas e poz-se á testa do movimento. A bandeira branca tremulou sobre as cabeças dos soldados da Republica, o capitão André Dias de Figueiredo reforçou os contingentes e marcharam para a capital. Em Villa do Pilar onde fizeram *alto*, souberam os revolucionarios que o ouvidor e chefe do governo da Parahyba, André Alves da Silva, fugira, deixando a cidade entregue ao prestimoso coronel Estevão José Carneiro e o ajudante de ordens Francisco José da

Silveira. No dia 13 de Março as forças revolucionarios entravam na capital ao som de musicas, repiques de sinos, e vivas da população agglomerada para recebel-as.

No Rio Grande do Norte os successos desenrolavam-se tambem com feliz exito. Ao principio o governador José Ignacio Borges, pernambucano relacionado com João Ribeiro Pessoa, pensou em frustrar os planos revolucionarios, apezar da confiança que fruia dos chefes do Recife; mas, por bom senso daquelles chefes, quando o inteiraram dos acontecimentos de Pernambuco, escreveram ao coronel de milicias Antonio Albuquerque Maranhão, opulento senhor de engenho e principal influencia politica, pedindo-lhe apoio á causa da liberdade patria. Logo que recebeu as informações e pedidos do Recife, Albuquerque sahiu de Cunhahú, onde residia, para Goyaninha afim de ahi ajuntar gente e reunir-se a outros partidarios da revolução.

Ignacio Borges, julgando-o desconhecedor dos factos e tendo-o em conta de fiel á monarchia, foi procural-o para fazer um conchavo de resistencia. Sagaz e fementido e sobre isso incerto das tendencias riograndenses, Ignacio Borges usou de meias palavras e capciosas exposições para penetrar no espirito de Albuquerque Maranhão, mas esse, que não era homem de resoluções francas, procedeu com cautela e tino, de maneira que o governador retirou-se sem decidir do que tinha a fazer.

A conferencia de Borges foi relatada, immediatamente, ao exaltado patriota, o vigario Antonio Albuquerque Montenegro que concitou o coronel a prender, sem perda de tempo, o caviloso governador. Movido pelo exaltamento do vigario Montenegro, Maranhão chamou gente e foi surprender Ignacio Borges no engenho Belem, onde pernoi-

tára. Realisado esse golpe tinham os revolucionarios em mão o poder da capitania. Ao soccorro delles mandou o governo da Parahyba o joven tenente coronel José Peregrino com 50 homens de 1ª linha e duas peças de artilharia ligeira. Em 19 de Março estavam elles na capital e creavam uma junta governativa, entregue ao vigario Feliciano José Dornellas, coronel de milicias Joaquim José do Rego Barros, capitães Antonio Germano Cavalcanti e Antonio da Rocha Bezerra.

Emquanto o incendio da revolução alastrava-se pelas terras da Parahyba e Rio Grande, o governo provisorio do Recife preparava as missões ao Ceará e á Bahia. A primeira foi confiada ao moço subdiacono José Martiniano de Alencar, filho da Villa do Crato onde tinha profundas sympathias. Munido de instrucções secretas, «em que não se sabe mais que admirar, se a concisão das phrases e a cordialidade das idéas tão extraordinarias em um tempo de effervescencia politica, se a subtilesa e circumspecção das instrucções, » partiu Martiniano de Alencar em companhia de Miguel Joaquim Cesar que se lhe tornou inutil por ter cahido em inercia, desfructando a serenidade da boa vida rural no engenho de um padre, perto da capital. Alencar entrou no Crato e procurou seu pae, o parocho, pessoa de qualidades caritativas, de habitos chãos, mas desprovida de capacidade intellectual. Não podia, pois, esperar coadjuvação desse homem, e ás suas primeiras palavras o bom parocho ficou tão aterrorisado que o filho teve necessidade de calar-se. Sem desanimar do insuccesso de seus primeiros passos, o moço evangelisador da Liberdade encontrou acolhimento em frei Francisco de Santa Marianna, monge carmelita que a par com o fervor

da sua santa fé mantinha o culto da sua patria. Mas, frei Francisco não possuia a fibra dos homens de acção, era timido, talvez indolente. Por isso Alencar recorreu a um depravado ricaço por mome Filgueiras ou Felgueiras, alcunhado o *maudingueiro* pela impunidade em que vivia apezar da notoriedade de seus crimes, e com palavras quentes para accender-lhe a vaidade, com relampejantes promessas para aguçar-lhe a ambição, logrou não o seu apoio mas o seu assentimento ao levante. Assim tratado, em um domingo, após a missa resada por seu pae, o subdiacono Martiniano de Alencar subiu ao pulpito e leu o *Preciso* de Mendonça, sendo açolhido com ovações. Terminada a leitura grande numero de populares o acompanha para fóra de egreja e ahi, com enthusiasmo e altos brados, descarrega as clavinas em signal de festa. De repente, corre á todos os ouvidos a noticia de que o famigerado Filgueiras approximava-se, á frente de um bando armado. Ha um sussurro de medo, um surdinar de suspeitas, alguns patriotas apressam-se a entrar em suas casas; outros esquivam-se do ajuntamento. Poucos, dos mais ousados, pedem explicações a Alencar d'aquella interferencia que os intranquillisa. O subdiacono não sabe que julgar, mas responde persuadindo-os da alliança com aquelle facinoroso. Filgueiras entra na praça, accommette um popular que hastêa a bandeira branca da revolução, arranca-lhe das mãos a haste e quebra-a no joelho, depois, em attitude hostil, ordena a toda essa gente acovardada que grite: *Viva El-Rei*, no que é obdecido com humilhação servil; destaca sua gente para diversos pontos, guarnecendo a sahida da villa, e vareja as casas. Martiniano de Alencar, seu pae e sua mãe, frei Francisco e outros patriotas são presos, condu-

zidos em escolta para a capital onde o governador Manoel Ignacio de S. Paio os mette em segredo de cadêa, alargando a obra reaccionaria com prisões arbitarias. Foi este o resultado da missão ao Ceará.

A segunda, pelas difficuldades que offerecia o prepotente, ou melhor, tyrannico governo do conde de Arcos, foi entregue a um padre de grande intelligencia bem cultivada, ardente patriota e homem capaz de arriscar-se ás mais perigosas emprezas. Era o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, chamado por antonomasia *padre Roma*, o enviado em missão secreta. A missão, posto que tivesse o titulo de secreta, bem cedo divulgou-se. Quando elle sahiu, por terra, para seu destino, disfarçado em apostolo de uma religião universalista, já todos sabiam qual a direcção que ia tomar. Acompanhado por um filho menor entrou no territorio das Alagôas (que nesse tempo fazia parte de Pernambuco) e conseguiu por seus calorosos discursos concitar o animo dos alagôanos desde o commandante militar, tenente-coronel Antonio José Victorino, até o de dous officiaes portuguezes cujos serviços não foram insignificantes. Na sua classe a victoria foi completa. Os ecclesiasticos escutavam-no attentos, movidos pela belleza suggestiva de suas palavras e sahiam a pregar, a espalhar a nova doutrina. Em Serinhem, o padre Roma subiu ao pulpito e num memoravel improviso pregou as vantagens da revolução. Satisfeito com esse resultado, embarcou-se numa balsa para as costas da Bahia, onde o conde de Arcos, prevenido dos successos por uma das embarcações que primeiro alli chegaram com portuguezes emigrados de Pernambuco, redobrou a vigilancia de sua formidavel policia, sobre tudo quando lhe foi dicto que o padre Roma

destinava-se áquella capitania. Avisado e activo o conde de Arcos destacou para o littoral de desembarque diversas escoltas que foram informadas dos signaes caracteristicos do missionario republicano. Na tarde de 26 de Março o destacamento de Itapava viu bordejar receiosa uma embarcação com o velame differente do que alli se usava; convencida de que ella trazia o padre, recuou para desfazer suspeitas; e, á noitinha, prevalecendo-se da escuridade que baixava, tendo ella aproado á terra onde encalhou, os soldados da vigia assaltaram-na prendendo os que em seu bordo vinham. O padre Roma era bem o homem para semelhante missão, e provou-o nobremente com a presença de espirito que teve para inutilisar todos os papeis compromettedores confiados á sua guarda. Sem esperar ordens do Rio de Janeiro, investido das attribuições que o seu alto cargo lhe facultava, o conde de Arcos erigiu um tribunal militar para justiçar o padre Roma. Em tres dias foi lavrada a sua sentença. O talento com que defendeu-se, a serenidade de animo com que compareceu no tribunal, tornaram-se inuteis diante das accusações dos portuguezes emigrados. E, altivo, dando aos seus juizes, muitos dos quaes não o podiam fictar de frente porque eram conniventes com a revolução pernambucana, o raro exemplo de abnegação da vida por uma causa sagrada, ouviu sua sentença de morte. No dia 29 caminhou firme para o Campo da polvora ou Campo de Sant'Anna, familiarisando com os sacerdotes que o acompanhavam. Despediu-se de seu filho e dos padres, e, sem vacillar, collocou-se á frente das espingardas portuguezas. A ordem de fogo colheu em seu peito uma saudação á Liberdade, marmorisando em seus labios um sereno sorriso d'esperança.

A segunda missão, como a primeira estava annullada; mas, essa, terminou aureolando em sangue o cadaver do evangelisador da Republica.

Entregues as missões da propaganda revolucionaria a esses dous distinctos correligionarios, a junta provisoria attendeu á administração interna de Pernambuco. Boas e sabias medidas foram adoptadas. Avocára ao Thesouro Publico as dividas da extinta Companhia de Commercio, creada no governo do marquez de Pombal, que estavam em mãos particulares, desobrigando de pesados juros accumulados os lavradores que, dentro de 2 annos, saldassem seus compromissos; relaxou a cobrança de alguns impostos que vexavam os habitantes; decretou a liberdade do commercio, isentando de direitos os chamados generos de monopolio; procurou impedir o trafico de africanos; mas, ao lado destas tão uteis e bem acceitas medidas pela sua liberalidade, levantou outras, não de menor importancia, porém politicamente desastrosas. Assim, a de reter os portuguezes e seus bens na provincia, a de liberdade dos cultos, a abolição dos escravos foram calar no previnido espirito dos interessados e dos ignorantes. A primeira era iniqua, apezar da má vontade que uma grande parte de portuguezes mostrava contra a Republica. Nenhum resultado seguro poderia trazer, e só desconfianças e apprehensões sobre complicações internacionaes. A segunda, se bem que o clero estivesse representado no governo pelo que possuia de mais adiantado e exemplar, feria profundamente a absoluta falta de cultivo intellectual do povo. A terceira, que deveria ser uma das maiores preoccupações do governo, dependia de sagacidade e mesmo de opportunidade. Decretando-as, o governo provisorio despertava

contra si, extemporariamente, a antipathia de dois elementos poderosos. E foi o que se deu. De nada lhe valeram a cordura, a doce energia atheniense. Quando foi preciso cuidar da força militar, os negociantes de armas, todos portuguezes, burlaram seus intuitos. O governo soube do conchavo feito contra elle, mas, repugnando os meios violentos, contentou-se com a publicação do seguinte *edital*, escripto como se fosse uma proclamação :

« Patriotas Pernambucanos ! O governo provisorio vos adverte que tudo não está feito com a feliz revolução effectuada por vossos esforços e com a ajuda da bemfazeja Providencia ; muito mais resta a fazer. O golpe assustou aos vossos inimigos, mas não os destruiu. Qualquer vento do deserto póde trazer a este paiz novo bando de arrazadores gafanhotos. Cumpre estarmos promptos a exterminal-os. Faltam munições e armas aos braços de muitos valentes patriotas e ellas existem em nosso territorio. O Governo julgou do seu dever convidar os patriotas que as possuem, a que as vendam pelo preço que a justiça dicta. O Governo está certo de que não abusareis das circumstancias actuaes pretendendo preços exhorbitantes; elle conhece os vossos sentimentos e vos faz justiça, e reposa na vossa generosidade. Concorrei pois ao Quartel General, a apresentar as vossas minutas que serão com exactidão satisfeitas á bocca do cofre. »

Nem esta energia, esta maneira delicada de obrigar, venceu a indisposição contra elle! Cuidando de fazer uma pequena armada para a defesa de sua costa, abandonada pela Metropole, encontrou-se outra vez com a resistencia dessa inimisade, e só a peso de ouro pode adquirir alguns pequenos barcos imprestaveis !

Então, para não ser tachado de despotico, enviou á America do Norte o negociante Cruz Cabugá para tratar do reconhecimento da nova Republica e da compra de armamento, approveitando da occasião afim de engajar alguns officiaes francezes, banidos de França pela restauração do Imperio; e para a Inglaterra, porque o seu consul no Recife reconhecera o governo provisorio, foi enviado o inglez Koster, encarregado de pedir ao negociante brazileiro em Londres, Hippolito José da Costa, o seu interesse em alcançar da grande nação européa o apoio á causa revolucionaria; para Fernando de Noronha, afim de trazer a melhor gente da guarnição alli destacada e os presos que não fossem galés por crimes hediondos, partiu o major Ignacio Antonio de Barros Falcão que acabava de desempenhar-se da commissão de fortificações do littoral.

Tinha já o governo organisado a bandeira, dividida horizontalmente em duas partes iguaes pelas cores branca e azul, contendo no meio da parte branca uma cruz vermelha e na outra parte um sol rodeado de tres arcos de alliança sob uma estrella, symbolisando a Republica rodeada pelas tres provincias insurgidas; e contava com o bom exito de seus emissarios, quando chegou-lhe a noticia do insuccesso dos padres Alencar e Roma, e com ella a peior nova da reacção preparada pelo conde de Arcos, cujo exercito, ao mando do general portuguez Joaquim de Mello Leite Cogominho, devia achar-se nas proximidades das Alagôas. Preparava-se um contigente commandado por José Mariano, que iria reforçar o de Alagôas, e, quando se lhe dava embarque na pequena esquadra, assomaram velas no horisonte, que se reconheceu serem de grandes navios,

divisando-se-lhes, tambem, as bandeiras portuguezas. A esquadrilha republicana não podia sustentar combate por falta de um commandante experimentado e quasi nenhuma resistencia de seus barcos, por isso, chegou á pra'a onde a força de José Mariano desembarcou para seguir por terra, em soccorro da guarnição de José Victorino, já tarde, porém. A Villa de Penedo e Villa Nova tinham-se submettido ás armas portuguezas. Maceió tremeu sob a invasão realista. José Victorino fugiu e os soldados abandonados deram-se pressa em hastêar o pendão da Metropole. José Mariano marchou lentamente, sem deliberações, ao lado do optimista coronel Luiz Francisco de Paula.

Na villa do Cabo ajuntaram-se-lhe o capitão José Luiz de Caldas e dois filhos; foram os unicos que vieram. Apenas chegados ao Porto das Pedras tiveram confirmação dos boatos que corriam a respeito do exercito *legal*, e com esta veiu a noticia de que o destacamento de 1ª linha e parte da milicia daquelle districto estavam em marcha com o capitão Manuel Duarte Coelho, formando uma vanguarda inimiga. José Mariano quiz retroceder, mas os officiaes desengaram-n'o desse intento, pois não conheciam as forças contrarias; demais a retirada precipitada seria indecorosa; os *realistas* tinham de atravessar um largo rio que não podiam vadear, e, embora com recursos, ficariam sujeitos a ser metralhados durante a difficil passagem. Em pouco tempo appareceram os inimigos. A força republicana, á margem opposta, formou linha de batalha e precipitou-se em hostilisal-os.

Os *realistas* responderam ao fogo por longo tempo, sustentando bem suas posições. Por fim o grito de—*estamos perdidos*—échoou nas fileiras republicanas. A debandada

foi geral, e, como baixasse a noite, tornou-se impossivel a reorganisação das linhas de atiradores. Longas e angustiosas arrastaram-se as horas das trévas. Aos primeiros clarões do dia os soldados reconheceram que o seu chefe havia fugido; no entanto, procuraram manter-se dignamente, mercê á calma do capitão Sá Barreto que fez uma retirada regular, embarcando a gente nas jangadas adrede preparadas por ordem do chefe fugitivo. Mas os realistas proseguiram, atravessaram o rio e vieram colher os republicanos nesse momento. A confusão encarregou-se do resto. Os que estavam embarcados seguiram rumo sem attender aos companheiros ainda em terra; esses, mettidos entre duas columnas invasoras, batiam-se valentemente, mas já em defeza propria, sem commando nem estrategia; até que dominados pelo numero cahiram prisioneiros. O despojo da batalha foi grande, toda a artilharia, munições e bagagens ficaram em poder do capitão Duarte Coelho.

Em soccorro de José Mariano tinha marchado o capitão João do Rego Dantas, mas, logo em Ipojuca, soube dos infelizes successos do sul, que o desanimaram, tanto quanto desanimados estavam os habitantes desse lugar.

Retrocedeu com a sua força e em boa hora porque o exercito de Cogominho, em marchas forçadas, vinha approximando-se. Por onde passava a submissão era geral e, clandestinamente, enviava aos pontos visinhos emissarios que espalhavam á farta a seguinte proclamação do Conde de Arcos: «Habitantes de Pernambuco! Marcham á commarca das Alagôas, bandeiras Portuguezas e soldados bahianos para as içarem em toda a extensão dessa capitania. Todo o habitante de Pernambuco que as não seguir rapidamente e não marchar junto á ellas será *fuzilado*.

« As forças navaes ora a vista em bloqueio do porto têm ordem para *arrazar a cidade e passar tudo a espada*, se immediatamente não forem instauradas as leis de sua Magestade Fidelissima El-Rei Nosso Senhor. Nenhuma negociação será attendida sem que preceda, como preliminar, a entrega dos chefes dos revoltosos a bordo, ou a certeza de sua morte, *ficando em intelligencia de que a todos he licito atirar-lhes á espingarda como bandidos.* »

Escolhendo lugar onde menos exposto estivesse á surpresa do inimigo, Rego Dantas mandou buscar um reforço ao Recife, informando ao governador de tudo que se passava. Sabendo de seu paradeiro, seu sogro, que era portuguez e carteava-se com um dos chefes das forças realistas, escreveu-lhe uma longa missiva persuasoria, convidando-o a bandear-se com os monarchistas, e, para melhor resultado, invocou seus sentimentos de parentesco, á qual o honesto capitão retorquiu: « Prefiro a morte com todos os seus horrores á mancha indelevel de traidor á Patria. O sentimento da familia, bem que altissimo, perde todo o seu valor quando é posto em contacto com o dever patriotico, a salvação da Patria. »

O movimento reaccionario surgiu em outras capitanias. A idéa republicana não tinha profundas raizes senão nos peitos dos homens educados; a maioria d'aquelles povos, ignorante e creada em um meio atrophiado por governos humilhadores, não podia comprehender essa forma de governo democratico, em que não havia nm *previlegiado*, representante absoluto do poder e a roda do qual a incultura intellectual e a perversão do caracter, enmaranhado em inconfessaveis interesses, traçam o vasto circulo da submissão.

Das capitanias do norte a unica que, nessa época, posssuia uma benefica vulgarasição de primeiras lettras e estudos superiores, embora dependentes dos estreitissimos moldes portuguezes do seculo XVII, era Pernambuco, devido aos perseverantes esforços do sabio prelado Dom José Joaquim de Azeredo Coutinho, brazileiro de coração e nascimento, honra d'este clero que com tanto saber e amor patrio illumina seu nome entre os potro-martyres da nossa independencia. Dahi a rasão porque a chamma republicana mais vigorosa foi nesta que em outras. Nas capitatanias visinhas a instrucção limitava-se a pequenos, diminutos grupos, na sua totalidade compostos de moços educados em Pernambuco. A ambição do poder em aquelles que foram arrastados a confraternisar com os republicanos e as irrigularidades que esta ambição naturalmente provocou, taes como as investiduras dos cargos publicos, as irreflectidas promoções com augmento de soldos, cavaram desconfianças e despeitos no espirito dos habitantes. Junto a isso uma inercia de actos, ou melhor: uma flagrante falta de tino administrativo, veiu collaborar na derrocada dos alicerces da liberdade, que o enthusiasmo dos intelligentes patriotas tão depressa convidou a levantar.

O retrocedimento foi, pois, obra forçada destes elementos, e basta, para se averiguar das causas, conhecer os guiões dos bandos restauradores que portuguezes e estupidos ricaços brazileiros armaram occultamente, á sombra do descuido e da imprevidencia.

Na Parahyba foi um mulato, chamado Bastos, individuo analphabeto e dissoluto, valentão de correrias e capanga ao serviço dos que bem lhe pagavam, quem se

incumbiu de dirigir a gente monarchista. Ao encontro desse bando sahiram o capitão de ordenanças André Dias Figueiredo, seus dois filhos e um contingente. Travado o combate o valor dos republicanos fez debandar esse grupo com prejuizos de mortos e prisioneiros; mas, para recuperar o terreno perdido, o portuguez João Alves, senhor do engenho Pacatuba, reunido ao capitão de milicias Mathias da Gama que, no interior, conseguiu sequestrar o gado necessario ao abastecimento da capital e de outros lugares, desceram com um reforço a invadir a cidade, aos gritos de *viva El-Rei*, *morram os patriotas*. Para batel-os foi nomeado o coronel Amaro Gomes Coutinho, commandante da 1ª linha. Esse coronel não pôde oppor-se á insobordinação de seus soldados e teve de fugir, servindo-se de um habito de frade que lhe foi dado por um franciscano; ainda assim, correram os realistas ao seu encalço, sendo por fim preso e amarrado.

José Peregrino accudiu á capital, mas seu pae, Augusto Xavier de Carvalho, induzido pelos monarchistas, roja-se de joelhos, banhado em lagrimas, aos pés do dedicado filho e consegue que elle lhe entregue a espada de soldado da Republica. As recompensas da fraqueza foram as masmorras da fortaleza Cabedello, nas quaes metteram Xavier de Carvalho, José Peregrino e cinco officiaes. Barros Falcão, que voltava de Fernando com tresentas praças, desembarca, por esse tempo, na Bahia da Traição, onde recebe uma retardada carta de Peregrino pedindo-lhe que fosse auxilial-o, pois a capital da Parahyba estava ameaçada. Barros Falcão, em vez de para alli se dirigir com seus soldados, resolveu seguir só; os soldados desertaram e elle cahiu prisioneiro. A sahida

de Peregrino, em 28 de Agosto, para Parahyba, entregou o Rio Grande do Norte á tibieza de seu governo. Os boatos espalhados causaram serias apprehensões aos fracos, os monarchistas forjavam cautelosamente a machina infernal da vingança. Antonio Germano passou-se para os realistas e um official portuguez apunhalou Albuquerque Maranhão que, moribundo, foi abandonado no chão de uma cadêa, onde expirou.

Ao sul a columna de Rego Dantas e Francisco de Paula sustentava a guerra, tendo desalojado os realistas do engenho Utinga. Domingos Martins seguiu para esse ponto da capitania, sendo acompanhado pelos patriotas frei Joaquim do Amor Divino e frei José Maria Brayner. O vigario e o coadjuctor da Villa do Cabo organisam com Henrique de Resende um esquadrão de cavallaria ás ordens de Paula. O senhor de engenho Pedro Ivo e o padre Souto Mayor formam guerrilhas. A'defesa da Republica não falta coragem nem falta abnegação dos pernambucanos; ha porém uma fálha nesse dedicado enthusiasmo, é a tactica militar. Os soldados servem para guerrilhas mas não se prestam á organisação de columnas de guerra; os chefes são corajosos mas não concertam planos nem conhecem as evoluções militares. Domingos Martins e Souto Mayor são surprehendidos á margem do Mealpe pelos pardos de Penedo, e caboclos de Atalaya commandados por Antonio dos Santos, ficam prisioneiros e a maiór parte de sua gente morre ás mãos crueis dos caboclos que se devertiam em caçal-a.

Pouco depois, o exercito de Cogominho, forte de 1.200 homens, encontra-se com 300 patriotas da columna de Paula na fazenda Ipojuca. Da-lhes combate e é sempre repellido com prejuizos enormes, que lhe fazem acreditar

ser duas vezes maior que a sua a força republicana. A' noite entram em tréguas; Paula reune conselho de officiaes e este decide a retirada. Cogominho que temia um ataque de surpresa, destaca sentinellas perdidas e prepara-se para a resistencia de momento. Ninguem dorme e estão todos de armas promptas. A's deshoras uma das sentinellas vê passar um grande grupo por um atalho, e logo outro grupo e mais outro. E' a retirada em silencio. Julgando uma cilada dispara sua arma. Ao signal, Cogominho divide em duas columnas o seu exercito e faz uma dellas marchar ao lugar. Os patriotas cáem em poder dos realistas conseguindo o commandante Paula fugir para o Recife.

Esta victoria foi o principio d'agonia republicana. Os pedidos de apoio ao estrangeiro goraram inteiramente. Nos Estados Unidos, Cabugá conseguiu a compra de algumas armas e engajar tres officiaes francezes que chegaram tarde.

A democracia concentrada na capital decretou o serviço militar obrigatorio e chamou ás fileiras os escravos, promettendo-lhes alforria e indemnisação aos senhores. Mas foi infeliz. No mar a esquadra real, sob ás ordens do vice-almirante Rodrigo Lobo, um covarde da guerra do Rossillon, bloqueava toda a costa, collocando os republicanos entre dois fogos. Quando o exercito de Cogominho, apontasse nas cercanias da cidade, o marinheiro Lobo começaria a obra de devastação, fazento sua artilharia vomitar metralhas. O desespero dos sitiados chegaria ao auge; a reacção deveria surgir dentro da propria cidade, movida pelos ultimos recursos; então, pisando sangue, calcando cadaveres, as tropas d'El-Rei entoariam victoria com as bandeiras desfraldadas.

A junta governativa foi buscar aos carceres o delator Cruz Ferreira e o encarregou, no dia 18 de Maio, de negociar com Rodrigo Lobo um tratado de capitulação, ao qual respondeu o rude marinheiro portuguez: « Eu tenho em meu favor a razão, a lei e a força armada, tanto terrestre como maritima, para poder entrar em Recife com a espada na mão afim de castigar muito á minha vontade a todo e qualquer *patriota ou infiel vassallo, que são synonimos*, por terem atropellado o sagrado das leis d'El-Rei Nosso Senhor. »

A resposta do vice-almirante motivou uma contradicta violenta. Os republicanos, confiados no genio impetuoso de Domingos Theotonio, entregaram-lhe a suprema direcção da sua causa.

Acto continuo, Theotonio fez saber ao marinheiro que, a recusa de *um honroso tratado de capitulação*, importaria na degolla e fuzilamento dos presos monarchistas e dos portuguezes retidos na capital.

Esta noticia correu pavorosamente pela cidade, entrou nos carceres, deixou sobre todos uma athmosphera de forja em que mal se podia respirar. Domingos Theotonio não tinha coração capaz de resistir ao soffrimento de toda essa gente, já agora aterrada, anciando pela notificação condescendente do almirante. E esse homem, diante de uma emergencia tão assustadora, teve a crueldade de demorar a resposta!

Por fim, mandou dizer que não temia ameaças e que, por si, nada poderia decidir, dando comtudo a sua palavra que respeitaria a *vida dos rebeldes* emquanto não chegasse uma resolução da côrte, para onde, desde logo, enviaria um emissario no mais veleiro barco para *orar a El-Rei o perdão dos vassallos*.

Então Theotonio resolveu abandonar a capital, marchando para Olinda. Confiou a Francisco de Paula a retaguarda das forças restantes, com a condição de, ao sahir, dar liberdade a todos os presos. Esta ordem foi promptamente realisada porque, apenas a vanguarda republicana deixou a cidade, alguns grupos de monarchistas reuniram-se, hasteando a bandeira do reino, e temendo Francisco de Paula uma lucta desigual, ordenou a abertura dos carceres. O exercito de Cogominho entrou no Recife ao mesmo tempo que os marinheiros de Rodrigo Lobo invadiam o porto, tendo visto o estandarte da Republica substituido pela bandeira das cinco chagas que a artilharia saudava.

Francisco de Paula teve a recompensa dessa pusillanimidade no porão de um navio.

Os brazileiros que compunham a guarnição foram *licenciados*, senão expulsos; para guarnecer a cidade tomaram armas os portuguezes sob o commando de officiaes da marinha real; e, por toda a parte, os *vivas El-Rei* soavam numa feroz alegria de victoria.

Diante desses desastres, desse esboroamento completo, a alma nobilissima de João Ribeiro tremeu pallida e commovida na impassibilidade de um corpo que não se déra ao máo contagio do mundo.

Elle seguira a vanguarda de Theotonio, descalço e silencioso, porque tinha esgotado suas palavras nos conselhos e alentos tão necessarios durante as horas angustiosas da ultima deliberação; ás costas carregava um sacco com o archivo da Republica, como se fora o lenho do seu Calvario, e a dextra apertava a espingarda de que nunca se servira mas de que precisava, nesse momento supremo,

para dar com seu exemplo coragem aos fracos, tranquillidade aos fortes. No entanto, n'essa apparente calma, seu espirito agitava-se como vagalhões arquejantes mordidos pela borrasca. Assim chegou ás immediações do engenho Paulista, onde as forças acamparam. Era hora vespertina. No isolamento dos campos, na profundeza das mattas, velava o silencio das tristezas e das saudades, que o céo sem luz, viuvo dessa fecundadora claridade equatorial do Norte, tingia de roxo. João Ribeiro entregou-se á meditação quando a fadiga inanimava os companheiros.

Que destino elle poderia tomar, se a Pátria que sonhára livre e poderosa, cahia outra vez na mão do algoz, infamando e fuzilando seus filhos?... Ah! mil vezes a morte, que este derradeiro ultraje de assistir, com algemas nos pulsos, a escravidão de sua terra...

E, sobre os escombros da infeliz republica, como dos galhos de uma arvore secular, presa do incendio, pende o corpo inerte de uma aguia que não quiz abandonar o ninho, o cadaver do grande patriota ficou a oscillar convulso, dependurado, por baraço, na ramaria de uma fronde. Enforcou-se o venerando padre. Mãos piedosas abriram uma cova para seu corpo, mas os soldados do marechal Cogominho exhumaram-n'o, cortaram sua cabeça, alçando-a como um trophéo, na ponta de bayoneta, em passeio de triumpho.

Estava morta a revolução, decepada aquella cabeça e vencido pelo fuzilamento o braço forte do activo Domingos Martins.

Realmente, se João Ribeiro foi a alma enthusiasta da revolução, Domingos Martins era o seu corpo. Esse possuia o espirito positivo, a actividade physica que faltavam

áquelle, um doce contemplativo, sonhador e puro. João Ribeiro vinha do mysticismo da religião christã, Martins sahira do afan commercial. Negociante em Londres onde tivera estreitas relações com o general Miranda, um soldado da independencia dos Estados Unidos da America do Norte e depois commandante das forças revolucionarias da Columbia, em 1810, pelo que cahiu prisioneiro dos hespanhoes ; negociante em Lisboa, negociante na Bahia e por fim mudado para sua terra natal, a natureza de Domingos Martins tomou d'aquella amizade e dos accidentamentos commerciaes a tempera rigida dos homens de acção. Com elle foram suppliciados na Bahia, onde funccionava o tribunal militar, José Luiz de Mendonça e o padre *Miguelinho*, em 22 de Junho.

Em 29 deste mez chegou á Pernambuco o novo governador, capitão general Luiz do Rego Barreto que, sedento de vinganças nativistas, procurou exterminar os ultimos *rebeldes*, batidos, perseguidos em seus escondrijos como bestas féras.

Assim subiram ao patibulo Domingos Theotonio, Barros Lima, Antonio Henrique e o valente vigario de Itamaracá. Não satisfeito com a morte desses brazileiros o governador mandou decepar suas cabeças e mãos, expol-as em lugares publicos e arrastar seus corpos mutilados, amarrados em caudas de cavallos, á valla commum. Presos e conduzidos ás masmorras da Bahia foram: frei Joaquim Canéca, Anna de Almeida Costa (irmã do padre *Miguelinho*) Paes de Andrade, Alves Leite, Antonio Carlos, Muniz Tavares e Gervasio Pires Ferreira que, sendo riquissimo negociante, depois de abrir sua bolsa á revolução foi o protector dos presos pobres. Esse

patriota soffreu quasi quatro annos de prisão, perdendo a falla que recuperou em 1821. Com elles muito outros tiveram a mesma sorte e de tal modo eram tratados que, esse mesmo Gervasio, para conseguir vêr um filho, gastou sete mil cruzados com o carcereiro. Antonio Carlos para obter delle um pequeno favor viu-se forçado a dar-lhe um relogio de ouro !

José Mariano e Pedro Ivo foram degredados para a Asia, de onde voltaram em pouco tempo.

Emquanto a forca funccionava e os porões dos navio não chegavam para conter os presos algemados, entregues á fome e entregues á brutalidade das sentinellas, Luiz Barreto e seus officiaes, arrotando o vinho das lautas refeições, lançavam a deshonra e a infamia em Recife, implantando uma immoralidade desenfreada que nem siquer recuava diante do pudor das principaes familias !

A carta regia de 6 de Agosto de 1817 mandou suspender as execuções e instituir alçada que se instaurou no Recife a 3 de Setembro, tendo por presidente o desembargador Bernardo Teixeira Coutinho, nome que se tornou famoso, deshonrando a toga de magistrado e aviltando suas qualidades humanas com um desespero inacreditavel de perversidades.

Por sua ordem foram surrados em publico, presos ás portas das cadêas, homens livres e honestos; levadas aos carceres e castigadas com palmatoria indefesas mulheres, tenazmente perseguidos os que houvessem prestado o minimo serviço aos revolucionarios, devassadas suas vidas, manchadas suas reputações. Só em 6 de Fevereiro de 1818, dia da coroação do principe regente, D. João VI, tiveram amnistia os implicados nos acontecimentos rebeldes.

Os traços geraes desta historia deixam ver claramente em que estado se achavam os factores da independencia do Brazil.

Para os nacionaes a Metropole era mais que uma humilhação, era uma tyrannia. A nação entrava na sua ultima phase cosmica. Os meios violentos e absolutos de que a politica realista lançava a bruta mão despotica conseguiram dominal-a apparentemente, mas, na realidade, ella progredia, unificando-se, fortalecendo-se aos poucos, fermentando seus odios, sentindo-se vitalisar pelas forças da sua maturidade. E esses crueis recursos praticados, fuzilamentos e baraços, masmorras e porões; e esse terror levantado pela sanha dos *senhores* que vibravam o azorrague, que deshonestavam as virgindades e corrompiam as fidelidades conjugaes, para obter dessas manchas o servilismo dos infamados e o temor dos illesos, alimentavam mais fundo n'alma patriota o rancor pelo tyranno, a esperança da independencia.

VI

A INDEPENDENCIA

(TENTATIVAS REPUBLICANAS)

Quando, em 1821, a grande frota, que levava á Lisboa a familia real, singrou os vagalhões espumantes do Atlantico, deixando no esfumiamento da longitude a caligem das baterias de Santa Cruz, a bandeira de uma nova Nação flammejava nos sonhos do patriotismo, accenando em desafio ao pendão das quinas, aberto nos mastros das náos veleiras.

O Rio de Janeiro, como centro do novo reino unido, apresentava esta caracteristica feição synderesica da attenta observação de seus proprios sentimentos, tão peculiar aos periodos de proximidade agitadora. O que até então tinha passado sem commentarios era assumpto para a agudeza das censuras; fallava-se em voz baixa, mas nada escapava á critica e á opinião dos nacionaes, que iam revigorando suas aspirações com a cautelosa permuta de idéas em constantes reuniões. A sociedade estava separada em duas cores—a brazileira que soffria, a portugueza que dominava; e entre essas duas parcialidades erguia-se a figura do principe D. Pedro, lugar-tenente de D. João VI, conciliando as queixas de uma com a arrogancia de outra.

Das aspirações da parcialidade nacional resultou a reorganisação da maçonaria que D. João VI havia perseguido e desbaratado. Muitos dos antigos membros de uma loja intitulada *Distinctiva*, que funccionára em Nictheroy, fundaram nova agremiação em que o bacharel Joaquim Gonçalves Ledo, o brigadeiro Alves Branco Muniz Barreto, o tenente-coronel Manoel dos Santos Portugal, os padres Januario da Cunha Barboza, Antonio João de Lessa e outros *irmãos*, deram começo ao projecto da independencia do Brazil, sob um regimen republicano. Pouco a pouco as lojas maçonicas surgiram. Em sua moradia, á rua d'Ajuda, o capitão-mór Joaquim José da Rocha installou uma com o assiduo concurso de Luiz Drummond de Vasconcellos, frei Francisco de Sampaio, Pedro Dias Gordilho Paes Leme, José Mariano de Azeredo Coutinho, dezembargador Francisco de França Miranda e coronel Luiz Pereira da Nobrega, tambem interessados na emancipação da patria.

A' espionagem portugueza não escapavam essas reuniões, que a prudencia fez mudar para o refugio das cellas do Convento de Santo Antonio, onde compareciam os membros da primeira loja. Alli, no recolhimento claustral, sobre a escarpa verdejante da montanha, os malsins da *divisão auxiliadora* farejavam de longe os rastros dos dedicados patriotas sem estorvar-lhes os passos.

D. Pedro conhecia as tentativas dos maçons que, por conselho de alguns, procuravam astutamente envolvel-o na execução de seus projectos, e para desnuviar as apprehensões de seu pae, informado de tudo por novelleiros patricios, escrevia-lhe, em Outubro de 1821:

« *A independencia tem-se querido cobrir commigo e*

com a tropa, com nenhum conseguiu nem consiguirá porque a minha honra e a desta é maior que todo o Brazil. Queriam-me e dizem que me querem acclamar imperador. Protesto a Vossa Magestade que nunca serei perjuro, que nunca lhe serei falso, e que elles farão essa loucura mas será depois de eu e todos os portuguezes estarem feitos em postas; é o que juro a Vossa Magestade, á Nação e a Constituição.»

Cresciam grandes divergencias entre os representantes das duas lojas principaes, porque a de Ledo trabalhava pela republica e a de Rocha pela implantação monarchica; mas a noticia aqui chegada em o primeiro dia de Janeiro de 1822, confirmando a resolução das côrtes portuguezas que rebaixavam o reino unido do Brazil á antiga cathegoria de colonia, sendo retirado do Rio de Janeiro o principe regente, veiu dar vantagens adhesistas á loja da rua da Ajuda, pelo terror de uma insustentavel guerra com a Metropole. Essa loja, ora designada pelo titulo *Commercio e Artes*, nomeou um *irmão* que merecesse a confiança do principe afim de sondar suas disposições, e essa nomeação recahiu em Paes Leme que, dois dias depois, trouxe satisfactoria resposta. Era preciso, no entanto, o apoio de algumas provincias. Paes Leme seguiu para S. Paulo, Oliveira Barboza para Minas e com destino á Pernambuco partiu Antonio Drumond de Vasconcellos, que não era maçon mas enthusiasta pela independencia. A adhesão desta provincia tornava-se importantissima porque formaria ao norte, como o Rio de Janeiro ao sul, a fronteira de resistencia ao dominio portuguez da Bahia.

Não se descuraram os republicanos de tomar as providencias que o caso pedia. Elles, porém, agiam de modo diverso. Para a causa, que os animava, a retirada do prin-

cipe seria um beneficio; sem a presença do sonhado *futuro rei*, os partidarios da monarchia brazileira convergiriam seus esforços emancipadores para a realisação da obra que os companheiros de Ledo idealisavam; e, por isso, convinha-lhes fossem conservadas as juntas provisorias dos governos provinciaes. Januario da Cunha Barboza pôz-se a caminho de Minas, Lopes Gama embarcou para Pernambuco; quanto á São Paulo, elles contavam com José da Costa Carvalho, lá exercendo um cargo da magistratura. Foram mais pressurosos os monarchistas porque, recebendo de São Paulo uma carta de accôrdo, aqui combinaram realisar com presteza a manifestação popular pedindo ao principe que *ficasse*. E D. Pedro que, em Outubro de 21, tinha jurado a sua magestade e augusto pae todo a fidelidade, no dia 9 de Janeiro de 1822, esperava no Paço da cidade, vestindo rico uniforme de tenente-general, a entrada procissional do Senado da Camara para responder-lhe com as memoraveis palavras: *Como é para bem de todos e felicidade da Nação, fico* !

Ainda em fins de Dezembro de 21 elle escrevera a seu pae, a respeito da opinião brazileira sobre sua partida:

«.... *Ou vae, nós nos declaramos imdepentes; ou fica e então continuaremos estar unidos e seremos responsaveis pela falta de execução das ordens do congresso; e demais tanto os inglezes-europeus como os americanos-inglezes nos protegem em nossa independencia no caso de ir sua Magestade.*»

Em dois mezes o juramento de vida tinha-se transformado em conveniencia politica !

Não podia D. João VI pasmar diante de tal volubilidade. Este é que era o seu filho D. Pedro de Alcantara e de Bourbon, duque de Bragança, este voluvel e ambicioso,

illudidor e perjuro, em cujas veias corria o sangue da ardente hespanhola D. Carlota Joaquina, em fusão com o sangue do *pobre rei beato*, producto de uma douda que entrava na carruagem pensando ser conduzida para o inferno. E a triste magestade deveria lembrar-se bem de que o seu Pedro tinha uma cabeça arrogante, pallida, de pelle mordida por vagos signaes da variola, longos cabellos annellados, de um castanho lindo, alourados á luz, retintos na sombra, que lhe davam ao rosto ora a alegre expressão de um mancebo doudete, ora a energia senhoril do voluntarioso; e que o negro olhar fixo, cheio de audacia, avivado por um par de sedosas patilhas cortadas das temporas em direcção do petulante arrebique do bigode, sobre os polpudos labios de peninsular, evidenciava o bizarro hybridismo do temperamento. Deveria lembrar-se bem de que este principe, rudimentarmente preparado de espirito, mas intelligente e perspicaz, cavalheiresco por organisação physica e por genio affeito aos exercicios da força, bom atirador de armas, frascario e galanteador, humilhava o bonancheirismo paterno tão temeroso das tendencias militares! Não podia, pois, admirar-se de que o deslumbramento de um throno, num enorme territorio virgem d'America, o seduzisse a ponto de quebrar o irrisorio juramento escripto com tinta vermelha para fingir sangue, e que, num assomo de enthusiasmo, irreflectido como uma creança, immoderado como um ingrato, fosse capaz de desembainhar sua espada contra os portuguezes, golpeando sua patria para conquistar os louros de chefe supremo!

Assim foi. *A divisão auxiliadora* que assistira ás manifestações sem mostrar despeito, no dia 11 de Janeiro, o

terceiro do regosijo publico, despejou para a rua um magóte de gente armada de varapáos, que berrava contra a *cabralhada brazileira*, a quebrar luminarias e a esbordoar o povo. Dadas as providencias para a repressão do attentado, soube o principe que seu commandante, o general Jorge Avilez, reunia os soldados na praça do Trem com intenção, talvez, de atacar a cidade; mas que, com igual rapidez, os militares brazileiros e muita gente do povo formavam batalhões no Campo de Sant'Anna e já a maioria dos habitantes preparava-se para a resistencia armada. A attitude da *divisão auxiliadora*, que resfriou sua arrogancia diante da energia dos nacionaes, obrigou D. Pedro a pronunciar-se claramente. O general Jorge Avilez obedeceu á ordem de transportar-se para a Praia Grande, onde aguardaria opportunidade de embarcar-se com sua columna, em demanda das plagas portuguezas. Immediatamente o ministerio, presidido pelo marquez de Palmella, pediu sua demissão; D. Pedro, depois de contemporisar, acceitou-a e formou novo gabinete chamando para a pasta do reino e de estrangeiros José Bonifacio de Andrada e Silva, cujo nome celebrisado na Europa, era grandemente acatado pelos brazileiros.

José Bonifacio nasceu em Santos, em 13 de Junho de 1765. Em 1780 partiu para Lisboa onde bacharelou-se nas faculdades de leis e philosophia; seguindo para a cidade de Paris ahi fez o curso de chimica e minerologia docimastica e, ao termo de proveitosa excursão de estudo pelo velho continente, em convivio intellectual com os mais abalisados mestres, adquiriu, por originaes perquisições, invejavel reputação scientifica. O governo do reino, que o tinha mantido nessa

celebre excursão, nomeou-o successivamente intendente das minas, inspector das mattas e sementeiras florestaes, lente cathedratico de metallugia e do curso de docimasia da casa da Moeda de Lisboa, director do encanamento do Mondego, das obras publicas de Coimbra e secretario da Academia Real de Sciencias. Taes recommendações e, particularmente, a fama que elle gosava nas academias da culta Europa, fizeram com que seus conterraneos o escolhessem para vice-presidente da provisoria junta governativa de São Paulo, e dilatassem a celebração de seus verdadeiros meritos por todas as terras do Brazil. Fazendo elle parte da commissão que vinha pedir ao principe a permanencia no reino unido, D. Pedro pensou em aproveital-o no seu governo, com segurança das sympathias de São Paulo. Tão notavel cidadão era uma força para os intuitos da Maçonaria fluminense e, sem perder tempo, ella o procurou, dando lhe o grão de Grão Mestre e desenvolvendo aos seus olhos o elaborado projecto da independencia. Já no espirito do conceituado naturalista semelhante idéa amanhecera em cores de esperança. Acceitou o projecto e começou a desenvolvel-o conforme suas opiniões. Nessa trabalhosa tarefa teve de enfrentar com as aspirações republicanas de Ledo, frei São Carlos e Cunha Barboza que mantinham um jornal denomindo—*Reverbero*, em lucta aberta com as tendencias monarchistas do *Regulador* que era redigido por frei Francisco de Sampaio. Ao velho Bonifacio o projecto republicano afigurava-se temerario, já pela possibilidade de desagragamento das provincias, já pelos vivos exemplos da grande revolução franceza que elle de perto viu e que, com certeza, impressionaram mal ao seu calmo espirito de scientificista educado com protecção numa côrte manhosa e bronca.

Foi, portanto, para implantar a monarchia no Brazil que elle trabalhou pela independencia. Profundamente sagaz e respeitado pela reputação de erudito, ao demais—por natureza insinuante quanto era por indole agradavel, anecdotico e licencioso na liguagem intima, o que fazia especial agrado do principe—bem depressa conquistou a inteira confiança de D. Pedro, a amisade de D. Leopoldina e a dedicação daquelles que por suas posições bem acommodadas, por gratidões á familia dos Braganças e pouco alento espiritual, iam ideando a architectura da Nação sobre um facil terreno de conveniencias.

A divisão portugueza foi expulsa, levando magnificas munições de bocca e tres mezes adiantados de seus soldos: uma esquadra que entrou em aguas guanabarenses, com mil e tantos homens de guerra, ancorou sob as baterias de Santa Cruz e teve de volver a Portugal. Pernambuco, tendo expulsado Luiz do Rego que foi batido com sua divisão em Goyanna, estava entregue a um governo provisorio; em diversas provincias do norte, com excepção do Maranhão, Pará e Bahia, a causa nacional caminhava com felicidade. E, no Rio, embora os partidos divergissem na forma de governo a estabelecer, o pensamento principal era a independencia.

O proprio D. Pedro partilhava desse enthusiasmo. A agitação revolucionaria e as commoções duma aventurosa rebeldia contra Portugal, afinavam-se com o seu temperamento fogoso. Como a Maçonaria era o fóco do movimento e eram raros os homens que não se fizeram *pedreiros livres*, elle quiz pertencer a uma das lojas, mais por curiosidade da iniciação e vaidade que por interesses politicos que elle sempre via atravez do prisma da sua

irrequieta infantilidade. Foi José Bonifacio quem o iniciou na Maçonaria e Gonçalves Ledo conseguiu fazel-o Grão Mestre do Grande Oriente, sob o nome de *Guatimosim*. Estava o principe a testa do movimento emancipador.

Desde esse momento podia-se contar com a independencia como a ideára José Bonifacio. A solicitude com que Gonçalves Ledo arranjou a eleição do principe visava de certo modo a annullação do poderio de Bonifacio que, por sua vez, para abater a inadversão de Ledo, usou do machiavelico recurso da *graça* nomeando o adversario procurador da provincia do Rio de Janeiro. Mas, o recurso, que mais tarde tanto desenvolvimento teve na politica do Brazil, não logrou o esperado effeito. Subito, em Minas, um movimento explodiu, e o principe deliberou partir para a provincia convulsionada, o que effectivamente fez com o mais feliz successo. Acalmada essa parte, viu-se outra vez obrigado a correr a São Paulo onde Costa Carvalho fomentava uma revolta e, como naquella, conseguiu dominar os animos exaltados, prendendo e deportando para o Rio os cabeças do movimento. Emquanto o principe assim procedia José Bonifacio e os seus companheiros não descançavam. Tinham formado um *conselho secreto* como a assistencia de D. Leopoldina, em que procuravam activar a independencia, quando noticias recebidas de Lisboa vieram precipitar a desejada proclamação. Em fins de Agosto partiu para São Paulo o emissario Pedro Belgrano, ao encontro do principe, com as noticias de Portugal, uma longa e commentada carta de José Bonifacio e outra carta da princeza regente. O emissario, que tinha recebido ordem de apressar a jornada, foi encontrar D. Pedro nas proximidades

do Ipyranga, de volta de Santos á capital da provincia. Eram tres e meia horas da tarde de 7 de Setembro.

Quando elle chegou á presença de D. Pedro, este, que vinha fazendo uma aborrecida jornada por causa de ligeira enfermidade do apparelho digestivo, estava unicamente acompanhado por Manoel Marcondes de Oliveira e Mello, depois barão de Pindamonhangaba. Soffregamente tomou da correspondencia e alli mesmo leu-a, com visivel emoção, murmurando: *E' tempo!* Acto continuo exporeou o muar que o carregava, indo ajuntar-se com a vanguarda de sua comitiva, composta de D. Luiz de Saldanha da Gama (marquez de Taubaté) gentil homem de sua Camara Francisco de Castro Canto e Mello, ajudante Francisco Gomes da Silva (por alcunha o *Chalaça*), tenente-coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo, padre Belchior e criados particulares, João Carlota, João Carvalho, e sua guarda de honra. Fazendo-a sabedora do que continha a correspondencia, arrancou do chapéo e arremeçou longe de si o tope lusitano, desembainhou a espada e num gesto decidido e arrogante, erguendo-a, gritou: *Independencia ou Morte!*

No mesmo instante a comitiva descobriu as laminas, estendendo-as em continencia; D. Pedro fez cahir a espada sobre o solomne cruzamento das outras, e no silencio da collina, áquella hora tranquilla de um fim de tarde, prestaram o juramento de honra: Independencia ou Morte!

Rapido espalhou-se pela cidade o brado do Ipyranga, e alegrias e festas foram seus échos. A obra dos patriotas fluminenses, desenvolvida e modificada por José Bonifacio, estava realisada. D. Pedro tornou-se o idolo do povo. Apagaram-se as lembranças de seus passeios nocturnos com os

officiaes da *auxiliadora*, que faziam escandalo no lar brazileiro; apagaram-se as censuras á sua vida ostensiva de moço; os nomes, sempre griphados, de suas amantes; as propaladas suspeitas do seu *visivel* portuguesismo. Agora, era o principe querido: era o rei . . . Rei? Não. Rei seria pouco. Bonifacio *achou que o povo estava acostumado com as festas do divino e prefereria um imperador de verdade.* Fel-o imperador!

O conspicuo ministro, a quem a idade prateava os cabellos, homem acurvado pela lucubração dos livros, espirito devotado ás complicadas analyses da chimica e ás trabalhosas investigações da mineralogia, alheio das galas mundanas e estranho ás frivolidades dos afeminados e vaidosos, deu tratos á sua intelligencia para realisar delicadezas de côrte, escolher côres para as fardas, cuidar da forma das librés, crear uma ordem honorifica! Como elle, outros tinham pequeninas, mulheris preoccupações. E D. Pedro, moço estouvado de vinte e quatro annos, folgasão e pueril, ria-se dessa côrte arranjada ás tontas, tarrafada em todas as marés, que elle theatralisava a seu talante, voluntarioso, como era, e rebelde, sobre a céga satisfação de seus aulicos.

A precipitada proclamação da independencia colheu os republicanos na lucta por seus planos, mas não esmoreceu-os.

Para sua causa tinham ainda as damninhas ambições dos pretendentes que rastejavam em torno do favor imperial, as tendencias livres de algumas provincias e a Maçonaria, onde *Guatimosim*, Grão Mestre, em vez de ser o leão das partilhas, era o cordeiro dos lobos. José Bonifacio mediu o perigo em que se achava D. Pedro, e para arre-

dal-o desse fôfo terreno minado, fundou uma sociedade secreta com o titulo — *Apostolado* — cuja chefia foi entregue ao imperador. Ficou elle sendo o Archonte-rei; os associados tinham o nome de *columnas do throno*. Essa sociedade dividia-se em duas partes distinctas : — as *Palestras* e as *Decurias*. A funcção das primeiras era de espionagem e delação em que figuravam notavelmente um protegido de José Bonifacio por nome *Porto-seguro* e o pardo Marcellino, alcunhado *o Miquilina*, famoso cantor de modinhas, que D. Pedro estimava. Nas *Decurias*, *garantia da integridade do imperio e da dymnastia dos Braganças*, a politica geral do paiz constituia o principal motivo de suas reuniões.

A formação do *Apostolado* foi, ao certo, um formidavel obstaculo ás inclinações do Grande Oriente, mas, á sagacidade de José Bonifacio respondia o genio ardiloso de Gonçalves Ledo.

Para combater o adversario que se fazia cada vez mais forte, Ledo encontrou ao seu lado a astucia de José Clemente Pereira, como elle bacharel em leis, e animado por ambições.

José Clemente era portuguez de origem ; entrára para magistratura do Brazil como juiz de fóra da Praia Grande, e, por applicado talento, conseguira destacar-se dos seus contemporaneos. Nomeado presidente do Senado da Camara, durante a regencia, a sua politica foi matreira e bicolor. Ora portuguez com a confiança da *divisão auxiliadora* ; ora nacionalista, com um dos maiores gráos maçonicos na loja *União e Tranquillidade*, soube illudir as duas parcialidades até o aniquillamento de uma dellas. Depois da expulsão da *auxiliadora*, José Clemente continuou o

mesmo processo com republicanos e monarchistas, e chegou ao fim que ambicionava. Apezar dos desmandos da sua administração inicial, dos erros e incorrecções de sua vida de homem publico, mais tarde prestou relevantes serviços á sua patria adoptiva, serviços taes que mantêm a memoria de seu nome na gratidão nacional, contra a basofia patriotica de muitos dos seus coévos que atrazaram o desenvolvimento material do paiz com eternas e dissolventes questiunculas politicas.

Foi este o companheiro de Ledo.

Se o principe era intelligente e violento, se José Bonifacio era sagaz, forte e persuasivo, demais secundado pela inflexibilidade de seu irmão Martim Francisco, os dois alliados não valiam menos em qualidades similares. E um dia o primeiro ministro foi avisado de que D. Pedro, em sessão maçonica, *cedeu* aos dois adversarios tres folhas de papel em branco com a assignatura imperial!

Immediatamente José Bonifacio correu ao paço, sobresaltado com a imprudencia do imperador que entregava, por esse modo, armas bem afiadas ás mãos inimigas. A entrevista que o ministro teve foi secreta e demorada, terminando por um pedido de demissão.

Mas isto não bastava. Para vencer os dois astutos adversarios seria preciso levantar todos os obstaculos contra elles, e desta medida incumbiu-se José Mariano de A. Coutinho que convocou o Senado da Camara afim de, em nome do povo, enviar ao imperador uma representação pedindo a prompta reintregação de Banifacio e de Martim Francisco, que o tinha acompanhado.

Propalou-se com rapidez o boato de que os Andradas deixaram o poder *por causa de uma revolução capitaneada*

por Ledo, José Clemente e Nobrega. O povo, guiado pelos partidarios dos Andradas, veiu para a praça, vozeando desde o Campo de Sant'Anna até o Rocio, onde ficava a casa de José Bonifacio. D. Pedro desceu de São Christovão com a imperatriz e seus filhos para testemunhar publicamente o apreço em que tinha seu ex-ministro, mas não o encontrou em casa porque elle se recolhera a uma chacara do arrabalde de Botafogo; deixou a imperatriz e filhos na casa do Rocio e, acompanhado por grande massa de populares, partiu a buscar o velho paulista.

José Bonifacio, perfeitamente informado dos successos occorridos na cidade, voltava acompanhado por numeroso grupo de affeiçoados quando, na altura da Gloria, encontrou-se com o monarcha.

D. Pedro conhecia bem as fraquezas do seu ministro, sabia o quanto elle era sensivel ás manifestações publicas, e comprehendeu que um ostensivo acto de retratação arrebataria os populares e dominaria o homem: atirou-se-lhe aos braços e, dizem, beijou-o nas faces. O enthusiasmo explodiu, uma algazarra jubilosa alvorotou as casas daquelles parasidiacos caminhos. Os dois, monarcha e ministro, entraram no Rocio entre acclamações triumphaes.

Dias depois José Bonifacio mandava abrir devassa sobre a conspiração. Clemente Pereira, Januario Barboza e Nobrega foram exilados para a França; Ledo refugiou-se em S. Gonçalo de Nictheroy, depois voltando á Côrte conseguiu escapar-se para Buenos Aires, disfarçado em *preta mina*; e, os que não lhe seguiram o exemplo, entraram nas masmorras das fortalezas.

D. Pedro, o Grão-Mestre Guatimosim, insinuado por José Bonifacio, mandava terminar os trabalhos do *Grande*

Oriente, fechando suas portas; porém, antes destes acontecimentos completaram o primeiro anniversario da sua realisação, D. Pedro, o Archonte-rei, por vontade mais tyrannica que a do seu conselheiro, suspendia para sempre as sessões do *Apostolado*.

Na primeira vez a persuasão de um homem moveu-o, na segunda o amor de uma mulher subjugou-o.

Mas, em ambos os casos, a monarchia triumphava.

VII

GUERRA DA INDEPENDENCIA

(BAHIA 1821—1823)

Os acontecimentos do Rio de Janeiro despertaram serias apprehensões na côrte de Lisboa e, para garantir a posse do territorio brazileiro onde ella mais dominava, nomeou o coronel Ignacio Luiz Madeira de Mello commandante das armas da Bahia.

A junta do governo provisorio desta provincia havia elevado a tal cargo o coronel brazileiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães, mas Luiz Madeira apresentou-se como a unica authoridade constituida, allegando que a junta não podia desrespeitar a carta regia de D. João VI a quem devia obdiencia e dar conta dos seus actos.

O resultado dessa segunda nomeação foi a divisão da força armada em dois partidos, o dos brazileiros respeitando a authoridade do coronel Guimarães, o dos portuguezes, e esse em maior numero, impondo a chefia de Madeira.

A vista disso o Senado da Camara reuniu-se para julgar dos poderes de Madeira, que achou irregulares, deliberando nomear uma junta militar, tendo Luiz Madeira direito de escolher dois membros e Guimarães outros

dois. Não se conformaram os portuguezes com esta deliberação e abriram as valvulas do despeito para dar vasão ás picardias e injurias.

Instantaneamente o fermento dos odios nacionaes fez a sua explosão. As arruaças sanguinolentas, os assaltos por noites trévosas, as ciladas do assassinato, vieram sobresaltar a população bahiana. Tão repetidas tornaram-se as provocações e tão brutaes as vinganças que no dia 18 de Fevereiro de 1822, os partidarios do coronel Guimarães resolveram effectuar um ataque á gente portugueza, rompendo desde logo as hostilidades.

Luiz Madeira sabendo que os bahianos estavam concentrados no forte de São Pedro, mandou postar sentinellas avançadas naquella direcção para algum accommettimento dos contrarios, mas, no dia seguinte, um grupo de milicianos pardos e pretos sahiu a tirotear com os vigias que fugiram acossados. Eram esses escolhidos soldados do batalhão 12, do commando do tenente-coronel Francisco José Pereira, homem corajoso e muito inimigo dos brazileiros. Offendido com a fuga das sentinellas, reuniu todo seu batalhão e arremetteu contra os bahianos. A fuzilaria inimiga, bem secundada por dois canhões collocados na Piedade, difficultava a marcha do 12, que redobrava de esforços para avançar. A muito custo chegou até o convento das Mercês, mas estonteado pelas descargas e saraivar das balas. Ahi appareceu em seu auxilio a divisão lusitana, emquanto outros batalhões portuguezes, na calçada da Palma, sustentavam fogo com o 1º regimento.

A força portugueza era mais numerosa e melhor armada, portanto, posto a tenaz resistencia offerecida pelos nacionaes, foi ganhando terreno. O 1º regimento teve

de retroceder e entrincheirar-se no quartel onde foram mortos os que não se apressaram em fugir; tambem os milicianos retiraram-se para o forte que Luiz Madeira poz em sitio.

A marcha da *divisão lusitana* assignalou-se por actos de barbaridade. Um major, por nome Serrão, mandou assassinar um pacato brazileiro, antigo professor de latim, depois de ter saqueado sua casa. No convento das religiosas da Lapa a soldadesca bateu á porta com o mais perverso intento. A abbadessa Maria Joaquina, comprehendo a imminente profanação do sagrado recolhimento, teve coragem de se apresentar á massa ébria dos soldados, explicando que não podia, pela sua regra, admittir homem algum no convento, mas estava prompta a dar o dinheiro que houvessem as servas do Senhor, e estendeu-lhes uma bolsa. Mal tinha ella levantado o braço uma bayoneta atravessava o seu coração. O terror relampejou, estrugiu no convento.

A' gritaria das religiosas, ás supplicas das mais fracas, respondiam os soldados com improperios e infamias. Accudindo o padre Daniel, suas palavras perderam-se no vociferar da soldadesca que o prostou ensanguentado, á couce d'armas. A ultima injuria á sagrada habitação das religiosas seria effeituada se alguns officiaes a isso não se oppuzessem; mas dalli partiram-se os soldados como uma horda de barbaros, vingando nos indefesos, descuidados homens que encontravam, o rancor de seus obstados instinctos.

Ia apertado o cerco ao forte de São Pedro. Não obstante a vigilancia dos lusitanos, os nacionaes evadiam-se a pouco e pouco, e quando, no dia 20, Madeira dispoz-se a entrar naquella praça de guerra encontrou apenas alguns

officiaes em companhia do coronel Pedro Guimarães que seguiu preso para Lisboa.

A victoria dos portuguezes estabeleceu a authoridade de Luiz Madeira que mandou buscar forças á Portugal, porque a maioria dos nacionaes procurava o reconcavo onde poderia formar a resistencia. Não tardou que isso acontecesse. O advogado Antonio Pereira Rebouças conseguiu com Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque e Miguel Calmon du Pin e Almeida organisar uma junta provisoria na villa de Cachoeira, e no dia 25 de Junho realisava um *Te-Deum* em acção de graças pelo reconhecimento da regencia de D. Pedro. Terminada a solemnidade, quando a população da villa assestia o desfilar da da tropa miliciana que formára para realce das festas, uma canhoneira portugueza, postada no rio Paraguassú, rompeu fogo de metralha contra a terra. Não estavam desprevenidos os milicianos, pois, desde que alli chegára o barco de guerra, sua tripolação incommodava os habitantes; ao fogo de bordo responderam os de terra com nutrida fuzilaria. Durante tres dias a lucta assim se conservou com pequenos repousos. No dia 28 a resistencia nacional tornou-se mais vigorosa e, com uma peça de pequeno calibre, metteu duas balas no costado do barco, na linha ao lume d'agua, fazendo ao mesmo tempo uma valente abordagem por todos os lados. Ficou prisioneira a tripolação e os cachoeirenses ganharam algumas peças e boa munição de guerra.

Já de Portugal chegára uma grande esquadra commandada pelo chefe João Felix, e o governo de D. Pedro, não obtendo de Luiz Madeira resolução de se embarcar para o reino com a recompensa de *cem contos de reis*

metalicos, porque Madeira, apesar de quasi analphabeto, era um militar honradissimo, contratava com o almirante inglez Lord Cochrane o commando em chefe e a organisação de uma esquadra brazileira, em quanto preparava-se um exercito entregue á provada capacidade de Pedro Labatut que havia servido na revolução da Venezuella. Tambem, pela mesma occasião, o reconcavo da Bahia ganhava o prestigioso concurso do ouvidor de Santo Amaro, Antonio José Duarte de Araujo Gondim ; Francisco Gomes Brandão de Montezuma, o redactor do *Constitucional* que era publicado na capital da provincia, seguia a tomar parte na resistencia, e outros importantes bahianos esqueciam sacrificios para se libertarem do jugo dos dominadores.

Tinham estes perdido o magnifico ponto estrategico, de Itaparica com a desunião do portuguez Antonio de Souza Lima, que desenvolveu toda a sua actividade em fortalecer a ilha, e de tal maneira executou esta medida que nunca os portuguezes lograram pisar suas praias. No entanto contava Luiz Madeira com os novos reforços recebidos de Lisboa, e a grande esquadra composta de 1 náo, 6 fragatas e 13 embarcações menores, dispondo de 494 peças e perto de 5 mil marinheiros. Esta seria para garantir o littoral e a cidade, durante a marcha do seu exercito contra o reconcavo. Mas o exercito de Labatut, desembarcando em Maceió por causa de um temporal e contratempos peiores, que a inveja ou o despeito armaram na expedição sob o commando do chefe De Lamare, descia até Santo Amaro, mantendo o melhor possivel a disciplina de sua gente. Novos contigentes formados no reconcavo vieram ajuntar-se-lhe, entre elles os *couraças* do carmelita

pernambucano José Maria Brayner, solto em 1821, após cinco annos de carece a que o levaram os acontecimentos de 1817. A companhia de guerra organisada por Brayner vestia couraças de couro e usava chapéo da mesma materia; pela coragem de seu chefe salientou-se brilhantemente em todos os feitos dessa campanha a ponto de enthusiasmar Pedro Labatut.

O exercito pacificador, assim se denominou o commandado pelo ex-chefe dos revolucionarios de Venezuella, acampou no engenho dos ricos portuguezes Teixeiras, que tinham fugido. Nessas terras Labatut encontrou escondido um enorme thesouro que muito serviu para custear algumas despezas da tropa, enviando a maior parte do dinheiro á junta da Cachoeira, então constituida em governo provisorio da regencia do principe D. Pedro, com o assentimento de Morapagipe, Inhambupe, Jacobina, Santo Amaro, Camamú, Cayrú, Geremoabo, Caravellas e outras villas. Dahi partiu Labatut, batendo os inimigos que encontrava, vendo-se obrigado a mandar fuzilar 50 negros e vergastar muitas negras que os portuguezes tinham armado contra elle nas cercanicas de Matta-escura e Saboeiro. Os encontros não pertubaram a marcha do exercito pacificador; elle chegou ás proximidades do Pirajá para apertar a cidade numa forte columna de cerco, contando com a coadjuvação da esquadra de Cochrane, cuja partida do Rio de Janeiro era annunciada.

Pedro Labatut dividiu o exercito em duas brigadas, a da esquerda, commandada pelo coronel bahiano Felisberto Gomes Caldeira, a da direita pelo major commandante do batalhão de Pernambuco, José de Barros Falcão de Lacerda, um dos militares revolucionarios de 1817. Essas

duas columnas garantiriam a inviolabilidade do reconcavo até a chegada de outros recursos esperados do Rio de Janeiro e de Minas Geraes, contando o general operar de combinação com lord Cochrane, apertando Luiz Madeira entre dois fogos.

O general portuguez sentiu que a linha do reconcavo diminuia o folgado de suas posições e se o governo do principe mandasse, *como era de esperar*, uma esquadra para operar na bahia, embora *insignificante e talvez mal commandada*, seria necessario que seus soldados agissem em bom terreno contra a descida do exercito de Labatut. Para garantir o campo de acção, Luiz Madeira tentou franquear as columnas de cerco, no dia 8 de Novembro.

Pela madrugada desse dia desembarcaram nas praias de Itacaranhas e Plataforma, umas 250 praças escolhidas e ao mesmo tempo em que, ao romper do dia, avançavam para o centro accommettiam boas forças por terra. Descobertas pelas avançadas de Labatut, postadas em Coqueiros e Bate-folhas, romperam fogo que rapidamente se tornou geral. O ponto do Cabrita foi o alvo principal de Madeira e, accommettendo-o, conseguiu o feliz resultado da sua superioridade numerica. Por mais de cinco horas o fogo continuou vivissimo de parte a parte, mas tendo os batalhões lusitanos avançado acceleradamente pela direcção de Itacaranhas para cortar a retaguarda dos brazileiros, o major José Barros, que dirigia a acção, mandou recuar os combatentes desse ponto afim de poupal-os; o corneta encarregado do signal, que era um portuguez, enganando-se na *ordenança* ou de proposito, deu signal de avançar cavallaria e de degolla. Fez-se confusão na gente de Madeira. Os soldados que iam ganhando terreno, debandaram

em correria e Barros Falcão, aproveitando-se da opportunidade, carregou sobre elles, a bayoneta calada. Destroçadas as forças desse ponto não resistiram as de outros; a retirada foi horrivel.

A perda dos lusitanos subiu a mais de duzentos mortos, além de um numero consideravel de feridos e prisioneiros; a do exercito pacificador limitou-se a seis mortos e alguns feridos, incluindo no numero daquelles os bravos: capitão de artilharia Cypriano Joaquim de Siqueira e tenente Pedro Jacomo Ferreira.

Após este insuccesso os soldados lusitanos tomaram-se de tanto rancor contra os adversarios que, nas escaramuças subsequentes, se apanhavam soldados brazileiros procediam com a mais espantosa deshumanidade.

Labatut, sendo informado de taes factos, escreveu a Luiz Madeira, intimando-o a deixar a Bahia e accrescentou: « *Veiu a minha noticia que os vossos soldados esquecidos da religião santa que professamos e que pertence a uma Nação distincta e civilisada, massacram, esfolam e esquartejam os prisioneiros brazileiros, açoitando-os antes cruelmente; por isso igual procedimento ordenei tivessem os meus soldados com os portuguezes prisioneiros, o que repugna a philantropia do meu coração, mas é necessario. Vós sabeis que o cruel direito de guerra imperiosamente ordena o da represalia. Sede brando, eu o serei igualmente; sede cruel, eu crudelissimo.*»

As armas portuguezas, tão victoriosas outr'ora, entravam num periodo de adversidades, não obstante o denodo de seus militares.

Uma tentativa por ellas realisada contra Itaparica foi desastrosa, devida ao valor do tenente Bótas, commandante

Lima e major Galvão que ahi teve o pulso esmigalhado; outra vez, realisando festejos pelo juramento da Constituição de Portugal, Labatut veiu propositalmente perturbal-as com mais outro insuccesso. A sua esquadra boiava inutil, porque o chefe João Felix, menos arrojado que o general e do que elle mais infeliz, entrava em desintelligencias com os que devia estar de accordo. Por seu lado Madeira accusava o chefe naval, que tambem o accusava; via-se obrigado a vigiar as pretenções do commandante da divisão lusitana que o detestava, e sobre isso só contava desastres! Não eram melhores as condições de Labatut, o que faz acreditar que a chefia de um exercito é assente sobre granadas chammejantes. O commandante do exercito pacificador luctava contra uma infinidade de elementos contrarios, muito mais temiveis que as viglantes linhas do inimigo. A difficuldade da disciplina, a má vontade de muita gente rica que o atrapalhava até em pequenas medidas militares, o embaraçoso e excessivo zelo da junta da Cachoeira, a molestia epidemica que enfraquecia os combatentes, a mingua de recursos pecuniarios e, peior que todos estes estorvos, a inveja, a intriga, as inconfessaveis machinações de muitos de seus officiaes superiores, difficultavam seus planos de guerra, atropelavam seu commando. A inflexibilidade militar do general não cansava em resoluções tomadas, mas, por serem asperas e violentas, augmentavam as antipathias e os despeitos que o assediavam.

Chegando do Rio de Janeiro mais um batalhão de 900 praças, organisado em oito dias, com o nome de *batalhão do imperador*, commandado pelo coronel José Joaquim de Lima e Silva, e um grande contingente de Minas, Labatut

formou uma brigada do centro, ás ordens desse coronel. Assim preparado, e para facilitar a Cochrane, cuja esquadra devia estar em aguas da Bahia, o necessario reconhecimento á força naval de João Felix, o commandante do exercito pacificador preparou um simulado combate ao exercito de Madeira que, nessas occasiões, mandava desembarcar gente de bordo e, portanto, desfalcava as tripolações.

O simulacro deu bons effeitos. O regimento dos pardos e os *couraças* de Brayner tiveram as primasias do triumpho. Mas Cochrane, que ainda esperava alguns barcos para sua esquadra, pôde apenas reconhecer as posições da esquadra real.

No dia 4 de Maio precisando o almirante experimentar o valor do inimigo planejou com o general um outro combate. Assim decidido Labatut fez seguir para Cruz do Cosme, pela estrada do Cabula, o batalhão bahiano do major José Antonio da Silva Castro, e a companhia da Parahyba, do commando do capitão Theodoro Barreto André, para São Gonçalo; partindo para a Conceição o grosso das forças, a cuja testa achava-se o general. Empenhado o combate as forças lusitanas mantiveram por muito tempo suas posições, mas viram-se obrigadas a cedel-as diante da temeridade dos adversarios. A 1ª companhia do *batalhão do imperador*, guiada pelo capitão Chrisostomo, ganhou logo as posições inimigas da Conceição onde a resistencia, por ahi ter avançado Labatut, tornára-se desesperada. Acompanharam os passos de seus heroicos camaradas a 3ª companhia do mesmo batalhão, e depois a 2ª de caçadores de Pernambuco, commandada pelo capitão Corrêa Seára. As tres companhias levaram o inimigo até ás trincheiras

da Lapinha. Os flancos do exercito pacificador operavam com a mesma energia que o centro. Por Brótas, o coronel Felisberto Caldeira fazia retroceder a força lusitana para as roças do Oliveira, e pelas margens do rio S. Pedro o major Francisco da Costa Branco levava seus soldados vencedores até os entrincheiramentos dos campos.

Madeira, que partira para Brótas com idéa de franquear passagem, teve de fazer uma triste retirada porque, froxeando redeas ao cavallo, cahiu do selim e perdeu o chapéo. Os assaltantes não lhe deram tempo de o procurar e o general entrou na cidade com a cabeça descoberta, á frente de suas tropas batidas.

Lord Cochrane realisou o conhecimento. A sua esquadra compunha-se da náu capitanea *D. Pedro I*, com 74 peças, commandada por Crosby; fragatas *Ypiranga*, de 52 peças, commandante David Jefret; *Nictheroy*, de 42 peças, commandante João Taylor; corvetas *Maria da Gloria*, de 32 peças, commandante Theodoro de Beaurepaire; *Liberal*, de 20 peças, commandante Antonio Salema Garção; brigue *Guarany*, de 15 peças, commandante Antonio Joaquim de Castro e brigue-escuna *Real Pedro*, com 10 peças, commandante Justino Xavier de Castro; ao todo 245 boccas de fogo, 7 navios e menos de 3 mil marinheiros.

A inferioridade da esquadra brazileira não era pequena, ainda assim Cochrane colheu brilhante resultado. O almirante tinha planejado uma provocação á esquadra real, organisando a sua divisão na seguinte ordem: náo *D. Pedro I*, capitanea; fragatas *Ypiranga* e *Nictheroy*, corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal* e brigue-escuna *Guarany*, navegando por estibordo da linha para repitir os signaes.

Cochrane procurou cortar a linha inimiga pelo quarto navio que era a charrúa *Principe Real*, á popa da náo *Don João VI*, e provocar uma confusão. A's 11 horas da manhã, approximando-se as duas esquadras, romperam fogo. A lucta foi mais nutrida entre a náo *D. Pedro* e o brigue *Real*, cujo commandante Francisco Braga Pereira de Sá mereceu elogios do almirante inimigo pela bravura e proficiencia nautica com que se portou, quando a náo imperial tinha suas vergas quasi confundidas com as do brigue.

Os artilheiros do almirante eram máos e a tripolação inexperiente em sua maioria ; por tanto, Cochrane mudou de tactica e concebeu o plano de engajar a esquadra de João Felix na caça sobre elle, porque dar-lhe-ia occasião de conhecer a marcha dos barcos portuguezes. Sahiram logo, neste afan e com vantagens, as fragatas *Constituição* e *Perola* e a corveta *Dez de Fevereiro*. Com a approximação do inimigo o almirante determinou que seus navios virassem de bordo apenas escurecesse, para atacal-o por abordagem.

Não realisou-se, porém, este plano, pois o temeroso João Felix mandou retroceder a vanguarda, recolhendo-se prudentemente á bahia.

A chegada da esquadra e as noticias da proclamação da independencia vieram desilludir o general Madeira e os portuguezes que o coadjuvavam na capital.

Comtudo o general estava disposto a esgotar todos os recursos para demonstrar a sua fidelidade, embora estivesse, desde o começo da guerra, convicto de que a sua posição seria de *victima*.

Por seu lado Labatut de vez a mais atormentado pelas pretenções de seus officiaes que, com taes exemplos

corrompiam a disciplina dos subalternos, activava os preparativos do combate decisivo, tendo entrado em accordo com o almiranle Cochrane. Mas não chegou a conquistar essa victoria porque, em vesperas de realisar o golpe final, foi avisado de que Felisberto Caldeira tinha perfeitamente combinado a sua deposição. Seguro da veracidade do aviso mandou ordem de prisão ao coronel Felisberto, e, sem o querer, elle dava o alarma contra si proprio. Os officiaes inverteram os papeis, em lugar de prenderem o coronel Felisberto, cercaram o quartel de *Cangurungú* e fizeram Labatut prisioneiro. Depois, reunidos em conselho, entregaram o exercito ao coronel José Joaquim de Lima que pouco mais fez, porquanto, Luiz Madeira sitiado por terra e mar, descoraçoado pelos insuccessos, *guerreado tambem pelos seus officiaes*, sem recursos para custear suas tropas, quasi abandonado pelo reino que não tinha dinheiro nem tinha credito para soccorrel-o, previa o proximo fim da lucta com uma pezarosa capitulação ou uma vergonhosa fuga. Esta, ao menos, seria a salvação dos seus soldados. E, para effeitual-a, arranjou 86 embarcações com o necessario para a travessia. Um temor, porém, o assaltava—era o de ser hostilisado na occasião do embarque. Assim, valeu-se do coronel Manoel da Cunha Menezes para entrar em accordo com o novo commandante do exercito pacificador, afim de obter o consentimento do embarque, mas Joaquim de Lima e Silva enviou-lhe uma commissão com a resposta cabal de que, si quizesse se retirar propuzesse uma capitulação honrosa, do contrario, elle, Lima e Silva, o acossaria por terra e Cochrane o mesmo faria á sua frota.

A resposta desalentaria a outro chefe nas condições de Madeira que não tivesse a sua indole teimosa; porèm,

esse, nemhum caso fez da ameaça, talvez por vir de um commandante brazileiro, gente cuja *condescendencia* não tinha limites.

Na madrugada do 2 de Julho de 1823, a frota dos 86 barcos abriu velas para a liberdade do oceano! A cidade accordou em paz e só entregue á pacata população commercial que, á luz franca dessa bella manhã, assistiu a entrada enthusiastica do exercito pacificador.

Não velejou incolume, como julgaria viajar, o infeliz general portuguez. Cochrane seguiu-lhe nas aguas, hostilisando e dando caça á numerosa frota fugitiva. A primeira presa foi o bergantim *Promptidão* com 70 praças do batalhão 12; depois a galera *Leal Portugueza* com 244 praças do batalhão 5; um navio com 233 do batalhão 2; o navio *Pizarro* com 164 da *legião lusitana;* a charrúa *Conde de Peniche* com 135 do batalhão 3 e mais um grande numero de barcos com gente emigrada.

E assim terminava a guerra da independencia na Bahia, não em completo jubilo de seus filhos, porque o aquartelamento do exercito, na capital, trouxe tristissimos dias de crimes com que a rivalidade entre os diversos batalhões brazileiros ennegreceu a humanitaria *condescendencia* da madrugada de 2 de Julho.

O probo militar, que uma sedição longamente preparada elevára á chefia do exercito, comprehendeu, n'aquelle momento, a verdadeira razão do golpe; elle, tambem, estava sobre o trophéo das granadas chammejantes. Por sua felicidade, pôde retirar-se com seus valentes soldados, antes que os heróes do acampamento de Cangurungú retirassem de sua mão a espada do commando, cujo cópo brilhante seduzia a muitos como provou o general Labatut em 1824, num conselho de guerra que o absolveu unanimemente.

VIII

CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

(Pernambuco 1824—1825)

Uma parte dos revolucionarios de 1817, salva da tempestade das perseguições, voltando á provincia de Percambuco, e não obstante o castigo soffrido continuou a alimentar suas aspirações de liberdade até que, após a partida de D. João VI, resolveu fundar em Goyanna uma junta provisoria de governo, embora hostilisada pelo terrivel Luiz do Rego.

Fortalecida pelo odio que o povo pernambucano conservava sangrando ás crueldades d'aquelle capitão general e não menos pelas alvorecentes promessas da regencia de D. Pedro, já propenso á causa dos brazileiros, a junta não recuou diante das ameaças de Rego que seguiu para Goyanna á frente de seus batalhões da *divisão auxiliadora*. Dessa vez, porém, o arrojo do capitão mudou-se em covardia, porque na vergonhosa retirada de seus soldados elle não quiz ser dos ultimos e escapou-se, ás pressas, com uma bala no corpo.

Mudada para o Recife a junta provisoria, cuja direcção se achava entregue a dois antigos revolucionarios, Gervasio Pires Ferreira, o *mudo*, e Manoel de Carvalho Paes de Andrade, soffreu logo um golpe de deposição organisado pelo morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto.

Gervasio fugiu para o Rio de Janeiro, sendo apanhado na Bahia por Luiz Madeira que o prendeu como represalia portugueza á rebeldia brazileira, e Paes de Andrade foi encarcerado na fortaleza do Brum.

O governo de D. Pedro confirmou Paes Barreto na posição em que se collocára, mas assim não entenderam as camaras do Recife e de Olinda, que o recusaram. A exemplo dessas, outras camaras municipaes foram apoiando a recusa de sorte que, no dia 4 de Março, uma contra-revolução retirou das muralhas do Brum o prisioneiro Paes de Andrade.

Não esperou o morgado do Cabo que seus partidarios reagissem porque de muito poucas sympathias populares gosava elle, e partiu com sua gente para a Barra Grande, nas Alagôas, onde contava com alguns recursos.

A côrte não tentou a sua reposição, fechou os olhos á desobediencia, e nomeou o antigo secretario de Caetano Pinto, José Carlos Mayrinck, para substituir o morgado. Mas esse, como o primeiro, não era do agrado do povo que o depoz e acclamou presidente a Tristão de Alencar Araripe. Nessa occasião foram escolhidos o capitão Bazi io Quaresma de Torreão, padre Antonio Gomes Leal Piriquito e João Francisco Bastos Junior para, em commissão, virem explicar ao imperador os motivos d'aquellas desobediencias. A commissão luctou muito para conseguir seus fins, porque

os viscondes de Maricá e Cayrú aconselhavam a D. Pedro que mettesse-a nas masmorras da Lage *para vindouro ensinamento de rebeldes*, e se não fossem as contrarias opiniões dos marquezes de Queluz e de Caravellas, ella teria de expiar por longo tempo, nas humidas cavernas da fortaleza, o estupendo crime de pretender fallar ao imperador!

Escapou desse castigo mas soffreu um vexame. D. Pedro recebeu-a em audiencia. Acabava de attender as pessoas que o tinham procurado, quando o *lembraram* de que a *commissão dos rebeldes* esperava sua hora numa das salas do Paço. Retirou-se o imperador para um aposento visinho á sala do throno, e, depois de alguma demora, reappareceu, mas com o vestuario mudado. Substituira a casaca pelo fardão militar com todas as suas condecorações, trazia espada e calçava botas. Subiu ao throno, sentou-se com aspecto arrogante, mandou que o rodeassem os seus *familiares* e deu ordem para que fossem introduzidos na sala os deputados de Pernambuco.

Notaram elles, mal tinham feito os primeiros passos, que havia sorrisos mordazes na companhia imperial, contudo o capitão Quaresma Torreão, na qualidade de relator, animou-se a ler a representação que o imperador ouviu indifferente. Terminada esta, respondeu-lhes D. Pedro que elle agia como devia, que só tinha feito bem, ao que, com palavras humildes, ia objectar Quaresma Torreão quando D. Pedro, pondo o indicador nos labios, deu um terrivel—*scio*—e com o olhar chamejante gritou —*Nem mais uma palavra!*

E em cortezias humilhadas sahiram os deputados, sentindo estalar nos seus ouvidos as risotas das *familiares*. Não sabiam ainda os pernambucanos do resultado da com-

missão quando outra revolução rompeu no Recife. Esta, agora não vinha depôr presidentes, pretendia a independencia da provincia.

Estavam á sua frente homens eminentes como frei Joaquim Canéca, uns dos prisioneiros de 1817, monge carmelita que se notabilisára por producções litterarias e calorosos artigos politicos, conquistando um dos primeiros lugares no jornalismo contemporaneo pela vibrante redacção do *Thyphis Pernambucano;* o talentoso bacharel Nactividade Saldanha, cujo nome era uma tradição gloriosa na Universidade de Coimbra e o prestimoso Paes de Andrade.

Tinham elles aproveitado das desconfianças que a politica dos Andradas cavára nos melhores espiritos da provincia, dos desgostos que as influencias *adoptivas* augmentavam nos patriotas e, por fim, com vantagens, dos tumultos locaes, da indignação levantada pela dissolução da Constituinte e do *obrigado juramento da Constituição*, para o fermento da plethora revolucionaria.

Os artigos de frei Canéca, a palavra de Nactividade e o prestimo de Andrade, conseguiram sublevar os pernambucanos tantas vezes sacrificados pela liberdade.

As provincias do Ceará e Parahyba entraram no conchavo revolucionario, proclamando-se no Recife a *Confederação do Equador*.

A direcção do exercito confederado foi entregue a José Barros Falcão de Lacerda, que voltava com seu batalhão coberto das glorias de Pirajá, e para o commando das columnas foram nomeados valentes e escolhidos officiaes, dedicados servidores da patria e enthusiastas republicanos.

Emquanto o exercito tomava as suas disposições, a junta do governo proclamava ao paiz concitando as demais provincias a unirem-se, acceitava provisoriamente a constituição politica da Colombia, ordenava a suspensão do tráfico e, com os poucos recursos pecuniarios de que dispunha, formava uma esquadra sob o commando geral do emigrado portuguez João Guilherme Ratcliff.

Essas medidas eram tomadas com certa facilidade porque as provincias do norte estavam quasi desguarnecidas, pois, correndo o boato de que Portugal preparava um enorme exercito para combater a independencia brazileira, a côrte concentrára em seu territorio neutro todos os elementos de defesa.

Assim, além dos corpos chamados ao Rio de Janeiro, dos preparativos para augmento da esquadra de Lord Cochrane, activava-se sem descanso e por todos os meios as fortificações do littoral da provincia fluminense, na parte mais proxima á capital, abandonando-se as provincias aos seus proprios recursos!

Recebida na Côrte a noticia da revolução pernambucana, o governo, já descansado quanto a *pretendida* invasão portugueza, fez seguir para o norte, em uma fróta, a 3ª brigada do exercito, ao mando do coronel Francisco de Lima e Silva. No dia 18 de Agosto chegou a fróta á Maceió, desembarcando os batalhões em Jaraguá onde descansaram por nove dias e na madrugada de 28 abalaram para a terra dos rebeldes confederados. Depois de cinco dias entrou na Barra Grande que era o ponto da juncção com as forças de Paes Barreto.

Descansando em Serinhaem e Cabo seguiram as forças em marcha forçada, porque o commandante recebeu

aviso de João Taylor, chefe da expedição naval encarregada do bloqueio do porto, de que o valoroso José de Barros Falcão e Paes de Andrade estavam fóra da capital. A's quatro horas da tarde do dia 12 de Setembro, o exercito de Lima rompia o fogo nos Affogados, por onde entrou para o bairro de Santo Antonio cuja resistencia cessou em poucas horas.

Concentráram-se os confederados em Recife e na Boa Vista onde a columna de José de Barros se achava.

Para alcançar esse ponto era preciso transpor a ponte que a columna guardava com boa fuzilaria e duas boccas de fogo. Algumas tentativas fizeram os soldados imperialistas mas sempre com desvantagem porque nem ao meio da ponte conseguiram chegar. A defensiva era tenaz. Emfim, no dia 15, pela espantosa temeridade de um alferes por nome Marçal, as forças sitiantes investiram contra a ponte, sendo recebidas por uma descarga que matou o arrojado alferes. Os imperiaes atacaram com presteza, empenhando-se desesperadamente em ganhar terreno.

Depois de nutrido fogo atravessáram a ponte, a gente dos confederados recuou para a rua do Sebo —e ahi buscou posição defendida com immensa valentia. A lucta travada, em successivos dias, desde o termo do bairro de Santo Antonio até Aguas Frias, assignalou-se por acções de maior bravura de parte a parte. Foram numerosas as mortes e ferimentos nas fileiras de ambos os exercitos. Mas o confederados tiveram de ceder aos imperiaes. Concentráram-se, então, no Recife, o unico baluarte que restava ao valente e desimado exercito da *Confederação do Equador*, á cuja frente, nesse momento, achavam-se Agostinho Bezerra e frei Canéca.

Do lado do mar estavam os confederados prevenidos pelo forte do Brum e Quebra Pratos, e pelo de terra tinham cortado a ponte e guarnecido o forte das Canôas. Assim preparados sustentavam o bombardeio que as forças de Lima e a divisão de Taylor faziam sem interrupção. No dia 16 desembarcou pelo lado sul, na ilha do Nogueira, um contingente de marinha para distrahir o fogo e, no dia 17, por combinada operação de todas as forças os imperiaes entraram na cidade, após muitas horas de horrivel refrega. O exercito confederado debandou. Agostinho Bezerra, frei Canéca, os majores Emiliano, Nicoláu, Bartholomeu e outros foram alcançados e presos.

Ao desastre da Confederação no Recife correspondia o ultimo revez soffrido no Ceará. Pereira Filgueiras e Tristão de Alencar Araripe eram vencidos.

Proclamada a *legalidade* na capital de Pernambuco um espectaculo estranho apresentou-se aos olhos do exercito vencedor. Appareciam pelas ruas bandos de homens magros, escaveirados, côr de enxofre, trazendo no olhar vislumbre de aterrorisadas vigilias e o andar vacillante dos enfermiços palustres: eram os portuguezes, caixeiros e negociantes que, durante dois mezes, permaneceram em subterraneos para escaparem da sanha vingativa dos soldados revolucionarios quando faziam as correrias do *mata marinheiro*.

Paes de Andrade, Nactividade Saldanha e outros companheiros conseguiram fugir.

Esperava-se que a Côrte do Rio, inteirada dos triumphos da columna expedicionaria e pela pacificação geral da provincia, usasse de clemencia para com os presos, esperanças que erão alimentadas pela moderação de

Francisco de Lima. A alçada militar condemnou os presos á pena de morte, mas a confiança no perdão do monarcha arraigára-se de tal maneira no espirito publico, que tornaram-se constantes os boatos de se haver secretamente permittido a evasão de frei Canéca e o major Emiliano. E nessa espectativa a população passava os dias até que chegou ao Recife o brigadeiro Bento Barrozo Pereira que vinha — assim se propalava — substituir o coronel Lima. A demissão do coronel não realisou-se, mas o brigadeiro Barroso Pereira viera com ordens da Côrte, na qualidade de emissario especial, para executar a sentença da alçada militar, talvez pelo empenho que as ordens e irmandades religiosas punham em salvar frei Canéca.

O brigadeiro Barrozo, como homem que tem pressa de dar conta de uma missão, logo após a sua chegada marcou o dia das primeiras execuções. Foram quatro os que deviam, num só dia, cumprir a pena da alçada. Bezerra, Bartholomeu, Emiliano e Nicoláu desceram as escadas da cadêa, os tres primeiros com passos firmes, sobre todos Agostinho Bezerra que demonstrava a mais impressionante serenidade ; o ultimo porém, apenas pisou o primeiro degrão, empallideceu e cahiu em desmaio. Assim foi levado numa carrêta para o largo das *Cinco Pontas* onde o amarraram a um póste ; seus companheiros perfilaram-se ao lado desse marco e o pelotão descarregou as armas. A' primeira descarga nenhum morreu e á segunda um só exhalou o final suspiro. Os soldados carregam as armas apressados e atarantadamente. Os lamentos dos feridos são dolorosos e elles imploram que os matem mas não os façam soffrer. O pelotão approxima-se e cada

soldado, indistinctamente, o que tem com mais presteza roido o cartucho, atira a queima-roupa, com desespero. Por fim as quatro victimas estatelam-se de face no chão, crivadas de balas, como se fossem trophéos de uma caçada com resistencia tremenda ou alvo de tiros de uma força bisonha.

Restava frei Canéca.

Eram sabidos e muito sympathicamente commentados os esforços que os ecclesiasticos da cidade, como a maioria do clero brazileiro, praticavam para arrancar do imperador D. Pedro o perdão, ou pelo menos a commutação da pena, ao monge carmelita. A ordem dos recoletos da Madre de Deus, a que elle pertencia, empregava neste affinco os melhores recursos de que podia dispor, e tambem muitos seculares que o estimavam pelas suas nunca desmentidas virtudes concorriam com os melhores officios para accordarem a clemencia imperial.

Mas o principe foi surdo aos insistentes clamores dos religiosos e dos brazileiros; o carmelita era um réo reincidente de lésa-magestade!

No dia 23 de Janeiro de 1825 frei Joaquim Canéca desceu as escadas da cadêa. Vinha com o habito da Madre de Deus. Entre duas fileiras de soldados seguiu até a *Capella do Terço*, em cujo adro estava armado um altar sobre largo estrado junto do qual esperavam, nas suas paramentas de gala, os sacerdotes que deviam desautoral-o antes de ser entregue ao baraço. A tropa formou um vasto circulo em frente do adro. O carrasco e seu ajudante retiraram-se da companhia do padecente. Frei Canéca foi recebido pelos padres que o vestiram com as alfaias de celebrante e o collocaram de pé, com a face para a imagem

de Christo. Dois padres subiram ao estrado e genuflexaram, abriram os codices do acto e encetaram a cerimonia que os populares acompanhavam surprendidos pela novidade. Após a leitura do argumento, realisado por um e respondido por outro padre, o ajudante ecclesiastico approximou-se, aspergiu em cruz com agua-benta a casula da celebração e despiu-a do padecente. Leram os padres o texto dos codices; o ajudante aspergiu a estola e retirou-a, com oblações de incenso que outro sacerdote, em reverencias, thuribulou; continuou a leitura cerimonial e foi-lhe retirado, depois de aspergido, o manipulo, e da mesma forma o cordão, a alva sagrada, o manto e o habito. Então ergueram-se os sacerdotes que liam. Frei Canéca estava desautorado. A sua resignação era immensa e em suas faces, muito claras, que o medo nenhuma só vez empallideceu, pairava a serenidade dos que sonham, a que a brancura de suas cans fazia resplandecer como uma gloriosa cabeça de Santo.

Terminado o *capitulo* e posto o padecente em trajos mundanos os dois sacerdotes leitores fizeram, em passos lentos, uma volta em torno delle e deram a pancada da excommunhão na sua tonsura. Assim feito, um meirinho o vestiu com a alva dos condemnados. Foi, por este modo, na brancura symbolica da pureza, que esse grande patriota cujo corpo, agora envolto na tunica do padecimento — branca como a vestidura lanigera do anho catholico, digna da sua alma pela immaculada expressão da côr — caminhou entre alas de soldados para o largo das *Cinco Pontas* onde o esperava a forca. Com o passo seguro e o rosto sereno subiu os degráos do patibulo, mas só, porque o carrasco, muito pallido, com o olhar

aterrorisado, negava-se obstinadamente a acompanhal-o. Nem ameaças nem propostas o demoveram do juramento que a si fizera de não pôr as mãos profanas n'aquelle santo-homem. Chamado o seu ajudante, tambem esse não cedeu nem mesmo diante da força. Recorreram aos presos da cadêa com promessas de liberdade e nenhum, nenhum houve que cavasse n'alma o eterno asylo de remorsos com a pratica de semelhante impiedade! E durante esse tempo, longo que foi! no qual se gastaram horas, frei Canêca esperou tranquillo o seu martyrio. Dir-se-ia que n'aquelle espirito a idéa da Patria tinha annullado toda a noção do soffrimento physico, e que, para o proteger das sensibilidades do corpo, um ser intangivel o amparava, abrindo sobre elle a grandeza protectora das azas transparentes, feitas da irradiação dos halos que circundam a cabeça dos Eleitos.

Diante da repulsa dos carrascos, diante do terror que esse supplicio infundiu nos sentenciados aos quaes offereciam a liberdade em troca da execução, não se commoveram os corações de seus juizes! Frei Canéca desceu as escadas da forca e foi entregue aos soldados.

« *Meus amigos não me deixem soffrer muito....* »

Disse elle. Uma descarga cortou-lhe a palavra.

E cahiu morto, emquanto seu espirito alava-se para a immortalidade, dilatando-se no invisivel dos espaços, á luz loura do sol americano, sobre a vastidão da terra brazileira.

Nas regiões do Equador tombavam, assassinados pela lei dos vencedores, os corpos d'aquelles que sonharam com a Patria livre, e no Rio de Janeiro, em uma das praças da Côrte, uma que ficava fronteira á grandeza da Serra dos

Orgãos, armava-se a forca para dar morte a Ratcliff, Pio Methrowic e Silva Loureiro, aprisionados na esquadra republicana da *Confederação*.

Ratcliff era o mais moço dos tres, alma aberta em sonhos para a vida. Emigrado de Portugal por causa de uma revolução, valente e generoso, vinha na terra adoptiva dar o seu cadaver á victoria da Liberdade.

Nas muralhas da fortaleza de Santa Cruz, esperando o dia do supplicio, sua alma voltava-se á devoção da deusa ideal, e a plangencia sonora dos vagalhões, nas horas quietas da tarde, cantava em seus ouvidos o rythmo embalador dos versos que a mão ia escrevendo....

No dia 17 de Março de 1825, minutos antes das doze horas, quando o sol no seu triumpho de luz dardeja ouro do operculado azul, o portuense Guilherme Ratcliff, o genovez Pio Methrowich e o brazileiro Joaquim da Silva Loureiro, padeceram morte na forca, erguida no largo da Prainha, por crime de rebellião.

IX

SETE DE ABRIL

(RIO DE JANEIRO — 1831)

O temperamento irriquieto de D. Pedro não podia conformar-se com a idosa ponderação do dedicado José Bonifacio.

O velho paulista, temendo a desunião e anarchia de sua patria tinha arranjado um throno sem bases, corôado um imperador desatinado e, querendo estabelecer a autonomia nacional, entregára os destinos da nova nação a um estrangeiro!

Em pouco tempo teve José Bonifacio a comprovação de taes erros.

O trefego principe, que alarmava a população fluminense com seus escandalos, esqueceu-se de que trazia na cabeça uma corôa imperial e levou para seu convivio individuos que não primavam pela moralidade dos costumes nem mesmo salvando as apparencias de camarilheiros. Francisco Gomes da Silva, por alcunha o *Chalaça*, máo official de ourives e malandrim ignorante, João Carlota que fôra moço das cosinhas de D. João VI, o rufião

Rocha Pinto e um barbeiro por nome Placido, todos portuguezes, eram os que privavam com o monarcha. Portuguezes eram os chefes militares e portuguezes os serviçaes do seu paço. De brazileiros só queria saber D. Pedro quando elles pautavam seu proceder pela servilidade da camarilha ou faziam alarde de lusitanismo.

A politica de José Bonifacio, pela tendencia nativista de seus irmãos Martim Francisco e Antonio Carlos, procurava afastar D. Pedro do elemento lusitano, mas o imperador que sorrira, por momentos, á ingenua confiança dos brazileiros, não tinha forças para escarpar-se á influencia de seus compatriotas.

Em torno dos Andradas, que esforçavam-se por dominar a côrte e imprimir á direcção do paiz os sentimentos que os havia reunido, fez-se um assedio combinado entre aspirações diversas mas de intuitos reciprocos. Republicanos e absolutistas deram-se as mãos. Outra força veiu augmentar o cerco á politica andradina e essa foi a soberania que uma mulher chamada Domitilla conseguiu alcançar no espirito do joven monarcha.

Ambiciosa, intelligente e audaz, todo o prestigio de seus encantos femininos foi exercido para a satisfação destas qualidades; e os Andradas que não eram homens para a galanteria cortezã nem imaginavam uma patria governada pelo desvario dos amores, tiveram de abrir lucta com mais esse poderoso inimigo de olhos lindos e maneiras seductoras.

Não tardou que os sitiantes alçassem pendões de victoria.

O primeiro signal partiu do fechamento do *Apostolado*, seguiu-se-lhe uma impertinente imposição do imperador,

depois a indifferença com que elle aceitou a demissão dos tres ministros substituindo-os por adversarios, e, por fim, a incorporação de soldados portuguezes, prisioneiros de guerra vindos da Bahia, aos regimentos do Rio de Janeiro.

Este facto, sobretudo, motivou increpações. Nas columnas do periodico SENTINELLA appareceu violento artigo assignado por um *brazileiro resoluto* que, com indicações pessoaes, condemnava o estranho procedimento.

N'uma tarde de Novembro de 1823, precisamente a correspondente ao dia da publicação do referido artigo, dois militares portuguezes, sendo um delles o major de artilheria Loureiro Lapa, entraram na botica de David Pamplona, no largo da Carioca, e o espancaram brutalmente.

O espancado, que o fôra por engano porquanto de suas mãos jamais sahira collaboração para a SENTINELLA, dirigiu á Assembléa Constituinte uma representação pedindo reparação do *insulto que em sua pessoa o Brazil recebera*, apesar de ser *adoptivo*. Mas o partido andradino aproveitou-se do incidente para demonstrar sua aversão á politica seguida pelo imperador. Numerosos bandos de populares puzeram em alarma a cidade, correram a Assembléa onde invadiram o recinto, apupando os *suspeitos* e prestando ovações aos Andradas; logo a tropa moveu-se dos quarteis em marcha para São Christovão e os deputados declaram-se em sessão permanente. Os successos prenunciavam uma crise gravissima. Então D. Pedro resolveu-se a dar um golpe audacioso — apresentou-se á frente da tropa, cuja maioria era estrangeira, e proclamou que a opposição da Constituinte visava a deposição do monarcha e a extinção de exercito.

A sagacidade do imperador não era para desprezar e aquelles que, confiados, julgavam ter em suas mãos os cordeis de um titere acordavam com os pulsos manietados.

A proclamação do imperador foi recebida com enthusiasmo. O interesse e a imponderação fundiram-se n'uma obdiencia servil. Assim, sorrindo aos planos que a peninsular imaginação estava architectando, tomou a testa de seus batalhões e desceu para a cidade, acompanhado pela *favorita*, como elle cavalgando um bello animal fogoso.

A' força de armas a Assembléa foi dissolvida, foram presos os Andradas e os *tamoyos*, seus partidarios; varejadas as habitações dos que não estavam ao alcance da pista policial, e instituido o governo absoluto do imperador.

A dedicação de José Bonifacio teve a recompensa do exilio. No dia 20 de Novembro de 1823, oito dias depois desses acontecimentos, partiam José Bonifacio, Martim Francisco, Antonio Carlos, Belchior Fernandes Pinheiro, José Joaquim da Rocha com seus dois filhos, e Francisco Gomes Brandão de Montezuma (mais tarde Francisco Gê Acayaba de Montezuma, *visconde de Jequitinhonha*) para a terra do desterro, a bordo da charrúa *Luconia*. Levavam suas familias e levavam uma pensão do Estado, mas, por baixo desta generosidade, escondia-se a trama infernal de entregal-os á vingança de D. Miguel que, em represalia á guerra da independencia do Brazil, desporia a bel-prazer de suas vidas. Não participou D. Pedro dessa infamia, porque repelliu com energia as capciosas palavras com que ella lhe fôra proposta; existia, porém, pelo sigiloso trato entre o commandante da charrúa e a camarilha imperial.

A' honestidade do immediato da *Luconia* e aos bons

officios de um consul francez e do plenipotenciario inglez em Hespanha, deveram os exilados a salvação, pois o commandante tudo fez para provocar o encontro da charrúa com algum navio da real armada em aguas portuguezas, e, ainda arribado ao porto de Vigo, onde se deu a interferencia do ministro inglez, o traidor marinheiro alimentava o desejo de que os vasos lusitanos, mandados á espreitar a ronceira *Luconia*, pudessem captural-a.

Emquanto os seis desterrados iam singrando os mares, eram conduzidos ás prisões da Ilha das Cobras os deputados Campos Vergueiro, Muniz Tavares, Henrique de Rezende, Carneiro da Cunha, Martiniano de Alencar, Ignacio de Andrade, Almeida Fortuna, Cruz Gomes e Pereira de Carvalho.

Estava D. Pedro desembaraçado dos *Andradas* e os absolutistas ficavam senhores do paiz, porque de seus alliados republicanos ninguem mais fallava.

Entrou a nação em saque.

Os rufiões e sacripantes da convivencia imperial surgiram ricos; a decencia social, que tinha sua egide na virtuosa imperatriz, desappareceu nas humilhações soffridas por D. Leopoldina de Hapsburg com o ostensivo dominio da *favorita*, arvorada em viscondessa, dama nobre e depois marqueza; os titulos nobiliarchicos eneheram a côrte de caricatural fidalguia; a intriga, a bajulação e o desrespeito; a frascaria, o concubinato, as transacções illicitas e o nepotismo, formaram filas cerradas em guarda dé honra ao throno brazileiro. Ninguem se fazia entender porque ninguem queria ouvir. A administração publica era confusa e desbaratada. Uma ordem do *gabinte secreto*,

a que o Chalaça presidia nos quartos baixos da Quinta, estava em contradição com outra ordem expedida pela *favorita*, que, por sua vez, desencontrava-se com as ordens do governo.

Em menos de tres annos foi despendida a somma de tres milhões, seissentos e oitenta e tres mil e duzentas libras esterlinas! No gabinete de José Clemente Pereira, que lográra as sympathias do imperador, o ministro Miguel Calmon, fallecido marquez de Abrantes, lançou em circulação seis milhões de moedas de cobre e dez milhões de cruzados em notas tomadas por emprestimo ao Banco do Brazil! Pela convenção secreta, addicional ao tratado de 29 de Abril de 1825, o imperio comprometteu-se a pagar a Portugal dois milhões sterlinos, divida contrahida pelo reino em 1823 no intuito de hostilisar a independencia, alem de seissentas mil libras dadas a D. João VI a titulo de indemnisação de seus bens, palacio e fazenda de Santa Cruz!

Para a irresponsabilidade de tantos desmandos era necessario não ter o throno contas a dar. E realmente; cinco dias após a dissolução da Constituinte, em 17 de Novembro de 1823, D. Pedro *mandou* proceder a eleição para a nova Assembléa, mas nada se fez; o paiz não teve representação e até o dia 3 de Maio de 1826 permaneceu nesse triste estado de cezarismo, apezar da farça de um apressado juramento de Constituição, em 1824.

O descalabro estendia-se aos extremos do Brazil. Ao norte os motins, os assassinatos, as manifestações *unitarias* com Portugal, explodiam como successão de minas ligadas por incendiada mécha; ao sul, a guerra da independencia da provincia Cisplatina, que D. João VI á força

annexára ao imperio, devorava fabulosas sommas e consummia preciosas vidas para um fim desastroso.

Faltaria á completação deste quadro as cores carregadas de uma affronta ao brio nacional, se não houvessemos memoria do caso do almirante Rossin, em 1828, o qual, dentro da bahia do Rio de Janeiro, reclamava com os morrões accesos e caronadas promptas, a entrega dos barcos francezes aprisionados no bloqueio do Rio da Prata.

Curvando a cabeça á imposição do almirante francez, quando os representantes da Nação oppunham-se a que se lhe entregasse os navios reclamados, D. Pedro que, dois annos antes abandonára seu exercito á impericia militar do marquez de Barbacena, nas planices do sul, porque a *favorita* mandára-o chamar a toda a pressa para decidir de uma frivolidade, provava de modo claro que nemhum laço o prendia a esta *terra estranha*, pois deixava-a esconder a face ruborisada pelo stigma que a dignidade apaga com sangue.

A descida era vertiginosa para o descredito e para a deshonra.

Foi com a chegada da princeza Amelia de Leuchtemberg, segunda esposa do imperador (D. Maria Leopoldina fallecera em Dezembro de 1826) que a terrivel descida pareceu paralysar-se na sua vertigem. Houve um momento de allivio. Passava o anno 1829 e os desterrados tinham voltado á patria.

O imperador commetteu ao marquez de Barbacena, que acabava de negociar na Europa o contracto nupcial da princeza, a responsabilidade de organisar um ministerio, no que foi satisfeito com um governo composto de brazileiros natos, que pouco tempo manteve-se no poder.

Um dos primeiros actos desse governo foi a difficil retirada do Chalaça e Rocha Pinto, a que o imperador acquieceu depois de enorme reluctancia. Mas, com os bolços replétos de avultadas quantias elles partiram para Londres; a *favorita* tambem *consentira* em mudar-se para S. Paulo, graças á larga distribuição de riquezas e dadivas valiosas. Uma sua filha, que o imperador reconhecera com o titulo de duqueza, camara e moradia na Quinta, ainda em vida da primeira imperatriz, seguiu para uma das capitaes européas afim de educar-se e porque a princeza Amelia negára-se a desembarcar emquanto ella estivesse no paço.

Os adoradores do monarcha julgavam impedir, por esta maneira, a sua eminente quéda.

Mas, era tarde; a popularidade de D. Pedro decrescia. O povo sahira da indifferença em que jazera por mais de cinco annos.

Os tempos mudaram. Evaristo Ferreira da Veiga, filho de um livreiro portuguez e como seu pae tambem livreiro, espirito sizudamente educado, sem grandes ambições de gloria e olhos de aguia, mas honesto e criterioso, fundou um periodico com o titulo *Aurora Fluminense*, onde guiava seus concidadãos pelo aplainado caminho do constitucionalismo. A' timidez e cumplicidade dos escriptores contemporaneos oppunham-se os jornaes republicanos *Luz Brazileira* e *Tribuno*, e, com maior calôr democratico, o *Republica* de Antonio Borges da Fonseca.

A opposição reapparecera na Camara e de vez a vez mais animada.

Em algumas provincias a opinião publica agitava-se em favor da discriminação partidaria, estabelecendo seus

programmas. São Paulo e Minas eram das mais sympathicas a esta idéa e onde havia melhor combinação de elementos contrarios aos governos de camarilhas.

Pensando no successo obtido com a jornada de 1822 o imperador partiu para Minas. Illudiu-se, porém, e á sua volta penosas impressões pesar-lhe-iam no espirito aturdido com a indifferença da população mineira.

Um dos factos, que mais o impressionou, foi, em verdade, o das manifestações de pezar pelo assassinato do dr. Libero Badaró, em S. Paulo, que se imputava á gente do governo, manifestações realisadas em Ouro Preto no dia em que D. Pedro alli chegava. A' sua entrada os sinos carpiam a finados; pelos declives da velha cidade, passavam grupos trajando lucto em romaria piedosa, na direcção das egrejas preparadas de colgaduras funebres para os officios sagrados do responso. O monarcha achou-se rodeado apenas de alguns individuos, cujas posições officiaes os obrigavam a essa visivel contrariedade.

Era claro o desprazer da sua presença.

A commentada nova de tão singular recepção celére espalhou-se pela Côrte, ferindo o amor-proprio dos lusitanos.

Então, como desaffronta do procedimento do povo mineiro, elles preparam uma estrondosa manifestação de apreço ao imperador. No dia 11 de Março de 1831, á chegada de D. Pedro, as *festas publicas*, preparadas pelos lusitanos, foram annunciadas com foguetes e musicas. A' noite brilharam as luminarias nas frontarias das casas de commercio e moradia dos portuguezes; fogueiras foram queimadas nas praças, houve passeiata com charangas e, em muitos lugares, arcos triumphaes de folhagem. Essa

ruidosa manifestação calou no espirito dos nacionaes como uma provocação aviltante.

Na primeira noite grande massa de estudantes e officiaes do exercito saiu a rua dando vivas ao Brazil e á Constituição. Na noite seguinte os grupos tinham engrossado e de tal maneira que, ao termo do dia 13, era uma multidão compacta que enchia as ruas e praças.

Apoiados pelo numero, os exaltados entraram na pratica do despique physico. No Rocio o motim pejou-se de cóleras e estabeleceu-se encarniçada lucta. Batidos pelos nacionaes os portuguezes procuraram entrincheirar-se nas lojas e sobrados, donde atiravam garrafas e descarregavam garruchas. Por longo tempo durou esse estranho combate, que ficou conhecido pelo nome de *noite das garrafadas*, mas os nacionaes, feridos e sem armas para resistirem, porque outras não tinham mais que as pedras da praça, deixaram o campo da lucta já, agora, perseguidos pelos contrarios. O desforço aterrorisou a cidade. Numerosos bandos lusitanos esbordoavam, feriam, insultavam os brazileiros e apedrejavam suas casas. O governo, que devia intervir acalmando os animos, prestou apoio á causa estrangeira mandando prender officiaes brazileiros e ameaçando outros nacionaes. A vista de taes factos os deputados fizeram uma energica representação ao imperador, exigindo uma reparação á honra nacional gravemente offendida pela *furia insensata e sanguinaria de homens grosseiros, que se honram de ser vassallos de D. Miguel e subditos de D. Maria II.*

A satisfação dada pelo imperador limitou-se a uma mudança ministerial, realisada no dia 20.

Dir-se-ia que D. Pedro perdera o juizo se fossem

ignoradas as causas que o levaram a proceder por essa leviana maneira. E de facto; o moço monarcha bem conhecia que a sua maior força, que era o exercito, *nacionalisára-se* com o desenfreado recrutamento para a guerra Cisplatina e pela experiencia adquirida por seus officiaes brazileiros, elevados a chefes de batalhões; percebia que a Nação, até áquelle momento governada como se fosse um feudo, sob a vontade de um barão devasso, reanimára suas energias de luctadora e independente; e se, em 1829, elle, D. Pedro, fechára as sessões da Assembléa com o laconismo de um senhor despedindo lacaios, bastaria agora um indiscreto signal para provocar-lhe a represalia. A' sua sagacidade não passavam desapreciados estes symptomas e tanto que, por vezes, manifestára aos seus aulicos o desejo de abdicar em seu filho. De mais, os emigrados portuguezes, reunidos em Londres afim de levarem a effeito uma revolução contra a tyrannia miguelista, insistiam com D. Pedro para tomar a frente das tropas revolucionarias, insistencia reforçada pelos pedidos de sua filha, D. Maria II, despeitada com a usurpação praticada por seu tio D. Miguel.

O espirito do imperador oscillava entre Portugal e Brazil. De um lado tinha sua patria, pela qual não perdera os enthusiasmos, offerecendo-lhe os louros de *Libertador* que sua tactica militar conquistou na gratidão dos portuguezes; de outro, este throno das vinte estrellas, dominando o rico territorio americano cubiçado pelas potencias da Europa. Era difficil a escolha.

Mas D. Pedro sentia bater no peito um coração portuguez, inclinou-se para sua patria. Foi elle quem lançou a luva aos nacionaes, sabedor da conspiração que

os deputados tramavam. No dia 5 de Abril de 1831 o imperador, contrariando a espectativa publica, chamou para o ministerio dois homens da sua confiança, mal vistos pelos fluminenses.

Desde logo o movimento de forças e a actividade do intendente de policia, Costa Gavião, descortinaram a gravidade da situação.

Era facto conhecido que os deputados, depois do acontecimento de Março, reuniam-se em sessão *secreta* na casa do padre Custodio Dias, deputado mineiro, ou na Maçonaria de Vallongo. Nicolau Campos Vergueiro, portuguez de nascimento, mas muito devotado á patria adoptiva, era quem presidia essas sessões. Longas e serias discussões alli foram travadas a respeito da forma republicana que dar-se-ia ao governo quando rebentasse a revolução tramada, mas os homens de 1831 liam pela mesma obscura e reduzida cartilha dos homens de 1822 porque, em sua maioria, eram os mesmos, excepção feita dos mais salientes propugnadores da independencia, que então beijavam com maior humildade a mão que fechára a Constituinte em 1823. Contra a republica levantavam-se Vergueiro, Evaristo e Odorico Mendes que se apegavam aos tristes exemplos dos paizes sul americanos! Decidido que se conservasse a monarchia representada pelo principe nascido no Brazil, sob a tutella de uma regencia, Odorico Mendes recebeu a incumbencia de conquistar a adhesão dos mais graduados militares brazileiros. E no dia 6 o movimento precipitado na vespera, á noite, pelo boato de prisão dos chefes, trouxe á cidade um amanhecer anormal.

A camara estava fechada, os jornaes não traziam

noticias nem deixavam transparecer receios, mas a desusada carreira de séges e de estafetas .presagiava a occasião do rompimento. Rapida correu a noticia de estarem em forma, no Campo de Sant'Anna, dois corpos de artilharia de posição commandados pelo brigadeiro Francisco de Paula Vasconcellos, e da chegada dos granadeiros e caçadores sob as ordens do general Francisco de Lima e Silva. Ondas e ondas de populares affluiram para aquelle local e guiados pelos deputados Evaristo, Odorico, Vieira Souto, Carneiro Leão, Alencar, Limpo de Abreu e Custadio Dias, os militares Luiz Alves de Lima, Polydoro Jordão e outros, tomavam armas, organisando batalhões. Uma commissão de tres juizes de paz foi á São Christovão para notificar ao imperador que o exercito e povo, alli reunidos, demonstravam a resistencia da Nação contra o seu impatriotico ministerio. Esses juizes voltaram, sendo portadores de uma proclamação em que D. Pedro affirmava que o ministerio era constitucional, digno da confiança publica e que elle, imperador, estava disposto a tudo fazer *para* o povo e não *pelo* povo.

Não lhes foi possivel terminar a leitura da proclamação porque os populares, desesperados com seus termos, rasgaram-n'a, levantando gritos sediciosos. O general Francisco de Lima resolveu enviar outro emissario á Quinta e despachou nesse mister seu ajudante Miguel de Frias Vasconcellos. A's onze horas da noite, ainda não tendo voltado Miguel de Frias, apresentou-se no Campo o *Batalhão do Imperador* com o seu commandante Manoel da Fonseca Lima, acompanhado do brigageiro José Joaquim de Lima e Silva. Esse corpo, sabendo que a tropa se reunia ao povo, desertou de São Christovão ; seguindo-lhe

o exemplo, muitos officiaes do regimento de artilharia de campanha, aquartelado na Quinta, mostravam vivos desejos de acompanhar seus irmãos de armas e, para prevenir uma vergonhosa deserção, seu commandante João Carlos Pardal foi entender-se com o imperador, tendo a resposta de que : « deixasse-os ajuntarem-se aos seus camaradas porque elle não queria o sacrificio de pessoa alguma.»

D. Pedro não se enganava com a situação que, por violencia, provocára ; recebeu, porém, aturdidora impressão ao saber da partida do corpo de sua confiança. Um momento vacillou, talvez ferido pela deserção e pela fraqueza dos que o cercavam. Tentou um contra golpe mandando chamar Campos Vergueiro, mas elle não apparecia e as horas iam correndo. Frias Vasconcellos impacientava-se com a demora e fallava em consequencias sanguinolentas que o retardamento de uma resposta poderia dar lugar ; então D. Pedro decidiu-se. Animou a imperatriz, que chorava, e recolheu-se aos seus aposentos, só e pensativo. A's 3 horas da madrugada do dia 7, reappareceu e não pôde disfarçar as lagrimas percebidas por Frias, a quem entregou o seguinte documento :

« Usando do direito que a Constituição Me Concede, Declaro que Hei mui voluntariamente Abdicado na pessoa de Meu muito amado e Presado filho D. Pedro de Alcantara.—Boa-Vista, sete de Abril de mil oitocentos e trinta e um, decimo da independencia do Imperio. PEDRO. »

Momentos decorridos e com a data do dia anterior, escreveu o decreto nomeando tutor do seu filho, *o muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, seu verdadeiro amigo.*

Nesse dia o imperador recolheu-se a bordo da náo

ingleza *Werspite* e no dia 13 de Abril a corveta ingleza *Volage*, acompanhada da charrua franceza *La Sirène* e outras embarcações, zarpava do porto do Rio de Janeiro, conduzindo D. Pedro, D. Maria II de Portugal, D. Amelia de Leuchtemberg, os marquezes de Loulé, de Cantagallo, os barões da Saude, Inhomerim, Sabugal e uma enorme comitiva de creados.

Em terra, havia sete dias, estalavam os foguetes e repicavam os sinos. O bispo D. José Caetano celebrou um *Te-Deum Laudamus* e o povo, em festa, marchando com os soldados, entoava cantos patrioticos.

Uma regencia provisoria tomou a direcção dos negocios publicos. Em 17 de Junho as Camaras legislativas confirmavam a eleição do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, deputado José da Costa Carvalho e João Braulio Muniz, este substituindo Campos Vergueiro, nos difficeis encargo da regencia permanente, a que veio juntar o seu concurso, como ministro da justiça, o celebre padre Diogo Antonio Feijó, que foi a personificação do poderio governativo, domando com mão de ferro os despropositos subversivos e aferrolhando nas rexas da submissão os impetos populares.

X

AS RUSGAS

(1831—1837)

Em seguida a manifestação que reuniu a força e o povo no campo de Sant'Anna, já por alguns chamado, como em 1822, *Campo da Honra*, paisanos e militares deram-se os braços e percorreram em marcha triumphal as ruas da Côrte, saudando a Nação.

Ao principio o enthusiasmo desperta a população para os regosijos e folguedos. As passeatas alegram a rustica pobreza da metropole do imperio, festivamente repicam os sinos e lagrimejam os foguetes, bandeiras e flammulas desdobram-se ás viraçõe; apparecem lindas colchas de lavradas e preciosas sedas enfeitando as janellas onde, á noite, luzem pingenteadas *serpentinas* de crystal e bronze, candêas triangulares, transparentes com allegorias pintadas.

Ha, constantemente, um soar de passos, lembrando derramos de ondas, nas ruas entapizadas de folhagem solta; no ambiente paira o aroma acre da mangueira, evola-se o cheiro morno da canella; rumoreja a cidade em alegrias, as vibrações dos hymnos patrioticos échoam nos caminhos silenciosos dos arrabaldes. As

fitas nacionaes, verde e amarello, pendem de milhares de hombros, cruzam-se no peito das fardas, nas abotoeiras dos casacos, no decóte das matronas, nos cabellos negros das raparigas. E tanta importancia ligou-se a este distinctivo que homens como Evaristo da Veiga, assignalado pela sua moderação e gravidade, questionaram a maneira de compôl-o e o lado do busto em que deveria ser posto. Quando faltaram fitas recorreu-se á folhagem de um *croton*, com aquellas côres, usado depois do grito do Ypiranga e a que se deu o nome de *folha da Independencia*.

Mas, com o enthusiasmo e exaltamento dos patriotas, que ligavam a abdicação do imperador á quéda do lusitanismo preponderante, vieram os asperos epigrammas á Portugal, os desacatos á seus filhos, a recrescente animosidade dos nativistas. Então surgiram as arruaças, tendendo á funestos dissidios, até que, no ferver de uma turbulencia, um caixeiro portuguez fére mortalmente a um joven nacional. Serviu o facto de cartel de desafio á rivalidade entre brazileiros e portuguezes. Com presteza se organisam os grupos adversarios, de parte a parte despertam os odios. Um grupo nativista obriga o pintor José Leandro, um dos ultimos representantes do primitivo florescimento artistico que D. João VI com generosidade ennobrecera, a apagar o painel do altar-mór da capella do Paço, porque continha os retratos da *casa real*; as canções populares, que eram saudações patrias, temperam-se nas satyras mordazes ao reino d'além-mar; os luzitanos, pater-familias, coram aos insultos em seus proprios téctos, o desrespeito os humilha, a authoridade paterna vacilla diante da animadversão de

sua progenie; a populaça emmigrada foge conduzida pelo pavor, e, se os passos lhe não apressam a fuga, tomba cadaver á sanha dos desforradores. O medo domina a cidade com uma solidão de deserto. Os que accumularam fortuna ou dispõem de promptos recursos pecuniarios embarcam para a Europa, outros procuram o escondrijo do interior. Por todas as ruas as habitações estavam fechadas, guardando corações que estremeciam ao mais leve ruido, o commercio não abria, o trabalho cessou.

De quando por quando, nas ruas desertas, um clamor se levanta ao longe, uiva, cresce, ronca num desvairamento de odios e ameaças, e um bando passa apedrejando casas, vaiando, brandindo chuços e bordões, aos berros de *mata chumbo! vivam os brazileiros! morram os papeletas!...*

Em sessão secreta reuniu-se a Assembléa, a Municipalidade publica editaes de posturas provisorias para segurança dos habitaates, as garantias ficam suspensas ao cahir da noite, organisa-se um serviço de rondas com magistrados e generaes, medicos e advogados, funccionarios publicos e negociantes que, voluntariamente, se armam para vigilias,se dispoem aos perigos. Por momentos reapparece a tranquilidade, a vida commercial volta ao seu afan quotidiano, a pobre metropole perde o aspecto soturno do abandono.

Mas os patriotas pensam em completar a obra de 7 de Abril, que não era esta abdição affectada de voluntariedade, que se não limitava a mudar, precavidamente, a corôa da cabeça de um estouvado moço para a cabeça de uma inconsciente criança. Não fôra para tão pouco que seus braços empunharam armas, que seus peitos palpitaram corajosos affrontando a esperada peleja. Quando correram

á praça e formaram ao lado da tropa revoltada, quando acolheram com saudações os deputados que tomaram a testa de suas columnas, tinham diante de seus brios o exemplo dos *grandes vencidos* que o martyrologio patrio guardou no Memorial sagrado da sua historia.

A idéa da liberdade não se despegára da mente brazileira, apezar das ultimas apostasias, como de Gonçalves Ledo vendido ao dinheiro de D. Pedro I, de Costa Carvalho acolhido nos favores dos *moderados* e de todos quantos se iam passando, surrateiramente, para as commodidades offerecidas em premio do apoio a um imperio, amigavelmente partilhado pelos que souberam, a tempo, reunir-se no claveiro da corôa. A idéa da liberdade não deixava de fremir na alma do povo, apezar do supplicio dos revolucionarios da *Confederação do Equador*, das provações soffridas pelos que intentaram oppôr-se á corrente monarchica da independencia, da humilhante penuria em que viviam os sonhadores da republica. Pelo contrario, se não se asylavam no espirito dos homens ambiciosos do mandarinado imperial, encontrava o calor bastante dos enthusiasmos da mocidade. Houve tempo em que, na tradicional e velha Coimbra, os estudantes brazileiros fundaram a *Gruta*, sociedade de propaganda republicana, que se tornou celebre pelo crescimento dos nomes que a mantiveram. Entre os seus ardentes consocios contava-se Honorio Hermeto Carneiro Leão, Paulino José Soares de Souza, Joaquim José Rodrigues Torres, Antonio Pinto Chichorro da Gama e Manoel Vieira Tosta que alcançaram, durante o segundo reinado, proeminentes posições sociaes, cobertos de honrarias e aristocratisados por titulos nobiliarchicos.

Agora, na torvelinhar das parcerias, por entre os in-

fluxos agitadores dessa época, fundava-se a *Sociedade Federal*, fortalecida pelo concurso dos officiaes do exercito, e logo ramificada por S. Paulo, Bahia e Pernambuco. Então para se opporem ao progredimento dessa sociedade, que parecia triumphante, os *moderados* agremiaram-se e lançaram os fundamentos de outra sociedade sob o nome de *Defensora da Independencia e do Imperio*.

A ostensiva defesa prestada á monarchia por este concorrido centro politico, a severa compressão com que procurava tolher passos aos adversarios, a sua provada preponderancia em todas as fontes administrativas do paiz, instigaram os rancores dos partidarios da quéda do throno e dos que se conservavam fieis á D. Pedro I, os quaes, como aquelles, soffriam os effeitos centralisadores do poderio da *Defensora*.

Feridos por esta reacção os *federaes*, popularmente denominados *jurujubas* e tambem conhecidos pela alcunha de *farroupilhas*, passaram das aggressões de seus jornaes ás hostilidades, concitando ao levante o exaltamento militar que, excepção feita dos seus generaes, fazia causa commum com os *patriotas*.

No dia 12 de Julho, desse anno 1831, o batalhão 26, aquartelado no morro de São Bento, insoburdina-se e atira sobre as rondas do policiamento. Immediatamente o alarma reboa, os *moderados* e seus bandos correm ás armas, uma numerosa força segue para as immediações do quartel e é abafado o levante.

Dois dias depois o batalhão 26 embarca para a Bahia, mas, apenas o navio, que o leva, endireita a prôa para rumo norte nas vagas oceanicas, a rebellião relampeja no corpo de policia e em outros corpos da guarnição. Num

momento as ruas e praças enchem-se de insobordinados, com elles confraternisam os populares, a gritaria irrompe de todos os angulos da cidade, os sinos dobram a rebate, de novo corre a rajada fria do pavor por todas as habitações e, apressadamente, as portas são trancadas, forma-se barricadas por traz das janellas aferrolhadas.

Não ha direcção no movimento, elle sáe dos quarteis accendido pela paixão de uma causa que ferve em muitos corações, mas não é orientado e previnido.

Cada qual, a seu talante, investe-se da chefia; este falla em cercar o Paço, onde se acha o *menino imperial*, e corre para lá, capitaneando grupos ameaçadores; aquelle cança em convencer um turbulento bando que a concentração dos rebellados é um plano irreductivel; aquell'outro intende que a diversão das forças conseguirá atropellar a resistencia, e, nesta confusão de pareceres, cada um faz o que melhor lhe obriga o instincto. O roubo desenfrêa-se, o desrespeito assanha-se, os assassinatos levantam o exodo do pavor.

A força, que não acompanha os revoltosos, reune-se na praça da Constituição sob ás ordens do commandante das armas, José Joaquim de Lima e Silva, mais tarde Visconde de Magé. Emquanto ella se prepara os farroupilhas fazem acampamento no Campo de Sant'Anna, num permanente corêto que alli existia do tempo de D. João VI, conhecido pelo nome de *palacete*. Durante tres dias a revolta campêa sem estorvos.

A regencia é intimada a demittir-se, são decretadas deportações e medidas excessivas que o ardente nativismo julga salvadoras. A regencia recebe a *representação* dos revoltosos e fal-a chegar ao conhecimento d'Assembléa que,

reunida em sessão secreta no Paço, devolve-a por condemnada e absurda.

Foi nessa occasião que entrou para auxiliar a regencia, dirigindo os negocios da justiça, o antigo deputado padre Diogo Antonio Feijó, apontado como homem capaz de resistir ao movimento rebelde e vencer a anarchia.

As suas primeiras resoluções foram, realmente, decisivas. Auxiliado pelo general José Manoel de Moraes, o mesmo que servira a D. Pedro para fechar a Constituinte em 1823, reunido grande numero de cidadãos de todas as classes, e a tropa disponivel, em pessoa segue a atacar os revoltosos, aos quaes domina depois de momentosa lucta. D'ahi começa o trabalho do ministro da justiça, que duplica-se em assombrosa actividade. O regimem reaccionario é rude. As baixas do exercito contam-se aos centos; os presos enchem as praças das fortalezas e os porões das presigangas, o corpo de policia fica dessolvido e é creado um corpo de *Permanentes*; os *desligamentos* militares succedem-se com pressura, em que a habilidade rivalisa com a energia; a dictadura aponta aos menores actos dessa inflexivel authoridade, não obstante a timidez que ella encontra e que repelle, demittindo os que não acompanham a pratica despotica de suas medidas.

Ao partir desse momento os jornaes republicanos e restauradores redobram de esforços na opposição á regencia, ameaçando-a com uma revolução. Os boatos augmentam, e, apezar do vigor de acção e da perspicacia do padre Feijó, um continuo estado de intranquilidade preoccupa o governo.

Muito não tarda que, outra vez, se movam as forças para debellar um sanguinolento levante da infantaria de marinha, na Ilha das Cobras. E não se limitam á Côrte

os pronunciamentos e revoltas. No Pará, o commandante das armas, Soares de Andréa, tem de reagir valentemente contra a sua preparada deposição. Os maranhenses contam, tambem, o pronunciamento do Campe d'Ourique onde a tropa e populares exigem a deportação de brazileiros adoptivos e suspensão da entrada de emigrantes portuguezes; por esse pronunciamento é obrigado a sahir da provincia o commandante das armas, e são expulsos os frades *franciscanos*, como havia acontecido, em Pernambuco, aos *theresios* que eram infensos á independencia.

Pelos sertões do Ceará o ourives Damasceno ergue a flammula nativista, a frente de alguns bandos; mas, peior que suas depredações, são os assassinatos e vexames que commettem os asseclas restauradores do coronel Pinto Madeira. Este, mantem-se como caudilho, commandando um exercito de tres mil homens, bate-se com os legaes, invade a villa do Crato, fuzila os adversarios, ordena saquear as casas. Em Icó, porém, a sorte de suas armas criminosas baqueia diante do valor dos contrarios. Destroçado, desmoralisado seu exercito, o coronel procura fugir para o reconcavo, sendo perseguido pelo general Pedro Labatut. Não conseguindo salvar-se da tenacidade do ex-commandante do Exercito Pacificador, cáe prisioneiro delle, é entregue ao presidente do Ceará e morre arcabuzado.

A revolta, que ficou com o nome de *Setembrisada*, estala na capital de Pernambuco, a 4 de Setembro. E' no seu começo, uma insubordinação de praças contra a officialidade, o desacato ao general que se apresenta no quartel, depois desdobra-se com gravidade, é o assalto á cidade, o assassinato e o roubo; até que, decorridos dois dias,

como estivessem ébrios os soldados que não fugiram com o resultado da pilhagem, uma força de cidadãos, reunidos á milicia de Olinda e Recife, e cincoenta estudantes dos cursos juridicos accommettem os anarchistas. Ao primeiro impeto os civis tiveram de recuar, mas, cobrando coragem, voltam ao segundo ataque, matando 300 e aprisionando grande parte de sublevados. Vencida a *Setembrisada* outra revolta manifesta-se na fortaleza das Cinco Pontas, a que o prestimo de Paes de Andrade, tão ligado aos acontecimentos da provincia, consegue abafar por meio de nova resistencia civica.

As tentativas de deposição alastram-se como um contagio morbido. Alagôas e Parahyba não abrem excepções. A Bahia que, antes do movimento de 7 de Abril, tinha-se pronunciado contra os absolutistas, ergue-se armada e exigente. E, para o Espirito Santo, estava reservado o contristador espectaculo offerecido pelo batalhão 26 que alli aportou, em viagem. Os soldados insubordinam-se, expulsam o commandante e arremessam-se contra a cidade, donde os moradores fogem espavoridos.

Diogo Feijó continúa a resistir com uma pertinacia inegualavel que, consolidando a monarchia, de alguma sorte impediu o desmoronar da Nação, onde já agora seria difficilimo outra direcção que tivesse o prestigio da unanimidade popular. As finanças estavam em crise gravissima, o credito depreciado, os titulos da renda publica entravam numa cotação inquietadora; a alfandega da Côrte accusava uma diminuição de dois milhões, o governo inglez exigia a avultada somma de quatro mil contos por prejuizos em navios apresados no Rio da Prata, seguindo o exemplo do almirante francez Rossin, em

1828, e as machinações restauradoras embaraçavam os officios da politica externa!

O governo vê-se coagido a lançar mão de medidas anormaes, algumas antipathicas por estorsivas, como a da abolição do *corpo de veteranos*, mas, a par de todas as reducções que a antevidencia de uma bancarrôta aconselha, definem-se procederes dignos de uma imperturbavel, exemplar democracia, embora, cahindo em flagrante incoherencia com a forma de governo adoptada, servisse como a humidade ao tempo para minar as bases do edificio monarchico.

A entrada de 1832 não desencastella as apprehensões que formam a pesada e tormentosa atmosphera nacional.

As funestas e fataes sequencias de 7 de Abril, a inquietação indefinida que hysterisa o organismo social em um meio de suspeitas, paixões e despeitos, desenvolvem a imponderada *saudade* de um passado melhor. Não se indaga de onde, de que causas provêm esses maleficos resultados; não se procura saber quaes os elementos que concorrem para a producção das provações que se succedem. O effeito ahi está, todos o sentem e isto basta á cegueira do descontentamento, ao ardil do despeito, á violencia das paixões.

O partido restaurador, pelos patriotas chamado *corcunda*, que se reunia num modesto predio do morro do Castello, ganha largas sympathias. Na imprensa elle possue dois orgão: o *Carijó* e o *Caramurú*, do qual resultou a sua alcunha popular. A séde dos seus conciliabulos é mudada para uma grande casa do largo de S. Francisco, sob o disfarçado nome de *Sociedade Militar*. As circum-

stancias offerecem-lhe recursos. Sendo preso um jornalista republicano, o redactor da *Matraca*, os demais orgãos republicanos fecham as officinas com temor das perseguições; assim os *caramurús* entram no ardor da pugna politica coadjuvados pelos *jurujubas*. Redobra-se a crueza das discussões em que a linguagem excede o processo fundibulario dos pasquins. Andam em todas as bocas boatos alarmantes. Espalha-se que, na loja maçonica do Passeio Publico, em sessões secretas trama-se contra a forma de governo. Propala-se a existencia de reuniões nocturnas, para os lados quietos da Praia Formosa, que são concorridas por moços exaltados e populares.

O tempo da intranquilidade volta, mais carregado e assustador pela situação economica do paiz.

A successão de levantes, de passageiras mas sanguinarias revoltas, ao estimulo das facções politicas, tirou da pratica philosophia do povo a ironica designação de *Rusgas*. Era por esta palavra que elle se referia aos movimentos em que toma parte, consoante ás suas inclinações. Mas, o philosophar do anonymato, que, ás vezes, tem sarcasmos de septicos, não lhe traz o cynismo da indifferença; no povo ha duas naturezas dessemelhantes que se contrariam. E, portanto, apezar do ridiculo que o abuso envolve e o riso caracterisa, elle corre ás ruas, vae morrer pela causa que abraça. Agora é mais uma *rusga* que está eminente. Corre a noticia de que, no dia 7 de Abril de 1832, uma rebellião viria terminar a obra dos patriotas. Os festejos commemorativos á sahida de D. Pedro estão em preparo. A população dispõe-se para o unico divertimento desse tempo, tão angustiado e triste! As primeiras claridades do dia 3, raros moradores de Botafogo viram aportar á praia uma

pequena embarcação. No arêal vasto e branco, á hora neblinosa do cantar dos gallos, desembarcam uns duzentos homens e alguns officiaes. Em silencio retiram de bordo dois canhões, formam em pelotões e descem pela estrada do Cattete, commandados por Miguel de Frias.

Vinham das fortalezas da barra, onde estavam presos por motins, e, arriscando-se a esta arrojada empreza, deixavam, por connivencia com outros officiaes, nas baterias dos muros de onde sahiram, as peças assestadas para a cidade.

Já se fizera manhã quando chegaram ao Campo de Sant'Anna, e ahi, tomando posição defensiva, reunidos a muitos populares que correram de diversos pontos, levantam vivas á *Republica Federativa*.

Não escapàram á vigilancia do padre Feijó os boatos correntes. A infanteria dos *Permanentes* fôra entregue ao major Luiz Alves de Lima e Silva, a força da cavallaria de Minas ao mando do capitão Mello, que se achavam de promptidão. Quando chegou ao conhecimento do governo que um numeroso grupo de rebeldes tinha occupado o *Campo*, immediatamente partiram as forças para atacal-o, emquanto se moviam os guardas nacionaes das freguezias de São José e de Santa Rita. No Rocio a columna legal dividiu-se, seguindo a infanteria pela rua dos Ciganos, hoje rua da Constituição, e os cavalheiros entraram pela do Alecrim, durante muitos annos chamada rua do Hospicio. Apenas estas forças apontaram ás quinas das ruas, os rebeldes dispararam sobre ellas seus canhões. O fogo abate morto um soldado.

O corpo do camarada que cáe, os ferimentos de mais tres que vacillam e procuram amparo, excitam os compa-

nheiros de fileiras. Uma descarga corresponde ao desafio da artilharia, e logo, num arremeço simultaneo, as duas armas carregam sobre a gente de Frias.

O numero dos legaes, a valentia da carga desorganisam as linhas dos atiradores republicanos. A confusão os desorienta. Ainda, por instante, elles pretendem oppôr-se ao choque bem dirigido, correm a formar pequenos grupos, mas inutilmente, porque o major Lima e Silva manda avançar em nova carga de bayonetas; então, apertados entre duas linhas que se ajuntam eriçadas de ferros frios, os que não puderam fugir com seus chefes, cahiram mortos ou prisioneiros. No Campo ficaram dez cadaveres, entre os feridos contou-se o capitão Salustiano que morreu no dia seguinte, noventa prisioneiros foram conduzidos aos calabouços do Aljube.

Miguel de Frias refugiou-se na casa do senador Nabuco de Araujo, no Arêal, e dahi partiu para a America do Norte, donde voltou alguns annos depois. Absolvido por um conselho de guerra continuou no exercito em cujo serviço alcançou a farda de brigadeiro que, em 1859, amortalhou seu cadaver, após as distincções obtidas pelo bom desempenho de commissões quer militares, quer civis.

Como em terra o movimento no mar não logrou melhor successo. A fortaleza de Santa Cruz abandonou a causa, os revoltosos de Villegaignon capitularam em poucas horas diante dos navios de João Taylor.

Começa, promptamente, a faina das prisões.

Republicanos declarados, cidadãos suspeitos de republicanismo, chefes do partido *Caramurú* ou gente que com elles tratava foram perseguidos pela policia. Diogo Feijó resolveu dar um golpe formidavel que abateria num

só tempo os dois partidos, já alliados como tinham feito em 1823, posto que a alliança daquella época houvesse trazido resultados negativos. O golpe annunciou-se com o processo correcional dos mais truculentos jornalistas da opposição. Por dias as aggressões cessaram, os responsaveis viviam em homisio e os partidarios soffreavam o enthusiasmo subversivo. Na noite de 16, porém, uma falúa em cujo bordo se achavam muitos restauradores, chegou mansamente ao costado da fragata *Imperatriz* e, por meio de ordem apocrypha que foi apresentada ao seu commandante, recebeu um contingente de cincoenta marinheiros municiados. Os emprehendedores desta *rusga*, satisfeitos com o resultado de tão arriscada tentativa, largaram da fragata para as silenciosas praias da Gloria. O commandante estranhou o caso e o communicou rapidamente ao governo. A's dez horas, quando já a cidade adormecida deixára a solidão nas estreitas ruas, alumiadas por broxuleantes candêas de azeite fétido, ringem os sinos nos eixos badalando a rebate. E' um alvoroço. Da penumbra dos portaes, da serenidade dos bairros, de todos os cantos tortuosos da metropole, surgem homens em armas. Pelos póstos de guarda os tambores rufam. Habituára-se a população ao desassocego e aos successos bellicosos para não tremer, como dantes tremia, ás idéas sinistras. Por esta occasião a prôa da audaciosa falúa crescia para o cáes, onde a guarda nacional de S. José recebe-a com nutrido fogo de fuzilaria, respondido de seus bordos.

Entretanto, a defesa do cáes é por demais valente para que os restauradores intentem desembarque; retrocedem, virando prôa para Niotheroy, mas em meio da bahia foram alcançados e aprisionados. O grosso das tropas,

dirigido pelo general Pinto Peixoto, marcha para o Rocio Pequeno que, como se diz, está dominado por sediciosos. Realmente, o estrangeiro hanoveriano, Augusto Honser, que se inculcava barão de Bulow, alli se acha commandando um improvisado batalhão.

Encetado o combate poucas horas resiste o batalhão de Bulow. Uma carga de cavallaria poz em debandada os que mais corajosamente se batiam ; emquanto a guarda nacional do Sacramento, commandada por Saturnino de Souza e Oliveira, e a força de marinha, por João Taylor, percorrem o Barro Vermelho, destroçando os grupos fugitivos.

Se, ao terminar a rusga de Miguel de Frias, o energico padre Feijó perseguira tenazmente os adversarios do governo, maior oppressão exerceu contra os restauradores. Augusto Honser foi apanhado na chacara do consul norte americano Maxwell, escondido numa arca de guardar café; condemnado a dez annos de galés pelos tribunaes teve a pena commutada em expulsão do territorio brazileiro; muitos officiaes superiores do exercito e armada foram recolhidos ás masmorras das fortalezas, pagando com a dureza do trato a cumplicidade na sedição; e, caso gravissimo, o ministro da justiça accusa José Bonifacio de prestar apoio aos restauradores, armando individuos a salario na Quinta da Boa Vista. A' tremenda accusação acompanha uma denuncia dada ás Camaras, em que Diogo Feijó pede a remoção do tutor imperial.

O pedido de Feijó soffre violentissimo debate na Camara temporaria, comtudo passa ao Senado e, depois de vehementes discussões, é regeitado por um voto. Immediatamente o ministerio pede demissão.

Durante os colorosos debates da Assembléa, grande numero de deputados reunia-se na *Chacara da Floresta*, á rua d' Ajuda, onde tinha moradia o desembargador França Leite, e, de accordo com a regencia, propunha que esta se demittisse caso a *remoção do tutor* fosse regeitada; então, pela magnitude do facto, a Camara temporaria se investiria dos direitos de uma Assembléa Nacional, decretando *nova Constituição que seria votada por acclamação*. Era um golpe d'Estado, cujas consequencias apresentavam a forma bigumea de uma perigosa arma.

Em 30 de Julho a Camara recebia o officio demissionario da regencia e do ministerio, quer constituir-se em Assembléa Nacional, não encontra, porém, a necessaria unanimidade, por que a cumplicação e responsabilidades dos resultados intimidam os mais previdentes por serem os mais apegados á monarchia. A demissão da regencia não é acceita, envia-se-lhe um pedido de conservação em *nome da patria e do regimen monarchico*, mas o ministerio foi mudado.

Com a retirada de Diogo Feijó os motins reapparecem, as *rusgas* descobrem-se em todos os pontos do paiz. Por discordias politicas morre, na Bahia, um official do exercito que esposára a causa antipathica de um irmão; na Côrte, Evaristo da Veiga recebe traiçoeiro ferimento. Os *farroupilhas* tinham perdido terreno na capital do imperio, mas os restauradores recrudesceram no desespero de seus intentos.

Um dia, por uma questão de somenos, os partidarios dos *moderados* varejam a *Sociedade Militar*, empastelam as typographias dos orgãos *caramurús* e, vozeando em desfavor dos Andradas, preparam opportunidade do governo

reagir contra a propalada interferencia de José Bonifacio nas tramas restauradoras. O Decreto de 14 de Dezembro de 1833 suspende o velho Bonifacio do cargo de tutor do adolescente imperador D. Pedro II, passando a exercer esta tutoria o marquez de Itanahem. José Bonifacio nega-se a deixar suas attribuições e, obstinadamente, procura esquivar-se ao seu successor, de sorte que a regencia o prende, sendo-lhe dada a Ilha de Paquetá por menagem. Levado aos tribunaes, recebe a absolvição de seus juizes que, por esta maneira, mitigam á sua honrada velhice, digna de respeito pelo seu glorioso passado, os desgostos de uma ingratidão inexoravel. Abandonando para sempre as luctas politicas, passa os ultimos dias de sua trabalhosa existencia na cidade de Nictheroy, onde fecha os olhos, no somno do anniquilamento, em 6 de Abril de 1838.

A *vindicta popular*, arranjada pelos *moderados*, contra os partidarios do regresso de D. Pedro I, enfraqueceu-os muitissimo e em Novembro de 1834, quando chegou á Côrte a noticia do fallecimento daquelle imperador, tiveram elles a derradeira desillusão. Desapparecia, com o defensor da liberdade portugueza, este partido que não conhecera sacrificios para os intentados triumphos da sua causa. Mas a crise economica do Brazil resurgira mais intensa, a moeda falsa paralysava o commercio, a depreciação da moeda de cobre era assustadora; os *cabanos* de Panellas e Jacuype, compostos de milhares de fanaticos e assassinos a que os *caramurús* tinham apoiado com recursos pecuniarios e armamento, infestavam os sertões de Pernambuco e de Alagôas, mais prejudicando a grave situação financeira; na villa de Tapajoz do Pará, o nativismo rancoroso, dos que tantos martyrios tinham a vingar,

levantava outra revolução, o sangue corria a jorros em Cuyabá, a segurança publica estava ameaçada em Minas Geraes e na Bahia, o Rio Grande do Sul revolucionava-se e, sobre todos esses males, o paiz enchia-se criminosamente de escravos, zombando da lei contra o trafico, promulgada em 7 de Novembro de 1831.

No meio dessas calamidades Diogo Feijó volta ao governo, não como ministro e sim como regente. Braulio Muniz tinha cessado de viver, Costa Carvalho (depois visconde de Mont' Alegre) estava licenciado em S. Paulo e Francisco de Lima e Silva guardava o poder supremo. Fez-se uma eleição para a qual concorreram Diogo Feijó e Hollanda Cavalcanti. O primeiro foi eleito por maioria de votos em onze provincias contra sete que obteve seu competidor. Em 12 de Outubro de 1835 Diogo Feijó prestava juramento de posse, ao mesmo tempo recebia a nomeação de bispo de Marianna, que desinteressadamente rejeitou.

O governo de Feijó por ser, como já dera provas, aspero e impetuoso, tendo, todavia, vigoroso impulso para os problemas economicos, encontrou-se com tremendos adversarios que não compensavam os applausos das sympathias.

Na Camara temporaria deu de frente com uma opposição systematica e incommodativa, seus menores actos são julgados com excessiva critica, suas urgentes medidas contrariadas, o periodo legislativo escorre inutilmente por dissolventes questiunculas partidarias e a camara é fechada por falta de frequencia ás sessões de uma necessaria prorogação. Foi, neste periodo, que alli appareceram dois audaciosos projectos, caracterisadores da anomalia dessa

epocha— um, do deputado Ferreira França, pretendendo substituir o governo monarchico pelo governo republicano, outro, do deputado Raphael de Carvalho, separando a igreja brazileira da romana, ficando o supremo sacerdocio incluido no governo. Não obtiveram votação, mas tornaram-se significativos nesse tempo de luctas sociaes, de agitações politicas, de vacillantes convicções.

A regencia do padre Diogo Feijó conseguiu, vencendo todos os obstaculos, refrear as correrias e revoltas na capital do imperio, a sua energia fez-se respeitar, mas a continua opposição da Camara, estabelecendo a rivalidade entre o poder legislativo e o poder executivo, desenganára-o dos intentos de pacificador. A' indole rustica, aggressiva e resoluta do regente, que lhe dava a envergadura de um dictador sem brilho, repugnou a lucta desmoralisadora e matreira do poder contra o poder. Em 1837 elle dava a sua demissão, tendo nomeado para substitul-o o senador Araujo Lima, depois marquez de Olinda.

Aqui não termina a embaraçosa historia desse tempo. Ella continúa por accidentado e perigoso caminho, perturbada por inconciliaveis parcerias, pelas agitações das provincias onde rugem os pronunciamentos que a vingança arma ou a aspiração da liberdade levanta, por meandricos entrelaços das intrigas semêadas pela mão esperta dos que ambicionam a direcção dos negocios publicos. As *rusgas* tinham passado, desfizeram-se como sombras batidas por uma rajada percuciente, mas na extensão das linhas levantinas crescia a claridade vermelha das revoluções.

XI

Os Cabanos do Pará

(1834—1836)

Esta denominação provem dos bandos de indios, moradores em palhóças e cabanas, rebelados em Pernambuco e Alagôas, por espaço de tres annos. Tambem chamaram a essa rebeldia—guerra de Panellas—por ter sido o lugar onde maior numero de indios se ajuntou á gente de Vicente Ferreira de Paula, o principal chefe dos cabanoss A repressão desses bandoleiros, que batiam as matta. e serras, invadiam engenhos e saqueavam propriedades, custou á provincia muito dinheiro e não pequeno sacrificio de vidas preciosas. Para se conhecer da força numerica com que contavam os chefes cabanos basta dizer que, durante 9 mezes, foram presos 1672 e mortos a bala 2320 indios, não entrando neste numero os que pereceram nas florestas por ferimentos, molestias e fome.

Em Março de 1835, o commandante das armas de Pernambuco, José Joaquim Coelho, mandou uma forte columna commandada pelo major Joaquim José Luiz de Souza que os dominou com tenaz perseguição e estrategia, ambas collaboradas pelas pastoraes do bispo de Olinda e afinal por sua presença em Jacuype, Agua-Preta e outros

pontos, conseguindo inflammar a crendice dos selvicolas humildes diante delle e pasmos do fausto religioso com que elle se apresentou, de baculo e mitra, offerecendo aos labios dos crentes o annel do Pescador.

Mas, posto termo a guerra de Panellas, numerosos bandos de cabanos, levados por Vicente de Paula, internaram-se nos invios sertões cortados pelo caudoloso Jacuype e ahi fizeram vida nomade. Vicente de Paula transformou-se num quadrilheiro famoso, como Fra Diavolo, na Italia. Houve vezes que o seu valor foi pedido em auxilio dos governos constituidos. Vieira Tosta, o presidente de Pernambuco em 1848, uniu-se-lhe para bater os revolucionarios praeiros e, ainda em 1849, o marquez de Paraná, para aniquillar a gente de Pedro Ivo, propoz-lhe alliança que foi acceita. Por fim, talvez por suspeitas de traição, o major Francisco Victor de Mello Albuquerque prendeu o terrivel caudilho, remettendo-o amarrado para o Recife, de onde partiu para Fernando de Noronha, expiando seus crimes por vinte annos; após esse tempo deram-lhe liberdade de que não póde gozar pelo seu pessimo estado de saude.

Todas as vezes que rebentava uma revolta dava-se-lhe o nome de *cabanada*, acontecendo que, de parte a parte, se nomeavam por esta alcunha.

A que vamos historiographar não deixa de ter motivos para assim ser designada, pois que grande parte de seus exercitos foi composta de caboclos, indios, mestiços e negros, do interior da provincia.

Chegando ao Pará o presidente Bernardo Lobo de Souza, o partido do conego Baptista Campos, que era a influencia politica dessas uberrimas terras, dividiu-se bem

cedo em dois grupos — um que seguiu o antigo chefe, outro que acceitou a direcção do major Camacram ao lado da authoridade administrativa.

Lobo de Souza era despotico e grosseiro, de ordinario guiado pelo interesse de seus conselheiros, homem dado á aventuras amorosas e pouco discreto em seus gozos. Nesse tempo, um cidadão por nome Vicente Ferreira Papagaio publicava um jornaléco sob o titulo *A Sentinella*, e por motivo de uns artiguetes dessa publicação, que pareciam envolver satyra á impotencia politica do presidente para vencer uma supposta chapa eleitoral de inimigos do governo, apresentada pelo conego Campos, Lobo de Souza mandou prender o jornalista.

Vicente Papagaio asylou-se em casa do conego, que esteve 48 horas cercada, mas conseguiu fugir, indo esconder-se na fazenda do prestimoso Felix Antonio Clemente Malcher. Furioso com semelhante evasão o presidente inventou um plano de sedição, reuniu forças sob o commando de seu conviva, o capitão-tenente Guilherme James Inglis, que partiu a sitiar a fazenda de Malcher, queimou plantações, devastou ranchos, engenhos e, como o proprietario houvesse reagido, trouxe-o preso, quasi em trajos menores, manietado e offendido. O presidente Lobo suspendeu garantias, poz em vigor a lei marcial para perseguir os adversarios, transferindo logo o preso Malcher para bordo do corveta *Bertioga* e dahi mudado para o forte do Brum porque a officialidade maritima o tratava com deferencia. Baptista de Campos occultou-se, dispondo-se a uma revolta que planejou com os seus innumeros partidarios, mas não lhe foi possivel realizal-a porque morreu em 1 de Janeiro de 1835.

Não desanimaram seus correligionarios e amigos; na noite de 6 para 7 desse mesmo mez, um grupo de paisanos, ajudado pelos recrutas e por parte da tropa, tomou conta do quartel sem encontrar resistencia, soltou os presos e invadiu o palacio que estava entregue aos famulos. Tocando-se a rebate, os officiaes adversarios, que acudiram ao quartel, foram mortos e tambem mortos o commandante das armas Silva Santiago, o capitão-tenente Inglis á porta de uma casa suspeita, e o presidente Lobo quando voltava de seus regabofes nocturnos.

Clemente Malcher, acclamado presidente, nomeou seu secretario o intelligente empregado do commercio Leal Aranha; commandante das armas o famoso cabalista eleitoral, o seringueiro tenente de guardas nacionaes Francisco Pedro Vinagre; proclamou aos paraenses declarando que emquanto o Sr. D. Pedro II não fosse maior a provincia não acceitaria presidentes e decretou medidas para que o terror não impedisse a libertade de commercio, excluida a de vender bebidas alcoolicas.

Em 12 de Janeiro uma nova proclamação do presidente Malcher foi publicada. Nessa, o bem intencionado e honrado presidente, pedia aos seus compatriotas e povo em geral que largassem as armas, tomassem os instrumentos agricolas para facilitar a industria e o commercio, pois que a sua acclamação fôra bem recebida, contando com o apoio da esquadra e a confiança dos proprietarios.

Mas, ainda não tinham turgido os primeiros fructos dessa administração que, talvez, trouxesse ao Gram-Pará o seu amanhecer de liberdade completa, e já as dissensões se manifestavam violentas. Francisco Vinagre entrou em desintelligencia com o presidente, formando um partido

descontente, até que, constando a Malcher ter o commandante das armas recebido dinheiro para dar escapula ao major Camacram e mandando prender os cumplices da tramóia, as hostilidades romperam as barreiras das conveniencias.

As armas foram as deliberadoras da contenda. A lucta começou, sangrentamente, no dia 19 de Fevereiro até o dia 2 de Março, em que Malcher entregou-se presioneiro á esquadra; e essa mesma esquadra que estivera de estopins accesos para garantir a sua acclamação no dia 7 Janeiro, essa mesma esquadra que o recebera prisioneiro do presidente Lobo e fôra reprehendida por tratal-o como se lhe devia por sua condição de homem capitalista e respeitado, não trepidou em entregal-o á sanha dos inimigos que, depois de o fuzilarem, cortaram as orelhas ao seu cadaver e assim o enviaram á sua familia.

Francisco Vinagre estava dictador. Elle, por si proprio, fez-se presidente e commandante das armas e mandou, em seu nome, proclamar aos paraenses cobrindo de injurias a memoria de Clemente Malcher.

A contra-revolução de Vinagre alarmou ainda mais o governo central do Brazil.

Do Maranhão sahiram a fragata *Imperatriz*, commandada pelo capitão-tenente Pedro da Cunha, e o paquete *Constança*, armado em guerra, levando praças e munições bellicas.

Durante dias houve troca de officios entre o commandante Cunha e Francisco Vinagre, mas, indo este a bordo, garantiu ao chefe naval que deporia o governo nas mãos do vice-presidente legal Custodio Corrêa. Animado pela promessa Pedro da Cunha manda buscar em Cametá

o deputado Angelo Custodio Corrêa que, a muito custo, conseguiu escapar das emboscadas contra elle preparadas por Vinagre.

Comprehendeu o commandante naval que não podia garantir a vida de Custodio senão a bordo da sua esquadra e que deveria abrir hostilidades para alquebar o animo do presidente intruso, cujo arrojo chegára a mandar-lhe uma intimação para que deixasse o porto do Pará! E, para tanto, preparou uma columna de 500 homens, ao mando do major J. R. Ayres Carneiro, seguindo duas divisões guiadas pelos tenentes de marinha Elisiario dos Santos (depois barão de Angra) e Fernando da Veiga, que desembarcam e sustentam por longo tempo raivoso fogo, sem o menor auxilio do major Carneiro, aturdido pelo medo dos guardas nacionaes que compunham parte da columna. O toque de retirada foi quasi inutil porque a maioria dos atacantes não o esparou e já corria para bordo quando as duas divisões, debaixo de bala e muito desimadas, procuravam em boa ordem livrar-se do inimigo. Dessa infeliz tentativa resultou a perda de um major por nome Barreto que os cabanos passaram pelas armas.

Dias depois, em 1 de Junho, chegaram do Rio de Janeiro o reforço dos navios do chefe de divisão João Taylor, navios mal tripolados, e algumas praças de linha á disposição do novo presidente e commandante das armas marechal Manoel Jorge Rodrigues.

Quiz o dictador Francisco Vinagre usar do mesmo estratagema que puzera em pratica com Pedro da Cunha, mas João Taylor não lhe deu opportunidade, fazendo logo um desembarque e apoderando-se da capital, sem derramamento de sangue. A vista desse inesperado golpe,

grandes emigrações de *vinagristas* destinaram-se a Acará, onde Antonio Vinagre, irmão do dictador, tinha um forte exercito, muito armamento, 11 peças de calibre 1 á 6, e munições de guerra. Emquanto o irmão preparava-se no Acará, Francisco Vinagre e outro irmão seu por nome Raymundo, que elle fizera commandante do corpo de *Permanentes* de Belém, tramavam contra o governo do marechal Rodrigues, mal acceito na provincia por ser brazileiro adoptivo ou *bicudo*, como designavam os portuguezes da independencia.

Propalando-se, insistentemente, a noticia de que os *vinagristas* preparavam outra revolução e armavam cabanos, o marechal prendeu Francisco Vinagre e duzentos partidarios delle, mandando-os para bordo, inclusive uma mulher por nome Maria Amalia, que vivera com o assassinado presidente Lobo e vivia, nesse tempo, com Francisco Vinagre, por ter feito uma proclamação ao povo paraense, aliás ordeira e pedindo conciliação.

A prisão dos *vinagristas* da capital exaltou os animos de seus partidarios do interior. Antonio Vinagre escreveu ao marechal pedindo soltasse o irmão, em caso contrario marcharia com seu exercito contra Belém. E, não obtendo resposta, invadiu a Villa da Vigia, que era governista, matando muitos habitantes; seguindo, depois, em direcção á de Nazareth.

Estas noticias trouxeram ao Pará um novo estado de terror.

Por diversas vezes correu o alarmante boato de que Antonio Vinagre atacaria a capital, chegando, em uma dessas vezes, a effeituar-se um desembarque das guarnições portugueza e ingleza que ahi estavam, em vasos de

suas nações para protegerem seus subditos. Não foram enganosos os boatos. No dia 14 de Agosto o povo da campina, que cerca a capital, levantou-se a correr e a gritar pela cidade a dentro, affirmando que os rebeldes já estavam nas visinhanças. O alarme foi medonho.

As guarnições dos navios de guerra desembarcaram, ás pressas; dos dois navios estrangeiros largaram escaleres e outras embarcações trazendo marinheiros de armas emballadas e patronas cheias. No tumulto do signal, gritos de — *salve-se quem poder!* — aterrorisavam as mulheres, as crianças e os velhos tropegos. Em um momento o palacio ficou replecto de amedrontados surgidos de todos os cantos, alguns quasi nús, outros afflictos pela sorte dos parentes que não appareciam. Pelas ruas rufavam tambores; choques de armas preparadas soavam com o ruido secco dos primeiros golpes de combate.

Ao encontro dos rebeldes partiram 30 praças commandadas pelo capitão de fragata Guilherme Eyre, que os foi encontrar dentro da cidade, tomando posição de mosqueteiros nas habitações lemitrophes. Já uma outra força ao mando do capitão de fragata Jorge Masson respondia ao tiroteio dos contrarios. O commandante Eyre cáe gravemente ferido, e momentos depois com ferimentos mortaes, cambaleiam e estatellam-se o 1.º tenente Roberto Morphy e o capitão ajudante do presidente, de quem era filho, Jeronymo Herculano Rodrigues.

As guarnições ingleza e portugueza procuravam sustentar o vigoroso fogo e conter as investidas do inimigo, mas retrocedem com avultados prejuizos e embarcam para bordo donde não mais sahiram. Os combates succedem-se, sem interrupção, pelos dias 15, 16 e 17. No dia 22 o estado

da cidade era desesperador. Em palacio havia para mais de mil crianças e mulheres, boccas que imploravam, olhos que choravam; os generos escasseavam, a fome ameaçava. O chefe Taylor desanimou, não tinha recursos; os voluntarios acobardavam-se, escondiam-se, bandeavam-se com o inimigo.

E os invasores dominavam todas as posições, tomavam as casas, saqueavam os armazens, assassinavam os cidadãos. Nessa emergencia o marechal Rodrigues pensou em um unico recurso — refugiar-se a bordo da esquadra, levando os que pudessem acompanhal-o.

Faz-se então um embarque horrivel, sob o fogo vivo dos *vinagristas*. As balas choviam sobre as cabecinhas das crianças, zumbiam aos ouvidos das mães apavoradas. Velhos que manquejavam, transidos de horror, batiam de face no chão varados pelo chumbo dos mosquetes. A artilharia naval cobria a retirada dos infelizes, mas ao ronco de suas canhonadas os dominadores da terra respondiam com o estampido de suas peças.

Para mais de 300 cadaveres juncavam as ruas da cidade.

Os rebeldes ficaram senhores da capital e de muitos e importantes pontos da provincia, exceptuando Cametá em que sempre foram batidos, e Marajó que a desmantelada esquadra defendia.

Antonio Vinagre receiando pela sorte do irmão que, realmente, correra risco se não fosse a energia de Taylor e as promessas do marechal, pois muitos dos refugiados tinham já preparado uma verga para enforcal-o, mandou um portuguez parlamentar com o presidente banido.

Apanhando-o a bordo, o marechal fal-o seguir para a

corveta portugueza *Elisa*, cujo commandante mandou applicar-lhe duas duzias de palmatoadas, levando-o em companhia de outros á justiça do reino, donde foram degredados para Moçambique.

Assim offendidos, deliberaram Antonio Vinagre e o cearense Eduardo Nogueira Angelim, então um dos chefes de maior prestigio, tomar Marajó que fornecia de gado e agua á esquadra, isso conseguindo após combate.

Marajó offereceu aos rebeldes o poderio sobre o Amazonas. Na capital uma junta governativa, a que parece não ter sido estranho o conselho do bispo Dom Romualdo e na qual eram acatadas as intelligentes opiniões do inculto padre Casimiro José de Souza, resolveu proclamar a republica no Pará, escolhendo para distinctivo de sua bandeira as cores verde e vermelha entre as quaes figurava um tapuia armado de arco e flecha. Ainda uma vez as ambições dividiram, subdividiram os rebeldes. O odio de raça os animava. Agora, mais do que nunca, não se entendiam. Decediam todas as questões á faca e garrucha; viviam em correrias pelo interior até o Amazonas e as boas munições bellicas, por elles tomadas ao assalto do brigue inglez *Clio* que encalhára em Salinas e as conduzia para os legaes, estavam esperdiçadas nos bandos devastadores que se agrupavam em torno de alguns caudilhos. A dissipação das munições fez-se sentir e, com ella, a escacez de generos alimenticios. Não havia administração publica que pudesse prevel-as nem remedial-as. A forma republicana não foi tomada a serio pela ignorancia da maioria dos chefes e pelo insignificante prestigio de seus idéalisadores. De mais, um inimigo terrivel apresentou-se na cidade, a epidemia das

bexigas, mais damninho que o escorbuto grassando na inutil esquadra.

As provincias do norte faziam verdadeiros esforços para o soccorro dos legalistas paraenses. A do Maranhão mandava dinheiro e organisou contigentes de tropas. O padre José Martiniano de Alencar, presidente do Ceará, formou uma força expedicionaria dirigida por um sobrinho seu, por não ter um filho que marchasse á frente della, disse elle. Em Pernambuco, o presidente Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, confiou uma columna de 500 homens ao vencedor dos cabanos de Panellas, major José Luiz de Souza e fez sahir uma pequena esquadra ao mando do capitão de fragata Bartholomeu Haydem.

Da Côrte partiram o brigadeiro Francisco Soares de Andréa, presidente e commandante das armas nomeado para o Pará, que deveria augmentar seus batalhões com os reforços da Bahia, e o capitão de fragata Frederico Mariath, commandando uma esquadra de que faziam parte os 1.os tenentes Francisco Manoel Barrozo (mais tarde barão do Amazonas pela victoria do Riachuelo, na guerra do Paraguay) e João Marques Lisboa (o venerando marquez de Tamandaré).

No dia 11 de Abril de 1836 chegou a expedição da Côrte e no dia 19 o brigadeiro Andréa encetou as operações de guerra, estabelecendo seu quartel general na Ilha de Uarapirangas.

Descoroçoados os rebeldes com a impossibilidade de uma efficaz resistencia, o general dos cabanos Eduardo Angelim e o bispo Dom Romualdo enviaram ao brigadeiro Andréa um parlamentario para negociar a deposição das armas em troca de amnistia.

Variata da 2.ª ed. e variante id. p. 178

O brigadeiro respondeu que não tinha direitos para concedel-a, mas dava a sua palavra que respeital-os-ia até que o governo do Rio lh'a concedesse. A resposta não satisfez aos cabanos. Então o bispo suggeriu-lhes a idéa da mudança de acampamento sob a bandeira ingleza, o que foi levado ao conhecimento do brigadeiro que, immediatamente, mandou dizer-lhes ser repugnante essa idéa, pois brazileiros não necessitavam da misericordia de bandeiras estrangeiras, e elle, Andréa, posto que nascido na Europa, era descendente de brazileiros e vivendo no Brazil desde criança só conhecia a soberania deste paiz que elle amava extremecidamente e pelo qual faria todos os sacrificios.

Foi, todavia, impossivel um acordo entre rebeldes e legaes.

Neste entremente, Soares de Andréa estabeleceu o sitio á capital, dividiu a esquadra em esquadrilhas de operações para diversos pontos e por fim entrou, incruentamente, em Belém. D'ahi fez marchar forças expedicionarias para o interior, uma das quaes aprisionou o sanguinario cabano tenente-coronel Manoel Joaquim Pereira Feio, auctor do fuzilamento de oitenta legaes, a que assistiu assentado num banco, fazendo-os matar um por um, e auctor do barbaro assassinato dos filhos da viuva Pantoja, que elle proprio prendeu-os numa palhóça, mandando depois incendial-a.

O brigadeiro Andréa foi violento e cruel na perseguição aos cabanos, não lhes dava quartel, agia com uma impetuosidade devastadora. As esquadrilhas por sua ordem bombardeavam os acampamentos rebeldes, assolando-os. A que estava sob o commando do 1.º tenente Luiz Sabino, da escuna *Dona Francisca*, chegou até

Ourem apavorando o inimigo. Ahi o tenente foi assassinado em uma cilada, e sua guarnição, desesperada com a morte do commandante, fez uma impiedosa carnificina.

As forças de Andréa chegaram até Acará, o mais fórte dos ultimos reductos dos cabanos. Em longo combate, horroroso para as duas partes, Eduardo é ferido e escapa-se para as mattas, mas os legaes o perseguem, batem o sertão, trucidam os rebeldes debandados e conseguem pôr mão sobre o chefe.

Estava subjugada a revolução. Desse exercito numeroso dos cabanos, duas vezes vencedor, não restavam senão famintos e aterrorisados bandos, acossados e fuzilados pelas forças imperiaes.

Antonio e Raymundo Vinagre morreram, outros caudilhos desappareceram e outros foram aprisionados.

Em 4 de Abril de 1837 chegavam á Côrte, conduzidos a bordo da escuna *Brazilia*, Francisco Pedro Vinagre e Eduardo Nogueira Angelim, que foram condemnados a dez annos de trabalhos no presidio de Fernando de Noronha.

XII

A SABINADA

(BAHIA 1837-1838)

Os artigos do *Investigador*, jornal fundado na capital da Bahia pelo abalisado medico Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, levantaram uma vigorosa opposição á politica da regencia e ao governo provincial, defendendo em calorosos periodos a utilidade do regimen republicano.

Contra o *Investigador* ergueram-se amigos do governo, ergueram-se *officiosos* que visavam bons empregos e instrumentos do partidarismo, comprados a custa dos cofres publicos.

Um desses, famigerado editor do *Jornal do Commercio* daquella cidade, homem que não media o alcance da calumnia nem conhecia limites para as invectivas, tendo-se armado paladino do governo provincial, que o pagava, cahiu em guarda aos golpes da penna luctadora do dr. Sabino, respondendo com doestos e mentiras, offensivas á honra do adversario, o ataque que elle fazia de modo franco e consoante á sua convicção.

A' rudeza ferina das respostas teve o dr. Sabino de retorquir com violencias, mas a desenvoltura de lingua-

gem do contendor, alliada á sua palrice intrigante e calumniosa, obrigaram o caritativo medico a um desforço physico, que a covardia do offensor não soube repellir.

Então, por meios enganosos, arrastou em sua defesa um irmão, alferes de linha, moço estouvado no proceder e desjuisado nos conceitos.

Um dia, em plena rua, o alferes, armado de chicóte, investiu contra o dr. Sabino. Infamado pela arma com que fôra aggredido o jornalista bahiano tirou do bolso, num gesto rapido, emquanto livrava-se do assalto, um bisturi e com elle feriu mortalmente o alferes.

Por este facto foi levado ao tribunal do jury e unanimemente absolvido.

Não esmoreceu, porém, o dr. Sabino na propaganda de suas idéas; tinha muita fé politica e amor á sua patria para fugir aos perigos a que o expunha sua nobre missão.

A direcção do Brazil, entregue a uma regencia que elaborava nos mesmos erros motivadores da quéda do primeiro imperador, exigia dedicações dos bons e illustrados patriotas. Assim o dr. Sabino Vieira não podia recuar nesse momento, quando já suas idéas eram aceitas e elle sentia a seu lado partidarios decididos á lucta em campo aberto.

Por todo o paiz, convulsionado pelos interesses da politica, corria um frémito revolucionario, indefinido nos seus fins, mas levantado das agitações da Côrte.

Lentamente, esse quente e penetrante sopro foi se desenvolvendo numa impetuosa corrente sublevadora que, bem depressa, reconheceu-se vir do fóco politico dos dois Andradas, Antonio Carlos e Martim Francisco, ardentes

partidarios da inconstitucional maioridade do Sr. D. Pedro II.

Na capital da Bahia os partidarios da maioridade precisavam de um elemento de resistencia e esse só poderia ser o dr. Sabino; procuraram captar o seu concurso, no que foram satisfeitos, porque o propagandista republicano pensou em aproveitar-se da opportunidade para levar avante sua idéa. Ser-lhe-ia facil, na realidade, uma vez convulsionada a provincia, guiar o movimento para uma verdadeira revolução politica. Deu as mãos aos partidarios da maioridade e, nos primeiros dias de Outubro de 1837, appareceram na Bahia proclamações sediciosas. Pouco depois, em 7 de Novembro, ao cahir da noite, constou pela cidade que a guarnição da fortaleza de S. Pedro tinha-se sublevado. O governador Souza Paraizo mandou chamar, immediatamente, o commandante das armas, coronel Luiz da França Garcez e com elle combina a reacção. Pela manhã seguinte marcha o coronel para o forte em cuja proximidade faz alto, destaca emissarios para entenderem-se com os revoltosos aos quaes intima a deporem armas, mas, pasmo e vexado, vê seus soldados bandearem-se para o inimigo. A primeira partida estava ganha.

Encorajados pelo successo sahiram os rebeldes a tomar conta do largo do palacio. Apenas teve noticia da marcha dos rebeldes o governador de mais nada cuidou, correu para bordo de um vaso de guerra donde partiu para o reconcavo, sempre seguido pelo commandante Garcez. A fuga das principaes authoridades da provincia entrega aos revoltosos a posse da capital. Reunem-se os chefes do movimento, questiona-se as medidas urgentes e nomêa-se um directorio, sendo eleitos: presidente, Inno-

cencio da Rocha Galvão, que se achava ausente nos Estados Unidos; vice-presidente, João Carneiro da Silva Rego, secretario, dr. Sabino Vieira e commandante das armas Sergio José Velloso. No dia 11 do mesmo mez o vice-presidente convoca a camara e declara que a Bahia ficaria independente até a maioridade do Sr. D. Pedro II.

Nesta eleição houve o firme proposito de arredar o dr. Sabino da direcção da revolta, mas de tanta habilidade elle dispunha que a interferencia dos mais ricos cidadãos, com que os rebeldes deviam contar, não pôde annullar a sua influencia. A sua collocação no directorio, embora como secretario, era uma garantia para seu partido e nenhum^e dos escolhidos membros desse governo eximiu-se de attender aos seus pareceres. Em pouco tempo elle destacou-se dos demais companheiros, exercendo uma authoridade decisiva e taes foram seus serviços e tão caracteristica a feição impressa ao movimento que seu nome ficou para sempre ligado a esta revolução.

Correspondendo á presteza com que os revolucionarios cuidavam das forças, fortificavam a cidade e preparavam-se para as luctas futuras, os adversarios da revolução, muitos dos quaes se tinham levantado por contrarios ao dr. Sabino, organisavam a resistencia.

O bispo da diocése publicou uma pastoral condemnando a revolução, e o juiz de direito, Antonio Simões da Silva, alliciando gente, marchava á frente dos batalhões de policia para os campos do Pirajá, onde se reuniram contingentes de S. Francisco, indios da Pedra Branca e voluntarios da Cachoeira, forças que foram entregues ao commando geral do tenente-coronel Alexandre Gomes de Argôllo Ferrão, acompanhado de seu filho que iniciava

a carreira militar, na qual conquistou os bordados de general, sendo um dos mais intrepidos guerreiros nos campos paraguayos.

As hostilidades tinham começado em 18 de Novembro, em Itaparica, pelo concurso de uma pequena esquadrilha. Dahi por diante as escaramuças se succediam quasi diariamente, mantendo os *sabinos* grande valor bellicoso.

A' chegada do novo governador, Antonio Pereira Barreto, as operações de guerra progrediram, porque de Sergipe desceram reforços e de Pernambuco chegou uma brigada sob o commando do coronel José Joaquim Coelho.

Apesar da lucta sem descanço que as avançadas travaram, a esperança da victoria animava os chefes revolucionarios. Um novo governo foi organisado, tendo por presidente o ex-vice-presidente; João Carneiro Filho, ministro da justiça; Joaquim da Silva Freire, ministro da fazenda; general Manoel de Freitas Guimarães, ministro da marinha; Manoel Gomes de Freitas, ministro da guerra e ministro do interior e estrangeiros, dr. Sabino Vieira. O segundo governo revolucionario decretou, logo após sua installação, o serviço militar obrigatorio e poz em execução todas as medidas, que lhe pareceram convenientes para afrouxar o cerco, que augmentava sob o commando do marechal João Chrisostomo Callado.

No dia 13 de Março a brigada pernambucana, sendo sempre a mais hostilisada pela artilharia do inimigo, moveu-se por Bate-folhas e S. Caetano, levando um dos flancos dos *sabinos* em retirada até a Lapinha.

A peleja recrudesceu com esse revez.

Por mar uma esquadra, commandada pelo chefe de divisão Theodoro de Beaurepaire, punha os revolucionarios

entre dois fogos, sendo, entretanto, obrigada a bater-se contra o extraordinario heroismo da insignificante esquadrilha que defendia o littoral da cidade. Uma divisão de lanchas tenta desembarque em frente ao forte Monserrate e é repellida, no dia 13; no dia seguinte a mesma divisão acossada pelo vivo fogo dos fortes Monserrate, Conceição, Oliveira e Lagartixa, paira diante da Gequitaia, esperando o movimento do exercito *legal* que deve avançar, o que se effeitúa ao meio dia, pelo Noviciado, tendo uma força tomado o forte Lagartixa depois de prolongado tiroteio. No dia 15 rendeu-se Monserrate batido pelas forças navaes e por terra.

Ha quatro dias que o fogo dura, ininterrompido. Um incendio começa no caes da cal, e logo aponta nos lados do estaleiro, e já na Conceição... já no alto da cidade... para além. A fumaraça sóbe, a chamma lavra.

Será o ultimo recurso da *Sabinada* entregar a cidade ás labaredas do incendio?... Mas seus soldados resistem ainda, e sempre com o mesmo vigor!...

Amanhece o dia 16. Toda a noite os canhões ribombaram; a fuzilaria esteve firme. Bem cedo o exercito legal avança. Pela Victoria e Bom-Gosto a brigada do coronel Joaquim Coelho acommette a força revolucionaria que recúa. E o terreno vai sendo ganho. Por Itapoan e Rio Vermelho surgem as companhias do coronel Bittencourt Camara. A resistencia afrouxa, reduz-se, anniquila-se.

Entram os vencedores, em triumpho, fuzilando os que correm, dando o ultimo golpe nos muribundos. O terror domina. A loucura da fuga referve a confusão; os que querem escapar-se vão de encontro as bayonetas inimigas,

os que se homisiaram deliram em febre. E não ha canto que se não rebusque, e não ha physionomia de que se não suspeite!

Forma-se uma junta militar que condemna á morte os officiaes Sergio Velloso, Innocencio de Araujo, Joaqnim Leite e Alexandre Sacupira, os paisanos dr. Sabino, João Carneiro e seu filho. Ha condemnados a galés perpetuas e absolvidos.

Os sentenciados a pena ultima recorrem para o Supremo Tribunal de Justiça que confirma a pena nos militares e commuta em a de galés para os paisanos. Mas o processo é moroso, não traz os odios nativistas das antigas revoluções, e pelas delongas alcança o pêrdão do primeiro governo de D. Pedro II acclamado maior. Uma condição se lhes impõe, é de residirem fóra da provincia os cabeças da revolução.

Ao dr. Sabino foi designada a provincia de Goyaz e dahi elle passou-se para a de Matto-Grosso onde falleceu, na fazenda *Jacobina*, em cuja igreja seu corpo teve sepultura no anno 1847.

XIII

BALAIADA

(MARANHÃO — 1838 — 1841)

A lucta politica do Maranhão era representada por dois partidos—o *bemtevi* e o *cabano*.

O *bemtevi*, que mais tarde formou as fileiras militantes do partido liberal, teve sua origem no nome de um jornal fundado pelo ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho e contava entre seus enthusiastas o notavel João Francisco Lisboa.

A denominação do outro lado partidario proveio do sarcasmo de seus adversarios, que assim o tratavam para confundil-o com o bando fanatico e ignobil que em Pernambuco e no Pará assolavam suas mattas.

As pugnas eleitoraes entre ambos corriam desesperadas e muitas vezes a tentativa contra a vida de seus partidarios punha sangrentos remates á contenda das urnas. Em 1838 estavam os *cabanos* no poder, com a administração do presidente Figueiredo Camargo, quando na soturna villa de Manga, aos 13 dias de Dezembro, um vacqueiro por nome Raymundo Gomes, *fula* do Piauhy, mal encarado e analphabéto, de dorso largo e curtas pernas arqueadas,

acompanhado de nove individuos, arromba a cadêa, solta os presos, encarcera o commissario do governo e, apoiado pelas vinte praças da guarnição, declara que seu fim é depôr o presidente.

A força organisada na capital para soccorrer a villa dominada, foi inutil pela distancia a vencer, e portanto puderam os rebeldes campear livremente pelas circumvisinhanças da villa.

Em Março do anno seguinte o dr. Manoel Felizardo de Souza e Mello tomava conta do governo provincial em substituição do presidente Camargo. O novo presidente illudiu-se com o estado da provincia. Na sua opinião a revolta pouco valia porque estava entregue a um bando commandado pelo Raymundo Gomes, nesse tempo internado pelos lados da Parnahyba; mas não contava nem sabia ao certo que um outro grupo mais forte se levantára sob o mando de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira *Balaio*, assim appellidado pelo seu officio de fazer e vender balaios.

Ferreira Balaio entrou na revolução para vingar a honra de suas duas filhas, que fôra ultrajada por um official, commandante commissionado de uma força preparada em Itapicurú-Mirim para bater, na Chapadinha, os rebeldes de Raymundo Gomes.

Por essa época já os rebeldes levavam vantagens sobre a gente do governo. Ferreira Balaio á frente de um exercito passante de mil homens destroçou completamente as forças que sahiram ao seu encontro, commandadas pelos capitão Pedro Alexandrino e tenente coronel João José Alves de Souza, mortos ás suas mãos, após horriveis martyrios. A victoria de Balaio entregou-lhe a comarca do

Brejo, donde partiu, em combinação com os caudilhos Livio Lopes, Ruivo e chefe Raymundo Gomes, a sitiar a importante cidade de Caxias, tendo elles, para essa empreza, um exercito de seis mil homens. Com tão numerosa força cercaram a populosa e rica cidade, que capitulou depois de dois mezes de esforçada resistencia. A morte, a destruição e o incendio vieram corôar o triumpho dos rebeldes que se apoderaram de muito armamento, munições de guerra, tomaram conta de duzentos armazens e senhores do principal rio e da segunda cidade da provincia, além das comarcas de Pastos-Bons e Brejo, fizeram conselho e decidiram expedir emissarios ao presidente Manoel Felizardo para com elle entabolarem negociações. A escolha de emissarios recahiu nos *bemtivis* João Fernandes de Moraes, Hermenegildo da Costa Nuneso João da Cruz, Feliciano José Martins, e padre Raymund, de Almeida Sampaio, encarregados de apresentar ao presidente o seguinte manifesto:

« O conselho militar, reunido na cidade de Caxias e composto dos commandantes das forças do partido Bemtevi, que conta seis mil homens bem armados e municiados, tomou por medida salutar e mui conveniente ao socego da provincia mandar perante V. Exa. uma deputação composta *(dos nomes acima citados)* brazileiros probos e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Exa. os desejos e votos do partido Bemtevi, os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a Constituição e o throno augusto de Sua Magestade o Imperador; muito confia que V. Exa. convocando immediatamente a assembléa provincial haja de adoptar as medidas que se propõe, porque

ellas são sem duvida a declaração da vontade da provincia. Caxias, 10 de Julho de 1839. »

A's primeiras noticias da infeliz rendição de Caxias e das crueldades alli praticadas, organisou-se na capital uma columna de setecentos homens, dirigida pelo tenente-coronel João R. Carneiro Junqueira com o fim de soccorrer aquella cidade, mas a vista do imperioso manifesto dos *bemtevis* que o presidente enviou á Côrte para desobrigar-se de uma resposta, e propagando-se rapidamente a nova de que uns mil rebeldes vindos da Parnahyba pretendiam atacar S. Luiz, seus habitantes tomaram-se de tanto susto que o dr. Manoel Felizardo, perplexo no meio dos horrores desta revolução guiada por monstros sanguinarios, mandou contra-marchar a columna para tranquilisar os animos da população. Entretanto Caxias transformava-se numa arena de feras, o sangue era a sêde dos seus invasores, o saque aguçava-lhes a cobiça e punha-lhes reluzilhos infernaes nos olhares desvairados, nas dentuças carniceiras arregaçadas em gargalhada feroz de goso ; a velhice, a infancia e a virgindade não mereciam piedade desses barbaros que fallavam a lingua aterrorisadora da raiva, que uivavam por vinganças de raça, que rugiam de prazer na pratica diuturna dos mais extraordinarios crimes.

A um ancião abriram o ventre e nelle coseram um leitão vivo que lhe roia as entranhas no desespero do encarceramento. Por cumulo de perversão dos sentimentos humanos, obrigaram sua esposa e seus filhos a assistirem esse horrivel supplicio.

Filhas que por sua pureza enluaravam a alma dos paes, esposas que se recatavam orgulhando a honra de

seus maridos, eram conspurcadas, infamadas aos olhos daquelles que as idolatravam. O açoite e a faca tornaram-se os sceptros do despotismo vencedor. Um chefe que arrastava a espada do commando pelas ruas da cidade, o caudilho Ruivo, fazia garbo de andar coberto de sangue e de apregoar o numero dos assassinatos perpetrados durante o dia!

Para terminar esse flagello o governo geral nomeou o tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira commandante das armas do Maranhão e em Julho de 1839 elle chegou á capital da provincia, vindo do Pará onde se achava. Depois de longa demora e sabendo-se que a villa do Icatú, oito leguas distante de S. Luiz, estava sitiada pelos rebeldes, sahiu o commandante Sergio para esse ponto, em que deu começo ás operações de guerra no dia 8 de Agosto. Ao despontar do dia 9 ordenou o commandante a marcha das tropas por Arêas, mas tão desastradamente se houve que colheu vergonhoso insuccesso, tal foi a confusão do commando e a falta de planos, não contando com a indisciplina dos commandados. Devido, porém, a resolução e intelligencia de um tenente por nome Antonio Sampaio, as trincheiras inimigas foram tomadas e poude o commandante fazer alto, com immenso prejuizo de homens, muitos dos quaes cruzaram seus proprios fogos por censuravel inadvertencia do chefe. Emquanto os bandos sitiantes do Icatú se reuniam em Iguará, Livio Lopes e Balaio marchavam para as margens do Parnahyba com o intento de oppôr-se ás forças do Piauhy, que sob as ordens do Major Manoel Clementino de Souza Martins entraram no Maranhão pela comarca de Pastos Bons, contornando a retaguarda inimiga.

A marcha do major Clementino era victoriosa e diante della Ferreira Balaio começou a recuar, procurando o abrigo das mattas do Morro Agudo e Baixão, onde entrincheirou-se. Infelizmente, antes que o major pudesse dar cerco e abater os criminosos, uma bala cortou-lhe a gloriosa carreira, ferindo-o mortalmente.

Então sahiu *Balaio* das mattas do Morro Agudo, destinando-se a Caxias, que voltára outra vez ao poder dos contrarios e, apenas tinha entrado nesta cidade, no dia 9 de Outubro cahiu sem vida, varado por uma bala que lhe disparou um dos seus soldados, na occasião em que esses saqueavam a casa de um cidadão suisso e matavam desapiedadamente quatorze pessoas!

A morte do chefe, as deserções dos caudilhos Coque e Domiciano Ayres que se entregaram ao governo, os pequeninos interesses politicos que moviam a revolta, a pessima organização de seus exercitos, a que a penuria reduzia a hordas de famintos e a epedemia de sarampos desimava suas linhas, concorriam para a desmoralisação da guerra, posto que, do lado dos *legaes*, tambem reinasse a discordia, porquanto o presidente Manoel Felizardo e o commandante Sergio viviam em desintelligencias continuas, a se recriminarem mutuamente, julgando um da incapacidade do outro. A provincia entrava n'uma verdadeira anarchia. A pobreza recrudecia e os desperdicios augmentavam. O governo geral preoccupado com a revolução do Rio Grande do Sul, a conhecida *guerra dos farrapos*, pouco attendia ao norte.

Durante estes acontecimentos uma mudança ministerial veio entregar o commando das forças e a presidencia do Maranhão ao coronel Luiz Alves de Lima e Silva, que

por seus relevantes serviços alli prestados, foi agraciado com o titulo de barão de Caxias.

O coronel Lima que muito se distinguira na guerra da independencia, na Bahia, em cinco annos de valorosa campanha em Montividéo e notavelmente exercia o commando do *Corpo de Permanentes* da Côrte, demonstrou nessa commissão extraordinarios dotes de administrador e commandante em chefe de forças em operações de guerra, conseguindo com energia pôr cobro aos enormes e vergonhosos desmandos em que se achavam as forças legaes, conseguindo tambem organisar as columnas expedicionarias, fazer dos fracos valentes e dos esquecidos lembrados. Em 7 de Março o coronel Lima acompanhado de seu ajudante, tenente Agostinho Piquet, e seu reduzido estado-maior, partiu da capital para mover o exercito, tendo entregue a divisão naval ao capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa, o valente marinheiro marquez de Tamandaré, que morreu em Março de 1897, envellecido nos inolvidaveis serviços prestados á patria e venerado por todos os brazileiros.

Em pouco tempo os rebeldes começaram a perder terreno. Cada escaramuça ou guerrilha trazia-lhes prejuizos desilludidores. As villas foram retomadas e batidas as mattas do Egypto e Carimá, no Piauhy. Os caudilhos Gavião, João da Motta, Mocambira, Tempestade e outros, foram destroçados. Raymundo Gomes fez uma tentativa para depôr as armas, mas exigindo taes condições que o presidente recusou-a; então, perseguido em principios de Agosto, fugiu sem armas e bagagens, deixando toda a sua gente prisioneira, indo parar nas cabeceiras do Rio Preto para fazer juncção com o negro Cosme.

Era essenegro Cosme um evadido das cadêas da capital. Sagaz, intelligente, facinoroso e terrivel, sem politica nem idéal, servia aos *bemtevis* como serveria a qualquer partido, porque o seu empenho estava em ser chefe, mandar e dispor a seu talante. Grande serviço poderia elle ter prestado ao partido, se os seus cabeças tivessem uma orientação, pois o Cosme rapidamente sublevou os escravos de algumas fazendas e formou um grande *quilombo* nas terras da Lagôa Amarella, onde estabeleceu uma escola de primeiras lettras, fizera-se soberano, tanto que assignava-se *Dom Cosme, tutor e imperador das liberdades bemtevis*, e assollava as propriedades com constantes correrias e depredações.

A' exemplo dos companheiros Francisco Ferreira Pedroza, chefe de mil setecentos rebeldes e um dos mais considerados cabeças do movimento, tambem desenganado pelos insuccessos, passou-se para o lado dos *legaes*, recebendo a commissão de atacar o *quibombo* do Cosme, o que realisou com feliz exito, aprisionando o negro que foi entregue a justiça.

Nesse anno um acontecimento importante mudou a face do movimento. Foi a declaração da maioridade do Sr. D. Pedro II, acto inconstitucional, verdadeiro golpe politico em que o joven monarcha entrou occultamente. Desde logo os *bemtevis* exultaram de contentamento, porque era isso lettra do seu programma. Por esta adhesão estava, em intuito, morta a rebeldia. O partido tinha conseguido a sua aspiração e sahiu para as ruas, a dar vivas com musicas e foguetes.

Mas o exercito do coronel Lima continuava em suas operações, a bater e desarmar os bandos rebeldes.

O numero de prisioneiros subiu a mais de dois mil, entre elles contava-se o caudilho Ruivo, os caudilhos Pio e Coco renderam-se com promessa realisada de amnistia; finalmente, em Miritiba, cahiu em poder dos legaes o famigerado Raymundo Gomes, escapo do quilombo do Cosme onde, precisamente no dia da sua destruição, deveria pagar com a vida a desconfiança em que o tinha aquelle negro. Alcançado pela amnistia, teve ordem de retirar-se para S. Paulo, terra em que tiveram cova seus restos mortaes.

Com esse chefe foi agarrado o celebre indio Matróa, que se lhe havia reunido, caboclo de cento e vinte annos, alquebrado, quasi curvo, não obstante bandoleiro famoso por sua participação em todos os motins e audaciosa pratica de innumeros crimes.

E assim terminou, em 5 de Janeiro de 1841, esta sanguinolenta lucta partidaria que, sem ideal que a ennobrecesse, encheu de lucto e irremediaveis prejuizos a provincia do Maranhão.

XIV

S. Paulo

(1842)

« A actual Camara dos Deputados, senhor, não tem a força moral indispensavel para acreditar seus actos e fortalecer entre nós o systema representativo... »

Assim expunha ao imperador o gabinete ministerial de 1842, pedindo a dissolução da Camara por causa da obstinada opposição que ella fazia ás reformas apresentadas.

Em 1 de Maio o imperador assignou o decreto dissolvendo-a e convocando para Setembro do mesmo anno a nova Camara, que deveria ser eleita.

O golpe feriu fundo a representação nacional. O gabinete de 1842, composto de representantes dos diversos matizes politicos e no qual predominava o elemento a que chamavam olygarchico, fazia suspeitar um governo de perseguições pela possibilidade de uma camarilha.

Não podia o governo tranquillisar-se com os resultados de semelhante medida politica, mórmente quando em São Paulo e Minas era o partido liberal o que de mais influ-

encia dispunha pela importancia de seus chefes. Anniquilados por modo tão violento, os representantes do povo trataram de organizar uma reacção combinada na sociedade secreta *Patriarchas Invisiveis*, que na Côrte funccionava como centro dos directorios constituidos em outras provincias.

Os *Patriarchas Invisiveis* formavam uma liga politica sob systema maçonico, dirigidos pelos senadores José Bento Leite Ferreira de Mello e Martiniano de Alencar. Ficou deliberado que o movimento se levantasse em São Paulo, secundado por Minas e Rio de Janeiro e logo seguido pelas provincias do Norte.

O padre Manoel de Oliveira Liborio e outros liberaes andavam, por esse tempo, pelas villas e povoados paulistas a concitar os animos para que recusassem as authoridades nomeadas pelo governo e só prestassem obediencia ao prestimoso e rico coronel Raphael Tobias de Aguiar, que por duas vezes estivera á testa do governo provincial. Corriam boatos a respeito de uma proxima sedição que a phantasia popular augmentava com descripções complicadas e o presidente barão de Monte Alegre (mais tarde visconde), por nome José da Costa Carvalho, que fora o agitador republicano de 1822, cercava-se de confiaveis elementos para reagir, caso se fizesse o propalado levante. Realmente, no dia 17 de Maio, constando em Sorocaba que em diversas villas havia colligações afim de impedir o acto de posse das authoridades recem-nomeadas, o instructor da guarda nacional daquella cidade, Joaquim José Xavier de Almeida, fingindo-se governista, reunio ás pressas algumas praças municiadas e aquartelou no hospital.

Nessa mesma noite entraram na cidade numerosos bandos armados e ás dez horas da manhã do dia 18 os rebeldes tomaram conta da casa da Camara, onde acclamaram Raphael Tobias presidente da provincia.

O *presidente intruso*, que a vontade dos paulistas rebellados oppunha á authoridade da Côrte, mandou espalhar immediatamente uma *proclamação* em que promettia defender os interesses de São Paulo deprimidos pelo governo e sustentar o throno imperial. Com a mesma solicitude nomeou para commandante das forças rebeldes o major F. Galvão de Barros França e commandantes das divisões o major Francisco de Castro de Canto e Mello, Joaquim Mariano de Camargo, Bento Cintra e Antonio José da Silva.

Itú, Itapetininga, Porto Feliz, Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena, Mogymirim, Silveiras, Faxina, Capivary e parte de Campinas declararam-se pela revolução.

Então, ás pressas, são enviados correios á Côrte. As noticias alarmam o governo. Fervilham os boatos. Torna-se corrente que diversas localidades do Rio de Janeiro estão em armas. Falla-se que a provincia de Minas fez tambem um rompimento e outras preparam-se para dar forças á revolução. De momento a momento apparecem novidades. Uns affirmam que os rebeldes de S. Paulo entraram na capital e decapitaram Monte Alegre; outros demonstram que o movimento paulista está intimamente ligado á revolução rio-grandense e a famosa cavallaria dos gaúchos contorna o norte da fronteira em caminho para Itararé.

Immediatamente é confiado o commando das forças

imperiaes ao barão de Caxias, que segue para Santos com o exercito obtido na Côrte. Naquella cidade recebe reforços e formando uma grande columna com perto de mil homens parte para S. Paulo, onde encontra o presidente organizando a guarda nacional, tendo por um *bando* declarado suspensas as garantias.

Em marchas forçadas o general Caxias chega, no dia 26 de Maio, ás proximidades das Pontes do Pinheiro e Anastacio, entretem escaramuças com os rebeldes e inutilisa as pontes de Santo Amaro e do O.

Comprehendendo o socego que o exercito legal poderia ter nessa região, porque os rebeldes fizeram uma retirada em acceleração, ahi acampa o seu quartel-general e trata da organisação de seus planos. Antes, porém, de completal-os, emprehende um reconhecimento a Piragurussá tiroteando com as vedetas dos rebeldes e obrigando-as a deixarem suas posições. Assim feito, envia á Campinas o coronel João Vicente de Amorim Bezerra com uma pequena columna de guerra, dá maior desenvolvimento á columna do major Thomaz Henriques que opera pelo norte, e manda, com forças regulares para contornar o sul, o coronel Antonio da Silva, ao passo que os coroneis Pimentel e Machado operavam com segurança sobre Corityba, fazendo avançar seus soldados.

Para corresponder a este plano de cerco que, se não era formidavel pelo numero das forças era pela boa combinação dos recursos existentes, fôra preciso que os rebeldes tivessem um chefe habilissimo, porquanto seu exercito tinha enthusiasmo e valentia, estava sufficientemente armado e bem provido de munições de bocca. Mas, o major Galvão, apezar da fama de que gozava, até entre os legaes, pois o

barão de Caxias considerava-o pratico e intelligente, não annullava nem mesmo embaraçava os planos do general inimigo. No dia 2 de Junho Caxias mandou avançar duzentos caçadores, quarenta cavalleiros e uma peça de artilharia de campanha para Tijuco Preto, onde fez abrir passagem não obstante as difficuldades que o terreno oppunha ao laborioso trabalho dos sapadores.

A approximação dessa força obrigou os rebeldes a uma retirada para a distancia de cinco leguas entre Cotia e Parnahyba!

Seis dias depois a columna de Amorim Bezerra batia-se em Venda Grande com uma grande força rebelde. Após uma hora de vivo fogo os rebeldes debandaram, deixando 17 mortos e 15 prisioneiros, gado, munições de guerra, archivo e 2 peças de calibre 3, conseguindo matar dois legalistas e ferir gravemente um official. O mesmo insuccesso colhia-os em Mogymirim, onde cahiu prisioneiro o tenente-coronel que os commandava, Jacintho Osorio, e em Silveiras, em cuja acção ficou aprisionado Francisco M. de Castro Roso.

Em meio desses triumphos, quando o governo da Côrte ancioso esperava a noticia da pacificação da terra paulista que o atarantava com os sacrificios de duas guerras intestinas, porque no Rio Grande a revolução mais incendida corria, espalhou-se a terrivel novidade de outro levante, este surgido em Barbacena. A provincia do Rio de Janeiro dava cuidados ao gabinete imperial e de quando em quando chegavam informações de que Joaquim de Souza Breves e outros fazendeiros liberaes tentavam a insurreição da linha fronteiriça.

Em Angra dos Reis, em Barra Mansa e no Bananal

a policia fazia encarcerar cidadãos suspeitos; Honorio Hermetto Carneiro Leão, presidente do Rio, sahiu de Nictheroy para correr os limites das terras fluminenses; em Rezende a guarda nacional era mobilisada, recrutava-se desenfreadamente por toda a parte e avulta das subscripções andavam por mãos de ricaços, de fazenda em fazenda, para o sustento desse enorme exercito.

Tambem do Norte chegavam noticias aterrorisadoras. No Ceará o padre Alexandre Corbelon Verdeixa armava um braço mercenario para tentar o assassinato do presidente José Joaquim Coelho e no Exú, de Pernambuco, o caudilho da *Balaida*, Livio Lopes, tomava a testa de uma guerrilha.

O sobresalto do governo irradiou-se por todos os bandos legalistas. Clamavam por medidas energicas, clamavam por exterminio. Um decreto imperial declarou em estado de sitio as provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Na Côrte eram presos e deportados para Portugal, a bordo da fragata *Paraguassú*, o conselheiro Antonio Limpo de Abreu (fallecido Visconde de Abaeté), dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, Francisco de Salles Torres Homem (2.° Barão de Inhomerim) o conego Geraldo de Brito e o desembargador França Leite. Por um rigoroso inquerito a policia descobriu que os senadores José Bento Ferreira de Mello e padre José Martiniano de Alencar representavam importante papel na sociedade secreta *Patriarchas Invisiveis* e os denunciava ao Senado.

Ao terror que o combinado movimento causava aos partidarios do governo veiu reunir-se o dos sympathicos á revolução, desperto pela espionagem e pelas delações.

A segurança individual começou a soffrer; com o

murmurio das suspeitas, o vexame das pesquizas policiaes.

E, pelas terras uberrimas de S. Paulo, galgando serros, correndo campos, pisando estradas o barão de Caxias continuava sua marcha.

O exercito rebelde apenas sustentava escaramuças e retirava-se.

Então, como se viesse dar forças á revolta que enfraquecia, desceu para o ponto principal das operações revolucionarias o padre Diogo Antonio Feijó, substituindo Raphael Tobias, que foi procurar em Itabatinga outros recursos. Mas Campinas como Itú e Porto Feliz, Silveiras e Arêas estavam abandonados pelas forças rebeldes.

Já por este tempo Caxias movia o seu exercito convergindo-o sobre Sorocaba.

No dia 14 de Junho entrou no acampamento legal um parlamentario com uma carta de Feijó para o general.

Escrevia o illustre padre:

«Quem diria em qualquer tempo que o Sr. Luiz Alves de Lima seria obrigado a combater o padre Feijó? Taes são as cousas do mundo.

«Em verdade, o villipendio que tem o governo feito aos paulistas e ás leis anti-constitucionaes da nossa assembléa me obrigam a parecer sedicioso. Eu estaria em campo com a espingarda na mão se não estivesse moribundo, mas faço o que posso..... como persuado-me que S. M. Imperial ha de procurar obstar as causas que deram motivo a tudo isto, lembra-me procurar a V. Ex. por este meio e rogar-lhe a seguinte accommodação, que é honrosa a Sua Magestade o Imperador— 1.° cessem as hostilidades; 2.° retire-se da provincia o barão de Monte Alegre e o seu

vice-presidente até que Sua Magestade nomeie quem lhe parecer, e a provincia pede a V. Ex. que interceda para que não nomeie socio, amigo ou alliado dos Vasconcellos; 3° que a lei das reformas fique suspensa até que a assembléa geral receba a representação que a assembléa provincial dirigio á mesma sobre este objecto; 4° que haja amnistia geral sobre todos os acontecimentos que tiveram lugar, embora seja eu só exceptuado e se descarregue sobre mim todo castigo.

«Exmo. Senhor. V. Ex. è humano, justo e generoso ; espero não duvidará cooperar para o bem desta minha patria. Eu lhe assevero que exigirei a execução deste tratado por parte do governo actual da provincia e com o commandante de nossas forças poderá concluir definitivamente esta capitulação.»

Ao que o general respondeu :

«..... Direi: Quando pensaria eu, em algum tempo, que teria de usar da força para chamar á ordem o padre Diogo Antonio Feijó? Taes são as cousas deste mundo!! As ordens que recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes ás que me deu o Ministro da Justiça da Regencia nos dias 3 e 17 de Abril de 1832, isto é, que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse, e da mesma maneira que então as cumpri, cumprirei agora. Não é com armas na mão, Exmo. Senhor, que se dirigem supplicas ao monarcha e nem com ellas empunhadas admittirei a menor das condições que V. Ex. me propõe na referida carta...»

A resposta do general desanimou os rebeldes. Feijó tentou ainda, por meio de outra carta, uma entrevista com elle, mas o general não o attendeu e fez marchar seu

exercito para as portas de Sorocaba. Canto e Mello e Galvão escreveram-lhe pedindo amnistia, considerando-se capitulados. Raphael Tobias abandonava seus companheiros, fugindo para o Rio Grande, onde foi preso tempo depois, quando o barão de Caxias tomou conta do exercito em operações contra os republicanos de Piratinim.

No dia 20 de Junho o general entrava em Sorocaba. Feijó cahia prisioneiro e era obrigado a partir para a Côrte em companhia do senador Campos Vergueiro, tambem accusado de fomentar o movimento. O senador Francisco de Paula Souza e Mello, não obstante ter negado a sua interferencia nos negocios da rebeldia, recebeu ordem para deixar a provincia e passou-se para a de Santa Catharina. Os ultimos grupos de sediciosos foram batidos nas guerrilhas de Pão d'Alho, onde o desespero dos derradeiros esforços arrancava-lhes gritos de *Viva a republica!* como já os tinha feito gritar—*abaixo o throno estrangeiro que nos avilta!*

Mas a sedição estava vencida.

XV

Minas-Geraes

1842

Pelos mesmos motivos que a Provincia de São Paulo achava-se em armas na cidade de Sorocaba, a provincia de Minas levantou um exercito insurgente.

Se os animos exacerbavam-se de dia a dia com as consequencias da dissolução das Camaras e o perseguidor governo de José Clemente Pereira e marquez de Paranaguá, os representantes da liga *absolutista* no tempo de Pedro I, o desgosto subiu ao auge quando á provincia chegou a noticia de que fôra nomeado seu presidente um partidario da olygarchia, Bernardo Jacintho da Veiga, que diziam portador de odios particulares a vingar. E tinham razão os liberaes mineiros porque o primeiro acto do presidente Veiga foi adiar a abertura da Assembléa provincial para Novembro, quando deveria ser aberta em Junho, tornando por esse modo «manifesta a intensão de que estava o governo de proceder sem lei a arrecadação dos impostos».

Nesse tempo chegou a Minas a noticia do rompimento de Sorocaba, e o governo do presidente Veiga,

sob o pretexto de medidas preventivas, pôz em execução suas tendencias despoticas. Povoações inteiras soffreram processos, as cadêas abriram-se para encarcerar cidadãos pacificos, foi violado o segredo das cartas, a vigilancia policial tornou-se intoleravel, a oppressão vexava o povo, a imprensa era perseguida e o direito de petição punido. Diante dessa tyrannia e porque a reforma da lei *inconstitucional* das eleições determinava que a lista dos eleitores e dos elegiveis fosse organisada pelo juiz de paz, parocho e subdelegado, retirando-se a possibilidade da eleição de opposicionistas, os liberaes mineiros planejaram com o tenente coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha um movimento revolucionario. Tão em segredo foram tomadas as medidas do levante que, pela manhã do dia 10 de Junho, em Barbacena, ao rebate dos sinos e cornetas, a guarda nacional tinha fechado as sahidas da cidade, impedindo a fuga dos amigos do governo. Assim feito e sem a menor violencia a guarda nacional acclamou presidente de Minas Geraes o tenente coronel José Feliciano, recebendo este, da Camara Municipal constituida, o officio pelo qual reconhecia ella sua authoridade interina.

José Feliciano nomeou seu secretario o patriota padre José Pedro Dias de Carvalho, mandou circulares aos municipios, decretou a creação de uma *Recebedoria interna* e authorisou um emprestimo de quarenta contos.

As circulares produziram o desejado effeito—Pomba, Queluz, o arraial do Turvo, Lavras e Bom Jardim fizeram causa com os rebeldes.

Em S. João d'El-Rey a noticia do rompimento de Sorocaba já tinha aterrorisado os governistas. Mandaram aquartelar a guarda nacional, as patrulhas foram dupli-

cadas, a policia entrou em actividade para vigiar as correspondencias e os cidadãos suspeitos. Sabendo que muitos municipios insurgiam-se e que em Barbacena José Feliciano fôra acclamado presidente, os governistas trataram da resistencia, transformando a cidade numa praça de guerra. Mas, já o presidente interino approximava-se á frente de tropas, achando-se á pequena distancia da cidade, acampado na fazenda do reverendo Valerio Rezende. Ahi vieram juntar-se-lhe os guardas-nacionaes da Piedade e Onça. Tendo ordenado que uma columna commandada por Manoel Francisco Pereira de Andrade seguisse por Barroso, José Feliciano marchou sobre a cidade, procurando cercal-a com as duas columnas que, operando simultaneamente, perturbariam a convergencia da defesa, considerada a exiguidade de elementos combatentes de S. João d'El-Rey.

Em 17 de Junho, pelas 3 horas da tarde, um piquete de observação deu alarma de approximação do inimigo. Chamada á postos a guarda nacional, é recusado o commandante que se mostrou acovardado; o seu substituto soffre a mesma recusa; por fim nomeiam o major Francisco José de Alvarenga, que os guardas aceitam. Então um delles levanta *um viva* ao presidente interino e isso basta para armar um conflicto de que resulta a fuga dos governistas para suas casas e cercanias da cidade.

Quando ás 6 da tarde, entraram em S. João d'El-Rey as forças de Francisco Pereira, já os adeptos do movimento entoavam victoria. A's 11 horas da noite chegava a columna de José Feliciano, que a população recebeu com demonstrações jubilosas.

Vencida incruentamente a cidade de S. João d'El-

Rey, o presidente dispoz-se a marchar para Queluz, onde o intrépido Antonio Nunes Galvão resistiu ao choque das forças legalistas dirigidas pelo commandante das armas da provincia, Manoel Carlos de Gusmão, que abandonou a lucta coadjuvado pelas sombras da noite. A força commandada por Galvão era insignificante, armada de espingardas *caçadeiras*, e, como a villa não offerecia segurança para sustar o ataque de um grosso exercito bem municiado, o valoroso guerrilheiro partiu com sua gente ao encontro de José Feliciano.

Não obstante a dedicação dos liberaes mineiros, dos quaes muitos possuiam fortuna representada em excellentes terras de cultivo ou em importantes casas de commercio e que pela causa liberal abandonavam suas propriedades, seus lares com familias, o bem-estar e os interesses particulares, a revolução enfraquecia por timidez do commando em chefe. Desde o começo cahira num grande erro. José Feliciano devia ter marchado para Queluz, quando sentiu o franco apoio da guarda nacional de Barbacena, e não se ter deixado em ocio, aguardando o resultado das circulares. Em Queluz teria levantado um exercito passante de mil homens e marcharia contra a capital, onde o presidente, colhido de surpreza, nenhuma resistencia podia ter offerecido; mas, agora, Bernardo da Veiga, com tempo e calma reflexão, tinha combinado planos e preparado reforços para oppôr-se aos triumphos da força insurgente.

Era desejo de todos os chefes revolucionarios, como enthusiastico anhelo de seus soldados, a immediata marcha para Ouro Preto; e, entretanto, depois do successo colhido em São João d'El-Rey, José Feliciano licenciava soldados, fazia e destruia projectos, levantava marchas e

voltava sobre os passos já feitos para os mesmos acampamentos.

Queluz, abandonada, cahia em mãos do brigadeiro Tolledo Ribas ; S. Paulo, vencido, assistia o desfilar das tropas do barão de Caxias que entrava na terra mineira.

Para desembaraçar de tão difficil situação a causa da rebellião, Theophilo Ottoni correu a Baependy e o padre José Antonio Marinho seguiu para Barbacena, afim de, levantando o maior numero de combatentes, reunirem as forças num só exercito. Conseguido isto, os soldados vieram para as visinhanças de Queluz, e, divididos em duas columnas, uma commandada por Galvão que se foi collocar no Lava-pés, outra sob as ordens de Alvarenga que acampou em Bôa Vista, foi planejado o ataque á villa. A gente de Alvarenga rompeu tiroteio no dia 26 de Julho, attrahindo os defensores de Queluz, mas, ao mesmo tempo, a columna de Galvão carregava sobre o inimigo e com tal impetuosidade que o levou até o largo da Matriz onde a artilharia coadjuvava os esforços dos infantes. Nesta occasião a columna de Alvarenga acommette-os pela rectaguarda e se a estrada de Suassuahy estivesse guarnecida, como desejou fazer o chefe Marciano Brandão, nenhum official teria escapado ás armas dos revolucionarios.

Durante muitas horas os dois exercitos bateram-se valentemente. Um filho de Galvão, recebendo ferimento mortal, vacilla estonteado e tomba nos braços do pae. O velho liberal entrega o ferido ao dr. Mello Mattos, dizendo : « Veja se o póde salvar ; si morrer ainda me restam tres para sacrifical-os á causa da liberdade... » e corre ao seu posto de honra, animando os soldados com exemplos de extraordinaria intripidez.

A disciplina da gente legalista não vence o denodo dos sertanejos. Se ella tem a uniformidade dos movimentos militares, elles encobrem a inexperiencia com a valentia ; se ella bem conhece a tactica da guerra, elles possuem a pratica das caçadas e não perdem um tiro.

Ao termo do dia cincoenta mortos e feridos e duzentos prisioneiros são as despojos da batalha, além das munições de guerra e de bocca.

A victoria accendeu o enthusiasmo nas forças insurgentes e quando tiveram a voz de marchar passou pela mente de todos o pensamento de outro successo em Ouro-Preto. Infelizmente desilludiram-se. José Feliciano tomou direcção da Bocaina, onde o exercito cansou em movimentos inuteis.

Tendo-se-lhe ajuntado ahi o batalhão de Santa Barbara, que julgavam perdido, ainda uma vez o presidente interino desprezou a capital para atacar Sabará, que foi vencida.

Desde a partida da Bocaina que o presidente não ignorava o desastre de S. Paulo e a marcha do exercito de Caxias. Por vezes fallou em depôr as armas, aceitando a amnistia com que o general legalista acenava promettedoramente ás forças liberaes ; e sempre encontrou opposição a esse intento, com maior calor em Ottoni e padre Marinho. Depois do triumpho alcançado em Sabará, mais arraigou-se a idéa da paz no espirito de José Feliciano. Era certo que o general barão de Caxias vinha ao encalço dos insurgentes, como eram verdadeiras as noticias dos revezes soffridos em muitos pontos onde a revolução tinhs dominado ; era certo tambem que os recursos pecuniarios estavam esgotados, a honestidade e vigilancia dos chefes

impediam o saque dos vencedores e o aproveitamento da fazenda alheia, que muitas deserções realizaram-se por desgostos e cansaços; mas contando com a abnegação dos mineiros, José Feliciano podia manter-se com armas na mão por muito tempo e com vantagens sobre o inimigo. As doenças, a timidez e ausencia de ambições abatiam, no entanto, o velho chefe. Elle via S. Paulo dominado e acreditava que Minas Geraes não tinha razão de sustentar uma lucta que nascera da mesma causa; media com temor o crime da resistencia de um povo que se sublevára para manifestar aversão a um ministerio que o imperador mantinha; calculava assombrado o desenvolvimento da revolução e o fim a que poderia chegar sendo guiada pelas idéas exaltadas de Theophilo Ottoni e pelas victorias das forças insurgentes; não era mais o *presidente interino* resistindo ao governo da provincia, ao gabinete do Rio de Janeiro; era o chefe de uma *revolução* que lavrava pelo norte e pelo sul do territorio de Minas, que contava sangrentos combates e triumphos, que, por eventualidade da fortuna, poderia alentar, de um momento para outro, os sentimentos republicanos do povo.

Pesando estas considerações, o honrado, mas fraco, José Feliciano procurava retirar de seus hombros a responsabilidade provavel de uma nova e differente feição dada ao movimento de 10 de Junho. Por intermedio do dr. Mello Franco e coronel Souto mandou propôr ao barão de Caxias uma negociação honrosa, com amnistia para todos os insurgentes. Não passou em segredo, como elle pretendia, essa commissão. Os mais ousados chefes sentiram-se offendidos com a timidez do presidente interino e deliberaram acclamar Theophilo Ottoni vice-presidente,

licenciando o irresoluto e abatido tenente-coronel; mas, sendo consultado Ottoni, elle foi de parecer que a substituição viria golpear o unitarismo dos combatentes, sobretudo ferir a dedicação da columna de Santa Barbara, em que Feliciano contava muitos parentes e amigos. Aceitou, pois, o encargo de animar o presidente, ao mesmo tempo que com difficuldade conseguia fazer marchar o exercito para o arraial de Santa Luzia.

O general da *legalidade* approximava-se triumphante. Com os planos de campanha elle desenvolvia uma policia activissima, cuja missão limitava-se menos á vigilancia que á intriga e tessedura de recompensas para envolver o prestigio e as dedicações dos chefes revolucionarios. A esta guerra damninha de roedores respondiam as senhoras mineiras, entre ellas notavelmente a Sra. D. Barbara da Horta, com a mais subtil, sagaz e obstinada espionagem, de que davam conta aos rebeldes por meios de ardis que só o espirito feminino é capaz de conceber e realizar.

Acampando o exercito em Santa Luzia, José Feliciano preparou o plano de combate. Na noite de 19 de Agosto a columna de Lemos partiu para tomar posição ao norte do arraial, a de Alvarenga e Joaquim Martins com o batalhão de Santa Barbara ao sul, ao centro a de Galvão.

Assim feito, o tenente-coronel José Feliciano reuniu alguns amigos, em menor numero possivel, e communicou lhes que nessa noite abandonava a revolução. Ottoni, occupadissimo em vigiar Joaquim Martins, de quem suspeitava, não teve conhecimento da fuga do presidente e na manhã de 20, quando soube que elle e Lemos desappareceram, prometteu metter uma bala na cabeça de quem desse

curso ao *boato*. Infelizmente a noticia não parou com as ameaças de Ottoni. O exercito teve conhecimento della, perdeu o enthusiasmo que demonstrava no momento de tomar as posições. Galvão, que a recebeu com desalento e dôr, depois de longa meditação e sob a sua exclusiva responsabilidade, mandou romper fogo sobre o inimigo que estava em frente. O general tinha dado ás suas forças ordem de guardarem as posições sem responder aos insurgentes e só no dia 21 começarem o combate; mas tal impeto pôz no ataque a gente de Galvão que o barão de Caxias vio-se brigado a relaxar a ordem já communicada a todas as columnas. Os soldados do governo arremettem contra a gente de Galvão, que recúa, bem acossada. Mas o barão faz alto. Galvão reune de novo sua gente na estrada do arraial, para suas fileiras correm muitos paisanos, entre esses o padre Marinho, e recomeça a offensiva com tanto esforço que o inimigo debanda acceleradamente, sem cuidar dos trens de guerra de que os adversarios se apoderam. A victoria pendia para o lado dos revolucionarios. Se elles tivessem um chefe supremo que os guiasse, o barão estaria esmagado. Mas Joaquim Martins depois de retirar sua columma tentou fugir, sendo obrigado a retroceder diante da colera dos que o perseguiram; a columna de Lemos, pela ausencia do chefe, subdividira-se desordenada e desobediente; pelo norte vinha o batalhão de Magé commandada por José Joaquim de Lima, irmão do general, que accudira ao estrepito da lucta batendo pequenos estorvos. Pela segunda vez a dizimada columna de Galvão recua, agora em debandada. No alto do arraial o fogo está concentrado, lucta-se desesperadamente, mas a victoria, que se havia inclinado pela manhã para os revolucionarios, á tarde

pendeu toda para os legalistas. Em poucas horas elles entravam gloriosos em Santa Luzia. O padre Marinho fugiu com muitos soldados, Ottoni e outros chefes foram presos. E com o combate desse dia 20 de Agosto de 1842 terminou a revolução liberal de Minas.

Alguns annos depois os chefes rebeldes que se homisiaram nos sertões, os que foram aprisionados em combate, volveram aos seus lares e ás posições sociaes que o merecimento de cada um tinha conquistado.

XVI

Guerra dos Farrapos

(RIO GRANDE DO SUL 1835-1845)

A chamada guerra dos *Farrapos* que ensanguentou o solo da provincia do Rio Grande do Sul por espaço de dez annos, teve começo em profundas desavenças politicas entre os dois partidos que alli se formavam.

De um lado agruparam-se os partidarios das idéas conservadoras, do outro os que almejavam reformas radicaes, e cada parte procurava governar a provincia consoante suas opintões. Os conservadores chamavam os liberaes de *farroupilhas*, pessoas esfarrapadas, maltrapilhas—e sendo a revolução feita pelos liberaes denominavam-na por desprezo—*a guerra dos farrapos*.

Na presidencia da provincia achava-se o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, cidadão de genio moderado em excesso, tolerante em demasia. Estas qualidades, que são as mais recommendaveis em um homem *particular*, prejudicam muitas vezes o homem publico, mórmente quando elle tem a alta responsabilidade de governar uma terra onde se agitam paixões politicas, como se agitavam naquelle tempo no Rio Grande.

Querendo contentar os dois partidos, o dr. Fernandes Braga começou a ser visto pelos seus correligionarios como um homem fraco, timido e vagaroso. Pouco a pouco a gente do seu partido foi desprezando-o e elle viu-se dominado pelo partido contrario a cuja frente estava o dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.

Entregue o presidente á vontade do *partido conservador* não tardaram as perseguições e injustiças aos politicos do outro partido, e tantas e taes foram as queixas, as recriminações, os desmandos que, em 20 de Setembro de 1835, os liberaes, sob o commando do coronel riograndense Bento Gonçalves da Silva, tomaram conta da capital da provincia e o presidente Braga fugiu embarcado com destino á cidade do Rio Grande.

No dia 21 o coronel Bento Gonçalves reuniu a Camara Municipal de Porto Alegre, deu posse da presidencia ao vice-presidente da provincia, dr. Marciano Pereira Ribeiro, demittiu de commandante das armas o marechal Sebastião Barreto, nomeando para esse cargo o coronel Bento Manoel Ribeiro e officiava ao governo imperial, na Côrte do Rio de Janeiro, prestando-lhe obediencia.

Antes, porém, que a regencia tomasse medidas a respeito dos graves factos acontecidos naquella provincia, a idéa revolucionaria propagou-se rapida por todos os pontos do Rio Grande, levantando enthusiastas, annullando o procedimento do coronel Bento Gonçalves que desejava restabelecer a ordem, e accendendo a lucta intestina. Concorreu para esse estado de cousas a resistencia que o marechal Sebastião Barreto quiz organisar, chamando ás armas os filhos da provincia que não fossem partidarios da politica do Bento Gonçalves.

Acordados os animos começaram as luctas.

No dia 5 de Outubro de 1835, á uma hora da madrugada, marchando o marechal Sebastião Barreto para se avisinhar de S. Gabriel, onde estava aquarlado o 3° regimento de cavallaria ao mando do capitão Francisco de Paula Macedo Rangel, foi a sua vanguarda percebida pelas sentinellas avançadas desse regimento que, sem o marechal saber, se passára para o lado dos revolucionarios, e, inesperadamente, recebeu uma descarga.

O ataque desnorteou o marechal que fugiu acompanhado do coronel José Rodrigues Barbosa, abandonando as tropas e passando-se depois para o Estado Oriental. Em outros pontos da provincia os rebeldes obtinham victoria contra as forças legaes, que não estavam definitivamente organisadas para sustentar a guerra.

Em 6 de Novembro de 1835 chegou ao Rio Grande como presidente nomeado pelo governo da Côrte, o deputado riograndense dr. José de Araujo Ribeiro. Era pensamento da Côrte que nomeando um filho da provincia para o importante e melindroso cargo de seu administrador, satisfaria o partido rebelde e poria cobro aos motins.

Mas o dr. Araujo Ribeiro, em vez de conciliar — guerreou, guerreou contando com o apoio dos inimigos dos rebeldes.

Foi o seu erro, donde resultou graves consequencias.

No dia 9 de Dezembro desse anno, reunida a Assembléa Provincial, os deputados votaram contra a posse do dr. Araujo Ribeiro. Então o presidente decidiu abandonar a provincia, á vista da formal recusa que lhe davam, mas o commandante das armas, escolhido por Bento Gon-

çalves, o coronel Bento Manoel Ribeiro, offereceu-se ao presidente para sustentar sua authoridade e combater os revoltosos.

Decidida a resistencia, o dr. José de Araujo Ribeiro resolveu tomar conta do governo e prestar o respectivo juramento na Camara Municipal da cidade do Rio Grande, e assim o fez no dia 15 de Janeiro de 1836, o que communicou á Assembléa. Esta convidou-o a ir a Porto Alegre ratificar o seu pensamento, sem o que o não reconheceria. Araujo Ribeiro prometteu, mas não foi. Era opinião de muitos homens desse tempo, envolvidos nos successos, que, se elle tivesse attentido ao convite, a paz teria sido feita; outros, porém, entendiam que a sua resolução foi mais acertada, livrando-se assim de cahir em alguma cilada da Assembléa, que o tratava de criminoso, de réo da anarchia e invocava sobre sua cabeça a *espada da justiça*.

Estava iniciada a *guerra civil*. A provincia tinha dois governos: um, a principio, com a séde em Porto Alegre; outro na cidade do Rio Grande, e ambos sustentados por amigos dedicados e enthusiastas na imprensa e nas armas.

Logo nas primeiras acções da penosa campanha dos dez annos, o coronel João Manoel de Lima e Silva, nomeado commandante das armas pelo governo revolucionario em substituição a Bento Manoel Ribeiro, bate os legalistas em Capané e marcha sobre Pelotas; 15 dias depois, isto é, em 17 de Março de 1836, Bento Manoel bate 800 homens e aprisiona o seu commandante Affonso José de Almeida Côrte Real na margem esquerda do rio Santa Maria. Das forças de Bento Manoel faziam parte o tenente-

coronel Manoel Luiz da Silva Borges e seus dois filhos, os tenentes José e Manoel Luiz Osorio. Este ultimo veiu a ser muitos annos depois o valoroso general Osorio, marquez do Herval.

Em seguida vieram as victorias revolucionarias da rendição da povoação de Pelotas em 7 de Abril do mesmo anno, cuja guarnição era commandada pelo major Manoel Marques de Souza, conhecido mais tarde pelo titulo de conde de Porto-Alegre, valente general que deixou seu nome ligado aos mais brilhantes feitos da guerra do Paraguay; da derrota do coronel *legalista* Albano de Oliveira Bueno, no Passo dos Negros, proximo ao rio S. Gonçalo; a do desastre da defesa da Villa de S. José do Norte, em que foram derrotados por Onofre Pires o capitão Francisco Pinto Bandeira e Juca Ourives.

Em Maio do mesmo anno Bento Manoel avança sobre Porto-Alegre e o revolucionario Lima e Silva se dispõe a marchar sobre o Rio Grande, onde estava o presidente Araujo Ribeiro. Mas o chefe legalista Bento Manoel é surprehendido no dia 1 de Junho, ás oito horas da noite, em uma sanga junto ao arroio dos Ratos pelas avançadas de Bento Gonçalves e vê-se obrigado a retirar-se precipitadamente, deixando no acampamento uma das botas que não teve tempo de calçar. Ao passo que o revolucionario Lima e Silva, com uma columna de 800 homens nesse mesmo dia chega á margem esquerda do S. Gonçalo, cujas aguas estavam guarnecidas por navios de guerra da *legalidade*, constróe dois reductos em que faz trabalhar toda a noite; pela madrugada do dia 2 começa o bombardeio, combate todo o dia, alcança victoria, transpõe o rio S. Gonçalo e leva o sitio á cidade do

Rio Grande, depois que suas cavallarias atropellam as *legalistas* do coronel João da Silva Tavares e Calderon, as quaes, por seu numero inferior, viram-se forçadas a emigrar para o Estado Oriental. Nesse combate o chefe revolucionario é ferido no rosto por um tiro de bordo e foi conduzido em rêde para a cidade de Pelotas.

Caminha triumphante a revolução; cada combate é uma victoria. Os bravos farrapos não descansam, luctam sempre, dominados pela sua fé, guiados pela estrella do seu Idéal.

Nos dias 14 e 15 desse mez dá-se em Porto-Alegre um movimento reaccionario contra o governo da revolução; os *legalistas* restauram a cidade ao dominio legal, prendem o vice-presidente dr. Marciano e muitos outros seus co-religionarios; mas Bento Gonçalves acóde á capital, onde chega com mil e tantos homens de cavallaria, intima no dia 27 a entrega da praça; não é attendido; ataca-a no dia 30 e depois de haver penetrado nas trincheiras do norte retira-se «para evitar a effusão de sangue e scenas de violencias que naturalmente se fariam.»

Retirando-se, Bento Gonçalves recolhe-se a Viamão, mas o seu exercito circumda a cidade por terra, para impedir todas as sahidas aos *legalistas*.

Em soccorro da cidade sitiada, já reduzida á penuria, vem Bento Manoel, que consegue levantar o cerco, batendo as forças republicanas. A tomada de Porto-Alegre animou o presidente Araujo Ribeiro a mudar o seu governo para a capital da provincia, vindo para esse fim na esquadra do vice-almirante Greenfell.

Desde o dia desse acontecimento começaram os revezes, as alternativas da guerra civil.

De ambos os lados havia valor. Os revolucionarios batiam-se por um Ideal, retemperavam as suas forças na convicção da grandeza de sua causa; os legalistas procediam como soldados disciplinados batalhando pela instituição cuja defesa elles juraram, procedendo de accordo com as suas crenças. E' difficil avaliar, neste caso, onde ha mais patriotismo e onde mais a coragem se exalta.

São filhos da mesma terra, luctando por uma aspiração que cada parte julga mais util e mais necessaria á sua patria; se de um lado existe a idéa da liberdade, de outro lado existe o temor da anarchia.

Por isso, vemos empenhados nessa lucta terrivel, travada sem tregoas, patricios em cujos peitos o coração palpitava pelo Brazil, perseguindo a ferro e fogo patricios cujas cabeças só pensavam no Brazil. E a balança do destino, impassivel ás paixões partidarias, ora inclinava-se para a esquerda, ora para a direita, pesando o valor dos feitos, sem calcular os resultados. Assim em 10 de Setembro de 1836, vespera do dia em que as tropas legaes conquistavam ao norte da provincia importante victoria no combate do passo do Couto, as forças revolucionarias, sob o commando de Antonio de Souza Netto, obtinham ao sul, um triumpo para sempre momoravel nos campos do Seival.

Antes da peleja, Antonio Netto bradára aos seus commandados:

— Camaradas ! Não quero ouvir um tiro. Seja a carga á espada e á lança.

João da Silva Tavares commandava as tropas legaes;

esperou a gente de Antonio Netto com uma descarga de clavineiros, que derrubou alguns adversarios. Seguiu-se a lucta á arma branca, e esses homens, nascidos na mesma terra brazileira, tornaram-se animaes carniceiros, tal a furia com que se atacavam. As tropas de Silva Tavares, apezar de valentes, não puderam resistir aos impetos dos revolucionarios ; bateram em retirada ; o proprio chefe retirou-se perseguido e, se não fôra ter-se passado de um para outro cavallo durante a retirada, teria cahido prisioneiro dos perseguidores.

Após a victoria o chefe revolucionario fez uma proclamação, dando vivas á Republica Rio Grandense.

Ao ter noticia da proclamação da Republica, Bento Gonçalves, que estava em Viamão, emquanto Bento Manoel guardava Porto-Alegre, resolveu marchar para Jaguarão, transpondo o rio Jacuhy. Mas os seus movimentos foram conhecidos e quando operava a passagem pela ilha do Fanfa, Bento Manoel e as forças navaes do vice-almirante Greenfell derrotaram-n'o e o obrigaram a capitular no dia 4 de Outubro.

Capitulando, foi remettido com Côrte-Real e Onofre Pires para Porto-Alegre e dahi para o Rio de Janeiro, onde os encarceraram na fortaleza de Santa Cruz e mais tarde foi Bento Gonçalves removido para o forte do Mar, na Bahia.

O desastre da Ilha do Fanfa, a prisão do chefe da revolução não desanimaram o valente Antonio de Souza Netto, que convocou uma reunião de todas as influencias republicanas para a villa de Piratinim, e no dia 5 de Novembro desse anno de 1836, a exemplo de Jaguarão, que foi a primeira, a Camara Municipal de Piratinim pro-

clamou a independencia politica da provincia, declarando-a desligada da obediencia que devia ao governo do Brazil e elevada á cathegoria de Estado livre, constitucional e independente, com a denominação de *Estado Rio Grandense*, podendo ligar-se por laços de federação áquellas das provincias do Brazil que adoptassem o mesmo systema de governo e se quizessem federar ao novo Estado.

Desta proclamação, feita em Piratinim, vem o motivo de ser a guerra dos *farrapos* tambem conhecida na historia pelo nome de *Republica de Piratinim*.

Com a assistencia do general em chefe do exercito republicano, João Manoel de Lima e Silva, procedeu-se á votação das primeiras authoridades.

Por maioria absoluta de votos foi eleito presidente da Republica o coronel Bento Gonçalves da Silva e durante o seu impedimento o cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim. Para vice-presidentes foram eleitos Antonio Paulo da Fontoura, coronel José Mariano de Mattos, coronel Domingos José de Almeida e Ignacio José da Silveira Guimarães. Prestados os juramentos das authoridades republicanas, foi rezado um *Te-Deum*. Vasconcellos Jardim chamou para seus ministros os cidadãos: Domingos José de Almeida, do interior e fazenda; José Mariano de Mattos, da guerra e interino da marinha; José Ribeiro de Ulhôa Cintra, da justiça e interino dos estrangeiros.

Ahi os republicanos reuniram-se outra vez, formaram suas divisões e prepararam-se para recomeçar a lucta.

Ao norte da provincia os persistentes e bravos *farrapos* eram mais felizes. Em 6 de Janeiro o revolucio-

nario Agostinho de Mello derrotava o tenente-coronel Antonio Manoel de Azambuja, matando o seu estado-maior; em seguida Agostinho de Mello marchou contra Rio Pardo, defendida por 250 homens ao mando de Andrade Neves, derrotou-o no dia 10, apoderou-se da villa e de duas boccas de fogo, depois de matar 17 imperialistas, e ahi permaneceria se não fosse a derrota que lhe infligiu, em principio de Fevereiro, Gabriel Gomes, mandado por Bento Manoel. Nesse tempo um acontecimento trouxe aos republicanos grandes vantagens: bandeou-se para o lado delles o chefe das forças imperialistas Bento Manoel Ribeiro.

Foi motivo dessa deserção a nomeação do brigadeiro Antero José Ferreira de Brito para substituir o dr. José de Araujo Ribeiro, na qualidade de presidente e commandante em chefe do exercito imperial em operações na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

A Côrte do Rio de Janeiro assim procedeu julgando pôr termo á guerra civil com mais presteza do que lhe parecia ser possivel com os planos seguidos pelo dr. Araujo Ribeiro. No entanto o brigadeiro Antero, tendo-se reunido aos *ultra-legalistas* e fazendo a politica que elles o aconselhavam, bem cedo desgostou os chefes das forças imperiaes, perdendo desde logo a valiosa cooperação do activo commandante em chefe!

Bento Manoel passou em Caçapava o commando ao coronel João Chrysostomo da Silva, depois de ter licenciado todo o exercito, e á frente de forças republicanas sahiu ao encontro do presidente Antero, prendendo-o ao transpor, na noite de 23 de Março, o arroio Itape.

Deu-lhe voz de prisão o capitão Demetrio Ribeiro

e Bento Manoel conservou-o como refem até 9 de Janeiro de 1838, em que o *offereceu* por troca do prisioneiro republicano tenente-coronel Francisco Xavier do Amaral.

Sendo aceita a permuta dos prisioneiros, Antero de Brito foi solto na freguezia do Viamão.

Quando Bento Manoel uniu-se outra vez aos republicanos, chamou para suas fileiras o tenente Manoel Luiz Osorio, mas esse recusou-se allegando ter jurado servir á legalidade e, assim, custasse-lhe sacrificios, serviria até a morte ao partido a que se ligára mais por dever de soldado que por opinião politica.

Em seguida ao infeliz successo do presidente Antero, o governo da Côrte nomeou presidente da provincia o cidadão Feliciano Nunes Pires, que lhe parecia capaz de debellar a gravidade da situação.

Entretanto as providencias da Côrte falharam por mais uma vez. O presidente Pires era sympathico aos republicanos e este facto tornou-o suspeito aos ultra-legalistas, a frente dos quaes estava, como sempre, o dr. Pedro Chaves. Os embaraços creados pela opposição politica concorreram grandemente para a reproducção de desastres durante o governo desse presidente.

O primeiro foi em Julho. As forças do marechal Sebastião Barreto, que andavam nas proximidades dos campos do Athanagildo, sabendo que, na noite de 7, Bento Manoel viria á estancia de um amigo unicamente acompanhado por seu filho, o dr. Sebastião Ribeiro, destacaram uma escolta para matal-o. Bento Manoel teve noticia do ardil que preparavam e pôz-se em contra-marcha. A escolta o alcançou, fez fogo e retirou-se convencida de tel-o morto. Bento Manoel cahiu ferido. Com presteza

acudiram as forças revolucionarias, que á meia legua se achavam, carregaram sobre as forças do marechal Barreto, derrotando-as, conseguindo o marechal escapar-se a custo.

O segundo foi no Triumpho, em 12 de Agosto. Nunes Pires expediu Gabriel Gomes embarcado num vapor com uma força para essa villa. Antonio Netto, avisado em tempo da commissão do *legalista*, marchou para Triumpho com forças superiores, apanhou Gabriel Gomes em caminho, bateu-lhe as forças e o matou.

Antonio Netto voltou prestes a continuar o cerco de Porto Alegre, apertando-o cada vez mais. O brigadeiro Cunha, que commandava a guarnição, sahiu a fazer um reconhecimento das posições inimigas, levando o 8º batalhão de linha sob o commando do major Mazzarrêdo, brazileiro adoptivo e valoroso militar, adepto intransigente da legalidade.

A lucta foi travada com os sitiantes; após algumas horas de vivo fogo cahiu morto, diante do seu batalhão, o bravo Mazzarrêdo. Nessa época, por uma mudança politica na Côrte, foi o presidente Nunes Pires substituido pelo marechal Antonio Elisiario de Miranda e Brito, que em 3 de Novembro assumiu a administração da provincia e o commando em chefe do exercito legal. Como outros presidentes, o marechal Elisiario deixou-se dominar pelo partido ultra-legalista, donde resultou os seus insuccessos.

No mez anterior ao que o marechal Elisiario tomou conta do governo da provincia, o coronel Bento Gonçalves conseguiu evadir-se do forte do Mar como, pouco tempo antes, Onofre Pires e Côrte Real tinham fugido a nado da fortaleza de Santa Cruz. Inesperadamente os fugitivos apresentaram-se no Rio Grande do Sul. Bento

Gonçalves, movido pelo mesmo ardor revolucionario, mas agora resolvido a sustentar a instituição proclamada em Piratinim, tomou a testa dos exercitos republicanos. Logo ao primeiro encontro com o inimigo, commandado pelo marechal Elisiario, em pessoa, infligio-lhe tamanha derrota que o marechal desmoralisou-se para sempre, levado á uma série ininterrupta de desastres em que o desatino do infeliz militar causava dó. O desprestigio do marechal Elisiario obrigou a partida immediata do ministro da Guerra do governo imperial para os campos rio-grandenses e o decreto da substituição delle pelo marechal Manoel Jorge Rodrigues, sendo então o governo *legal* entregue ao dr. Saturnino de Souza Oliveira.

Emquanto o presidente e o marechal Rodrigues concertavam novos planos de guerra, os republicanos faziam tremular a sua bandeira tricolor ao norte da provincia, acenando aos que a viam o caminhar triumphante de seus soldados.

David Canavarro e José Garibaldi, o bravo *condottiere* italiano que deixou na Europa seu nome escripto na primeira linha da eterna lista dos heróes, ao lado dos grandes capitães, comprehenderam a vantagem que lhes traria um porto de mar na costa do Atlantico, por ser impossivel assenhorearem-se da lagôa dos Patos em poder de fortissima columna imperialista. Combinada a maneira de levar ávante esta difficil mas util idéa e já possuidores de uma esquadrilha de enormes lanchões, Garibaldi fez construir colossaes carretas onde descansou seus barcos, e atrelando-as, cada uma dellas, a cem bois possantes, vio-as com enthusiasmo de todos os seus *voluntarios* moverem-se por uma extensão de dezoito leguas

até a lagôa Tramandahy, de onde passou para o oceano, abrindo seus pavilhões ás virações livres dos espaços.

O exercito do valente Canavarro seguia por terra em direcção da Laguna. Apenas em pleno mar, Garibaldi passou-se para a escuna *Rio Pardo*, que tinha sido apresada com o nome de *Libertadora*, seguida das escunas republicanas *Caçapava* e *Seival*, do commando do americano João Griggs e do italiano Lourenço. Mas, suspensas as ancoras e trilados os apitos para a manobra ao largo, sahio-lhes pela prôa a corveta imperialista *Regeneração*, commandada pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva. Sem perda de tempo a corveta despejou sobre o inimigo suas baterias. Durante cinco horas o fogo roncou incessante, bem sustentado de parte a parte, apezar do forte vento e do grosso mar que soffreavam a marcha da esquadrilha republicana.

Por fim Garibaldi procura reparar os prejuizos soffridos refugiando-se no porto de Imbituba, onde salta e prepara um fortim, que a sagacidade o aconselha pela probabilidade de uma visita do inimigo, talvez mais apparelhado por outros recursos. E bem atinado foi, porque ao raiar da alva surgiram no porto os cascos arrogantes das escunas *Andorinha*, *Bella Americana* e patacho *Patagonia*, do cruzeiro imperial. De novo a lucta recomeçou. O fortim, armado de um canhão do *Seival*, correspondia ao mortifero fogo dos navios imperiaes que, apezar das boas condições da marinhagem, soffriam damnos com o fogo da esquadrilha republicana. Em pouco tempo o bordo do *Rio Pardo*, mettido entre terra e o inimigo, ficou coberto de cadaveres. O sangue coloria de rubro as taboas do convés e a mutilação dos corpos confundia-se com a desordem das

munições e dos utensilios nauticos. No entanto os republicanos não desanimavam. Em meio dos destroços da escuna revolucionaria, Annita, a heroica brazileira que ligára seu destino e seu nome aos do *condottieri* italiano, de espada em punho, animava seus intrepidos companheiros, fazendo-os redobrar de esforços nos assomos da coragem pela voz vibrante de seu mando. E já baixava a noite, quando os imperiaes, assombrados de tanto valor e cançados da refrega, mandaram sahir a *Bella Americana* em busca de soccorros. Então, no silencio nocturno, illudindo a vigilancia dos dois restantes vasos inimigos, Garibaldi conseguiu escapar-se com sua esquadrilha para o porto da Laguna, onde chegou pela madrugada de 6 de Novembro de 1839, após dois dias de terrivel combate. Laguna cahiu em poder dos republicanos e passou a chamar-se cidade *Juliana*, elevada a capital do novo Estado da confederação rio-grandense.

A noticia da tomada da Laguna vivamente impressionou a Côrte, pois, segundo affirmação do ministro da guerra Rego Barros, em seu regresso do Rio Grande, a revolução não podia sahir daquella provincia, onde extinguia-se á mingua de todos os recursos. Com a Laguna teriam os republicanos um bom porto de mar em concurrencia com o Rio de Janeiro, recebendo por elle os generos necessarios ao consumo de suas forças e munições de guerra.

A regencia do Imperio cuidou desde logo de mandar ao Sul o marechal Soares de Andréa, depois barão de Caçapava, que violentamente pacificára a provincia do Pará; e assim fez, entregando em suas mãos plenos poderes para governar a provincia de Santa Catharina. Com o mare-

chal seguiram duas divisões da esquadra ás ordens do capitão de mar e guerra Frederico Mariath, que, em 15 de Novembro de 1839, forçou a barra com a divisão da vanguarda, do commando dos 1os tenentes Francisco Pereira Pinto (mais tarde barão de Ivinheima), Francisco Luiz da Gama Rosa e 2º tenente Manoel Moreira da Silva. O bravo Garibaldi recebeu a esquadra de Mariath com os cumprimentos devidos a um inimigo ousado. Durante 15 minutos a descoberta esquadrilha republicana soffre á queima-roupa o desesperado fogo das 4 canhoneiras, 2 brigues e 2 escunas da divisão imperial. Mas ao valor dos imperiaes oppunha-se a temeridade dos republicanos. Encobre o espaço um turbilhão de fumo que a ventania, zumbindo, redomoinha; o mar acompanha em côro ao embate furioso das espumantes vagas e o estampido dos tiros atordôa. A devastação entoara a orchestra infernal. Na fumarada immensa os escuros bojos dos navios ondulam phantasticamente bolçando chammas, e sibilam as balas por entre vozes blasphemadoras, trillos de manobra e gemidos de moribundos. Gama Rosa e Pereira Pinto recebem ordens de atacar o *Itaparica*, onde ziguezagueava a insignia do chefe revolucionario, lubrica e atrevida como a lingua flammante de um monstro em delirio. Mal se approximam, uma explosão ribomba, levando aos ares os restos desse glorioso barco que se não rende. Ha cinco horas que os bravos se batem sem descansar. O sangue corre aos borbotões, os homens morrem. Um terço da marinhagem imperial succumbiu, a maior parte dos republicanos está em horriveis pedaços dispersos. João Griggs foi dividido em duas partes por uma metralha; o peito do valoroso Henrique de Raguna, commandante do *Itaparica*, recebe em cheio

umsa bala de canhonada que o perfura como a bocca rubecente de um canhão por onde a chamma se liquidificasse em torrentes de sangue.

David Canavarro, em terra, sustenta suas posições com um denodo épico. A cada arremesso da infantaria naval de Mariath, o rio-grandense espera impavido, respondendo á morte com a morte. Mas a resistencia torna-se impossivel. A retirada começa. Garibaldi manda atear fogo ás suas embarcações e Annita, debaixo de um chuveiro de balas, recolhe os restos das munições, e de pé á popa de um pequeno escaler, emquanto a tripolação se curva ao zumbir dos projectis, ella é como um anjo guerreiro, serena e intrepida, a face morena de brazileira febril de coragem e a claridade branca de seus dentes sorrindo desdenhosamente á claridade vermelha dos canhões, tal se fôra, nesse momento, a encarnação da Republica alentando o animo de seus defensores, em plena apotheose do terror ! -

A bandeira tricolor de Piratinim deixou de tremular nas terras catharinenses e pelas campinas e serras do Rio Grande Onofre cahia prisioneiro, Netto era batido e morto Côrte Real. A arma de um assassino tinha victimado Lima e Silva.

Não obstante os revezes republicanos, a Côrte andava estonteada, nomeando e demittindo presidentes e generaes. Successivamente tinham estado no Rio Grande Alves Machado, Saturnino de Souza pela 2ª vez, general João Paulo Barreto, conde do Rio Pardo e brigadeiro Silva Bittencourt.

Afinal, foi nomeado o barão de Caxias para presidente e commandante das armas da provincia.

Quando o barão de Caxias tomou o commando do

exercito imperial, em fins de 1842, toda a campanha do Rio Grande ainda estava dominada pelos republicanos. Elle traçou um plano geral de operações, reuniu a melhor gente de que dispunha o exercito, lançou mão da amnistia para os revolucionarios, apertou as guerrilhas, bateu para as fronteiras as forças republicanas, fez justiça a todos, procedeu com calma, tino e energia.

Bento Manoel e Demetrio Ribeiro voltaram ao exercito imperial, Canavarro foi derrotado, Joaquim Teixeira Nunes morreu em Porongos, Agostinho de Mello cahiu cutilado, Bernardino Pinto era mortalmente ferido, Antonio Manoel do Amaral succumbiu num ataque, Jacintho Guedes perdia a sua gente, e demais na fronteira da Palma o despota argentino D. Juan Manuel Rosas — pretendia assenhorear-se do territorio brazileiro.

Diante desses factos que o destino encadeava, os republicanos tiveram de ceder, mas o fizeram com dignidade porque o barão de Caxias, conhecendo a resistencia heroica dos *farrapos*, antecipou o tratado da paz.

Em 1 de Março de 1845, em Ponche Verde, foram solemnemente juradas a união e a tranquillidade da provincia do Rio Grande do Sul, garantidas pelo valor militar desse homem que a monarchia cobriu de honras em vida, com temor da sua espada invencivel e que esqueceu completamente, apenas a morte fechou-lhe os olhos, em 1880.

XVII

Revolta Praieira

(PERNAMBUCO—1849)

Havia muito tempo que, no interior da provincia de Pernambuco, os motins se desenvolviam por motivos eleitoraes entre o partido liberal ou *praieiro* e o partido conservador, tambem chamado *guaribú* ou *miguelista*.

O presidente Herculano Ferreira Penna seguia uma politica de represalias e perseguições, negando quartel aos adversarios que sob ameaças, desalojados dos cargos publicos, annullados nas suas influencias, levantaram pelas columnas do *Diario Novo*, publicado na capital sob a direcção do general Abreu Lima, uma opposição sem treguas, igual na defesa as invectivas do ataque. A irritação das questões originou os desforços partidarios. Um grupo conservador, guiado pelo faccioso José Pedro, aterrorisava os moradores do reconcavo com sanguinarias correrias. O juiz municipal de Pejehú havia expirado victima dos barbaros golpes dos faccionarios; em Genipapo um adversario politico fora assassinado pelos *guabirús* nos tremulos braços de sua esposa allucinada pelo terror e diante de seus filhinhos que imploravam, entre lagrimas, ajoelhados e horrorisados, piedade para elle! Cresciam de

dia a dia os lamentaveis desvarios dos asseclas da situação politica. Por fim, um encontro entre os dois partidos teve lugar em Mussapinho, impressionando todo o paiz com um medonho derramamento de sangue. E logo, sobre estes factos, o golpe de Estado que dissolvia, em 1848, a representação nacional temporaria, diminuiu o restante, mal seguro equilibrio economico da provincia. Os deputados *praieiros*, reunidos em Recife, publicaram um manifesto assignado por—Joaquim Nunes Machado, Antonio A. Ferreira, Jeronymo Villela Tavares, Felippe Lopes Netto, José Francisco de Arruda Camara, A. da Costa Rego Martins, J. Francisco de Faria, e Felix Peixoto de Brito e Mello—que responsabilisava o presidente Penna pelas consequecias de uma lucta fratecida.

Estava declarada a revolta.

Entendeu o governo da Côrte substituir o presidente de Pernambuco para evitar a lucta, mas necessitando de um homem inflexivel, que repremisse os males e ao mesmo tempo dominasse os adversarios politicos, escolheu o desembargador Joaquim Vieira Tosta (mais tarde barão, visconde e marquez de Muritytba, fallecido em Fevereiro de 1896) já designado para administar a provincia do Maranhão. A escolha era evidentemente calculada. O desembargador Vieira Tosta tinha fama de arbitrario e tenaz, e provou taes qualidades com a posição offensiva que tomou, apenas empossado do governo da provincia, em cuja capital os *praieiros* agitavam a flammula do nativismo em desafio á bandeira dos *guaribús*, que protegia os estrangeiros inquietos com a propaganda a favor da nacionalisação do commercio a retalho.

A' chegada de Vieira Tosta a agitação redobrou de furor opposicionista. Em Iguarassú o tenente João Ignacio Ribeiro Roma, partidario dos *praieiros*, organisou as forças dos rebeldes do norte, formando uma columna de mil homens com os contigentes levados por Manoel Teixeira de Moraes, conhecido por Moraes de Inhaman, João Paulo Ferreira, da guarda nacional de Olinda; Henrique Pereira de Lucena, a maior influencia da comarca do Limoeiro, e outros.

A' esta força reuniu-se Antonio Borges da Fonseca, chamado o *Republica* por ter sido proprietario de um jornal com este titulo publicado no Rio de Janeiro, homem intelligente e guiado por idéas adiantadas, mas ambicioso e irriquieto e que ligou a revolta a soffreguidão do seu espirito.

Pela mesma occasião o deputado Nunes Machado e outros companheiros seguiram para o sul de Pernambuco, afim de alli estabelecerem o centro das operações de guerra. Treze dias depois, em 13 de Janeiro de 1849, foi distribuido no Recife um segundo manifesto, com a titulo *Ao Mundo*, assignado pelos chefes militares do columna do norte e Borges da Fonseca, emquanto a mesma columna descia para Agua Preta a fazer juncção com a gente nesse lugar acampada.

A repressão de Vieira Tosta não esmorecia diante das symphatias e soccorros conseguidos pelos *praieiros*; o presidente contava com as interesseiras dedicações do commercio estrangeiro, um poderoso exercito ao mando do general Joaquim Coelho (barão da Victoria, depois da *Sabinada*), a gentalha dos bandos entregues a experimentados caudilhos, alguns delles sobreviventes da

Cabanada, conhecedora do terreno que pisava, e uma esquadra sob as ordens do chefe Joaquim José Ignacio (visconde de Inhaúma). Enfeixando estes recursos Vieira Tosta golpeava violentamente os rebeldes. Uma folha da opinião liberal, *Voz do Brazil*, soffreu ataque á mão armada em suas officinas; o *Diario Novo* era obrigado a trazer em branco a columna editorial em que devia noticiar o movimento rebelde; a par com esse proceder elle desenvolvia uma policia sagaz por todos os escaminhos da cidade e mandava destribuir profusamente o seguinte *edital*, firmado com a sua assignatura— « O presidente da provincia offerece o premio de *tres contos de reis e o perdão de qualquer crime que houver encorrido* a quem prender e apresentar com segurança ao mesmo presidente ou a qualquer autoridade legal, alguns dos chefes dos revoltosos abaixo mencionados: Felix Peixoto de Brito e Mello, Antonio Borges da Fonseca, João Ignacio Roma, Pedro Ivo Velloso da Silveira. »

Comtudo, os *praieiros* tentavam oppôr á terrivel repressão do presidente uma bem combinada acção de armas que lhes trouxesse victoria. Tres divisões organisadas tinham sido confiadas ao commando de Pedro Ivo, João Roma e Moraes de Inhaman. Villela Tavares e Lopes Netto, ás occultas e arriscando as vidas, vigiavam na capital os passos dos *guaribús* e as medidas do presidente, conseguindo superar innumeras difficuldades para communicarem aos membros do directorio revolucionario, em Agua-Preta, os resultados de suas espionagens.

No dia 27 de Janeiro, ás 4 horas da tarde, as

divisões revolucionarias levantaram acampamento em direcção do Recife. Mas o inimigo estava vigilante e para escapar de guerrilhas cançativas, as divisões fizeram um extraordinario movimento de flanco, glorioso para seus chefes, e que se attribue á estrategia militar de Pedro Ivo. Depois de penosa jornada por invios caminhos e regiões desertas, onde até faltava agua para estancar a sêde, batendo á pé um trajecto de trinta legoas, sob os raios abrazadores do sol desse mez veranico, chegou o bravo exercito revoltoso ás visinhanças da capital, então tranquilla nas trevas da noite de 1 de Fevereiro. No dia seguinte a infanteria revolucionaria começou a tiroteiar com as avançadas inimigas, operando um ataque simultaneo das duas divisões, a que avançava pela Soledade, conduzida por João Roma, a que ia pelo sul, guiada por Pedro Ivo. Depois de longo e renhido combate a divisão do sul franqueiou as trincheiras da cidade. Nunes Machado, que acompanhava a divisão de João Roma, recebeu noticia do successo e correu a participar da victoria daquelles valentes soldados, ahi chegado e como o tiroteio fosse incessante e porfiado, elle quiz conhecer pela setteira de um muro a posição dos atacados, na occasião em que observava recebeu uma bala na testa, morrendo instantaneamente.

Estavam os revoltosos conquistando o terreno aos legaes, quando appareceu pela retaguarda delles o exercito do barão da Victoria que tambem fizera uma famosa contra marcha. A lucta tornou-se horrorosa porque os rebeldes viram-se estreitados entre dois nutridos fogos, perdendo em poucas horas o quanto tinham conquistado com heroico esforço. Lucena, Leandro Gomes e Feitosa de

Mello, officiaes commandantes dos *praieiros*, apezar da bravura com que se portaram, cahiram prisioneiros; duzentos mortos, quatrocentos feridos e aprisionados foram os prejuizos daquellas divisões que ás claras horas da manhã avançavam ao som victorioso das cornetas e á tarde tocavam em retirada, chamando a reunir, perdendo armas, bagagens e grande parte de sua gente porque o resto debandava em fuga, sendo perseguido até Afogados, onde morria *como formigas*, para repetir a cruel comparação do general Coelho. Disse elle : «... *semearam-se como formigas errantes pela campina... então soffreram aqui e alli um vivo fogo á queima roupa, sem poder salval-os a ligeireza com que se escapavam porque emfim a cavallaria fez o resto que não pôde fazer o alcance das bayonetas da tropa que furiosa os perseguia a ferro frio, por se não quererem render, preferindo lançarem-se ao mar embora não fosse alli melhor a sua sorte.* »

A deshumana derrota que os legaes infligiram aos rebeldes não ficou nesse canibalesco massacre, os vencedores varejavam e saqueavam as casas dos que suppunham conniventes com a revolta e dos que o odio pessoal, aproveitando o desenfreamento das iras, apontava; as prisões foram feitas em massa, e as humilhações trepudiaram sobre a vergonha e o medo dos vencidos. Em pouco tempo a esquadra estacionada no porto não era bastante para guardar os presos mais importantes, e foi contractada a barca mercante *Tentativa Felix* para receber as novas remessas de homens. O *mata-praieiro* e o *mata-cabano* eram os gritos de enthusiasmo que a tropa, em promiscuidade com estrangeiros e *guaribús*, fazia soar nas ruas, outr'ora desertas pelo terror do grito nativista

de *mata-marinheiro*, com que os confederados de 1824 instigavam seus partidarios contra os portuguezes.

Com os escapos, que poucos foram, formou-se uma pequena columna de resistancia para operar nos sertões. Mas inutilmente, porque pouco depois João Roma cahia prisioneiro; Borges da Fonseca foi agarrado nas mattas do Cabá e Pedro Ivo, que se internára a fazer juncção com o caudilho da *Cabanada*, Caetano Alves, ao termo de longo periodo de escaramuças, apresentou-se ao novo presidente da provincia, Honorio Hermeto Carneiro Leão, seguindo os conselhos paternos. Dos chefes foi Pedro Ivo o mais temivel, por isso veiu para a fortaleza da Lage, na barra do Rio de Janeiro, donde fugiu para embarcar-se num navio de rumo feito á terra estrangeira, desapparecendo nos véos mysteriosos de uma morte que, segundo uns— foi um crime ardiloso, segundo outros — o desfecho de uma molestia contrahida durante as privações da lucta e do carcere.

A amnistia apagou os resentimentos partidarios e, na historia politica do segundo imperio, esta revolta ficou como a ultima acção da dignidade do povo que sabia morrer por suas convicções. Depois as guerras internacionaes exigiram-lhe sacrificios e a corrupção triumphando sobre o seu valor conseguiu enfraquecel-o, porém carunchando a força de que ella emanava, o que era cavar o proprio tumulo.

XVIII

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

(RIO DE JANEIRO—15 DE NOVEMBRO DE 1889)

Ainda os canhões fumegavam e as espadas ennodoavam-se com o coagulo dos morticinios, ainda os ultimos fremitos da refrega repercutiam nos corações dos luctadores victoriosos e o paiz aspirava num allivio a oxigenação da paz, e já o ideal republicano voltava ao pensamento dos brazileiros que terminavam a campanha dos cinco annos nos *chacos* do Paraguay.

O conde de Porto-Alegre, um dos bravos dessa feroz guerra de exterminio, convicto da sua influencia nos corpos que com elle tinham transposto as rubras baterias inimigas, propunha ao legendario general Ozorio, marquez do Herval, a sublevação do exercito em favor da Republica, proposta que o heróe de *24 de Maio* recusou por considerar inopportuno o momento.

Na Côrte, onde o imperador apparecia trazendo no prematuro encannecimento das barbas o attestado de quanto o preoccupára a lucta da triplice alliança sul-americana, onde as dadivas e as graças correspondiam aos interesseiros serviços e as descabidas ambições; na Côrte, neste mesmo territorio neutralisado pela centralisação de

todos os elementos uteis ao throno, adyto do imperio onde a corrupção ennobrecia o serviçal, as concessões armavam os echarcorvos, as verbas secretas arregimentavam beleguins e esbirros; os republicanos fundavam uma folha de propaganda, cuja publicação foi iniciada com um celebre *Manifesto*.

Em seguida a creação de um club, vindo secundar a obra da propaganda, estabeleceu os principios basicos do partido, uniu os correligionarios e conseguiu que um poderoso movimento de adhesão se despertasse em São Paulo que tambem fundou um club. Por todas as provincias do imperio expontaneamente surgiram sympathias á causa republicana. A mocidade das Escolas, guiada por mestres que ostentavam convicções contrarias ao regimen *jurado*, abraçou com enthusiasmo a nova bandeira agitada.

Poetas que a juventude amava, oradores que o povo seguia arrebatado pela influencia de suas palavras, jornalistas que manejavam com destreza a penna politica, litteratos que tocavam na emocibilidade dos leitores a fibra patriotica, prestaram seus talentos á defesa da fé que vinha emergindo do crepusculo desse tempo de luctas e cançaço a que, numa bajulice esbeiçada de necios, os thuribularios cortezãos chamavam — *reinado da paz*!

Os apostatas e transfugas, perjuros e desertores, por fraquezas do espirito bruxoleante ou saturações da vileza, que tinham trocado suas aspirações de livres pelas mediocres regalias do servilismo; os ineptos que se arrastam nas passividades como as lesmas no lodo, os insensatos que não meditam sobre a experiencia e o futuro, formaram as avançadas defensoras do throno. Inutil e tardia foi a guarda mercenaria do auliculismo.

Durante quarenta e oito annos de existencia monarchica o povo passou em constantes e vexosos sacrificios. As desanimadoras luctas da independencia, que succederam ás suffocadas tentativas da emancipação politica e social; a infeliz guerra da Cisplatina, os motins sanguinolentos, as revoluções terminadas em hecatombes, as encarniçadas revoltas politicas, desde 1822 até 1849, a guerra de Rosas em 1857, a guerra do Estado Oriental em 1864, a guerra com o Paraguay em 1865, concluida em Março de 1870; os insanaveis defeitos intestinos que as camarilhas de D. Pedro I provocaram na administração do paiz ; a imprevidencia e descalabro das finanças; o espantoso desprezo pelo bem estar material da população, que vivia encurralada em cidades participantes da feição tristonha de miseraveis aldêas e das repugnantes senzallas, como se o *meio externo* fosse uma banalidade de mundanos ou um luxo de voluptuosos; o atrophiamento de expansões generosas pela incapacidade da maioria dos homens do governo, a acephalia de todos os serviços da nação; o impaludismo politiqueiro com que a desenfreada ganancia dos pretendentes á pingue *representação nacional* desmoralisou a dignidade popular, desenvolvendo em ultimo gráo attingivel o dissolvente nepotismo e a indigna advogacia administrativa, minaram os alicerces do throno brazileiro, imprimindo-lhe a oscillação de um palanquim, não conduzido no dorso cinzento dos elephantes pausados, mas nos hombros vergastados dos negros escravos.

No primeiro momento que a nação teve necessidade de, após tão longo tempo de sanguinolento caminhar, adquirir seu direito de participe da communhão civilisadora, sentiu-se ringir nas conjuncturas carcomidas do throno o

abalo que elle soffria pela imperfeição de suas bases. A lei de 28 de Setembro de 1871, libertando o filho da mulher escrava e que foi uma reivindicação do brio nacional, depremido com o proposital esquecimento de alguns artigos do projecto constitucional de 1823 e com os abusos que suffocaram o humanitarismo da lei de 7 de Novembro de 1831, veiu provar claramente que qualquer medida de progresso seria uma lufada derrocadora para a monarchia.

O erro da implantação monarchica, quando não bastasse o exemplo da unidade estabelecida no regimem governativo das demais nações americanas, apparecia desnudado de todas as conveniencias diante desta difficultosa e lenta marcha da civilisação, a que se oppunham os interesses pessoaes do conservatorismo, representado pela riqueza das classes dirigentes.

No entanto o povo não era *monarchista*, nem mesmo aquelles que se reduziram ao servilismo das *boas graças* tinham a convição da superioridade monarchica porque, pelo elemento que compunha a sociedade, o *burguezismo* dominava como classe principal. As monarchias burguezas são, como as republicas dictatoriaes, insustentaveis.

O segundo imperador do Brazil não foi mais que um *monarcha burguez*, producto de tendencias herdadas de seu avo paterno e de sua mãe; preparado pelos infelizes successos da sua primeira idade que o fizeram orphão abandonado aos seis annos, sem cuidados femininos, olhado de esguelha pelos que tramavam junto de seu berço a restauração do poder de seu pae, e desenvolvido pela direcção espiritual de seus preceptores. Imperador por commodismo de velhos temoratos e politicos educados na vida casmurra de burguezões luzitanos, á testa de um povo de

colonisação, isto é, composto de raças differentes em que a dominante não tinha o firme caracter e a util actividade dos creadores d'America ingleza, nem o nobre orgulho e a quente ambição dos primeiros senhores das terras que formam a peninsula banhada pelo Pacifico e pelo Atlantico, do Equador para as regiões do estreito de Magalhães; composto de mestiçagem, duma ethogenia complicada pelas variantes e modificações do cruzamento com o sangue africano que foi o maior productor do typo nacional; cercado por uma arranjada aristocracia cujas origens perdiam-se nos terreiros das fazendas, nas canceiras das aldêas portuguezas e nos sacrificios das choças provincianas, em pouco tempo D. Pedro II, que tão violento se mostrára aos 15 annos, no golpe de 1840, exigindo com o famoso *quero já* o reconhecimento da sua *maioridade*, tornou-se um *bom homem*, desageitado nas suas vestes imperiaes e apoquentado em nauseantes reuniões pela bajulação dolosa de seus auxiliares. A' sombra da bonhomia imperial cresceram as hervas damninhas da dissolução. Uma viscosa humidade de parasitarismo corrompia e aniquilava tudo. Não mais se armaram revoluções para a *posse do governo;* era a intriga, era a calumnia, era a offerta do caracter que se transformaram em instrumentos de lucta. A probidade e a isenção de espirito rareavam.

A licença dissolveu os costumes, o ridiculo annullou os nobres intentos. Quando os interesses pessoaes chocavam-se de encontro ao paradeiro da impossibilidade, o despeito cascavelava, destruindo com a peçonha dos seus arremeços as conveniencias e os respeitos. Em derredor do throno os proprios monarchistas, os que tinham levantado a *guarda suissa* em opposição aos republicanos de

1871, traçaram o assedio da desmoralisação. Vieram para a maledicencia publica as indiscripções que só os camarilheiros deveriam saber, vieram para o conhecimento de *todo o mundo* os cacuêtes, as irritações da pessoa imperial como os segredos do seu gabinete, a externação de suas intimas opiniões, que só deveriam pertencer aos da privança do paço.

A caricatura assentou-se no throno, ergueu a flammula sarapintada e guisoleira do riso nos torreões da Quinta da da Boa Vista. As dedicações que D. Pedro II tivera em principio do seu reinado iam-se perdendo na morte e na velhice. Os novos *favoritos* traziam nos bolsos das casacas bordadas o chéque dos interesses sobre a confiança do monarcha, e forçavam as portas do palacio de S. Christovão com as blasonadas parlamentares, a rhetorica retumbante dos jornaes e dos pamphletos incendiarios.

O grande imperio sul-americano desconjunctava-se, apezar de ter parecido á presumpção de seus fundadores *uma obra inteiriça de architectura nacional !*

Em meio desse esboroamento a aspiração republicana triumphava de todos os impecilios formados por apostasias e deserções, como triumphava de todos os obstaculos levantados pelo assalto, á mão armada, dos apaniguados do governo, e pelo systema desmoralisador que a corôa punha em pratica atirando migalhas de bem estar á bocca dos fementidos. Em fins de 1877 uma idéa que effervescia no espirito nacional, instigado pela civilisação, evoluiu de tal maneira que em breve tempo constituiu-se um problema de *reforma social* e que veiu trazer novas forças ao idéal republicano.

A *Gazeta da Tarde*, fundada por Ferreira de Mene-

zes e mantida depois por José do Patrocinio, a *Gazeta de Noticias* dirigida por Ferreira de Araujo e o *Paiz*, cuja chefia estava entregue ao esclarecido espirito e exemplar dedicação de Quintino Bocayuva, antigo redactor da *Republica* e do *Globo*, esforçavam-se na defesa da causa abolicionista que enthusiasmava o povo. José do Patrocinio concentrou em si toda a vibração apaixonada da alma popular e atêou o incendio da propaganda. Em todas as provincias, mesmo naquellas em que o *néo-feodalismo*, representado pela grandeza territorial e poderio dos fazendeiros, oppunha-se á abolição dos escravos, não faltaram enthusiasmos pela reforma que vinha desaffrontar a patria rebaixada na sua dignidade pela crueza do captiveiro dos negros. Formaram-se dois partido —o dos fazendeiros e dos abolicionistas. A lucta declarou-se encarniçada.

O dinheiro das hypothecas sobre collinas de café e rebanhos de gado humano procurava resistir ao brio da nação. A monarchia mais oscillava agora, porque os varaes do palanquim imperial, saculejado pela indignação publica, falseava sem o apoio dos hombros nús da escravidão que desapparecia. Nesse momento outra força concorreu para o triumpho republicano. A classe militar ferida nos seus interesses pela inadvertencia dos governos quanto pelo espirito anti-militarista do imperador, refundida na sua organisação pelo desenvolvimento da instrucção, reagia francamente contra as pretenções que a procuravam annullar, quando em 1888, já na hora critica da abolição, a offensiva prisão de um official de marinha e desrespeito á farda de um general do exercito, que, como parente daquelle, fora reclamar da policia a entrega do encarce-

rado, obrigaram o ministerio Cotegipe a dar sua demissão. Havia muito tempo que o ministerio caminhava em sinuoso trilho de arrogancias e humilhações por causa da *questão militar*, em que salientou-se o ardente republicano tenente-coronel Senna Madureira. Por ultimo o clarão abolicionista o aterrorisava, e se elle poderia pela questão militar levar o paiz a uma revolução talvez tristissima, era comtudo a esperança das classes ricas, pois oppunha-se com todas as forças ao desenvolvimento do abolicionismo. A retirada do ministerio Cotegipe foi o derradeiro reducto escravocrata que desabou.

Substituia D. Pedro, então muito doente em um paiz da Europa, a herdeira presumptiva, D. Isabel de Orleans, que refenrendára o decreto de 28 de Setembro de 1871.

Esse facto e as provaveis preoccupações que a princeza regente deveria ter a respeito da sua popularidade, estremecida pelo seu conhecido exagero religioso e pelas accentuadas antipathias que repelliam seu esposo, o Conde d'Eu, animavam os abolicionistas. E, realmente, a princeza regente incumbiu da organisação do novo ministerio a um dos conpanheiros do visconde do Rio Branco na lei de 1871, o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. No dia 13 de Maio desse mesmo anno de 1888, após alguns dias de soffrego esperar, o povo delirava de enthusiasmo saudando a lei aurea que abolia a escravidão no territorio do Brazil.

Tocou ao furor o despeito dos fazendeiros. Em massa, cégos de raiva, voltavam-se para a Republica, como represalia do golpe soffrido e no intento de abalar a corrente probabilidade de uma abdicação na pessoa da regente. Já os republicanos fortalecidos, pela abolição,

tinham entrado no parlamento; um congresso director com representantes de todas as provincias funccionava permanentemente na Côrte, a sua imprensa redobrava de energias; a sua propaganda, que popularisou o nome de Lopes Trovão, encontrava agora um Pedro Eremita em Silva Jardim. Em todos os pontos do imperio, em todas as cidades onde a instrucção dignificava a actividade do homem, levantavam-se apostolos republicanos. Pernambuco aquecia-se na alma de seus jovens filhos orientados por Tobias Barreto; Maciel Pinheiro e Martins Junior despertavam os impetos do povo nortista; Pedro Velho no Rio Grande do Norte e João Gomes nas Alagôas seguiram o exemplo de João Paes de Carvalho, no Pará, alentando a propaganda; em Sergipe Felisbello Freire e Guedes Cabral fortaleciam com seus talentos a marcha da liberdade; pela provincia do Rio de Janeiro Francisco Portella, Mauricio de Abreu, Virgilio Pessôa e Alberto Torres reuniam os bravos companheiros em fileiras enthusiasticas para o momento prestes; S. Paulo fervia como o Municipio Neutro num rumor de cratera; Minas agitava-se nas suas tradições, e no Rio Grande do Sul Julio de Castilhos, Assis Brazil, Ramiro Barcellos e Demetrio Ribeiro organisavam uma formidavel opposição á continuidade monarchica pela ameaça do terceiro reinado. Tambem o Ceará, a Bahia, o Espirito Santo, Goyaz e Matto Grosso animavam-se pela mesma aspiração, e se o movimento foi menos intenso no Maranhão e no Piauhy não se mergulharam estas provincias na molleza da indefferença. A mocidade militar, cujo apoio á liberdade da raça negra fora franco, batia-se á descoberto pela Republica e nas fileiras do exercito como nas guar-

nições da marinha a fé republicana levantava fervoroso proselytismo.

O ministerio João Alfredo pretendeu resistir aos republicanos — abriu as enxovias e despejou para as ruas uma horda assassina, mas enfraqueceu diante da opposição, resvalou no escandalo, cahiu sem recursos.

O imperador, em melhores condições de saude, voltou pressurosamente ao paiz e mudou de politica, chamando os liberaes com a presidencia do visconde de Ouro Preto. Mas o partido republicano estava definitivamente organisado para temer a reacção liberal. A imprensa republicana, por essa occasião, coadjuvada pelo *Diario de Noticias* redigido com o maior valor combatente pelo ex-deputado Ruy Barbosa, fendia certeira o arrojo dos adversarios e desbaratava a resistencia. Antes que o ministerio conseguisse levar a effeito os promettidos *auxilios á lavoura*, que eram uma mascarada indemnisação aos fazendeiros, e praticasse as medidas de repressão contra as manifestações militares, a proclamação da Republica colheu-o de improviso, quasi ao terminar de uma pomposa festa de sympathia á esquadra chilena, ancorada no porto do Rio de Janeiro.

Desde os principios de Novembro de 1889 a conspiração republicana tinha perdido as prudencias do disfarce. Em uma visita da officialidade naval do Chile á Escola Militar da Côrte, na presença do ministro da guerrra e de officiaes generaes, o professor tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães recitou um discurso de forma tão clara e revolucionaria que o ministro mandou censurar o militar professor, tornando o caso escandaloso.

Com esse inadiavel e unico proceder o governo collocava-se numa melindrosa posição porque, sendo o discurso do tenente-coronel Benjamin Constant a repercussão das queixas e sentimentos do exercito, ia suscitar de novo a perigosa *questão militar*. Não teve o ministro outro recurso, posto que não fosse o seu procedimento um *recurso* senão um *dever* que a combinação dos elementos contrarios transformava em *caso fatal*. Uma vez dado esse passo cahia o governo na pratica de violencias. E assim foi. Acto continuo deu ordem de transferir-se para o Amazonas um dos batalhões de infanteria da guarnição da Côrte, que lhe parecia hostil, e açodou os ultimos preparativos de armamento da guarda nacional que elle entregára a commandantes da sua cautelosa escolha.

A deliberação do governo era um cartel de desafio.

Quintino Bocayuva, Francisco Glycerio e Aristides Lobo, reprsentando o elemento civil; o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, os capitães de fragata Frederico Lorena e Nepomuceno Baptista pela marinha, combinavam com Benjamin Constant, por iniciativa deste, os meios de realisarem a revolução. Tratadas as condições e a opportunidade, Benjamin Constant que, pela sua illustração scientifica e notoria probidade, tornára-se o cabeça do republicanismo militar, partiu a procurar o apoio do marechal Deodoro da Fonseca que a maioria do exercito idolatrava. A palavra persuasiva do provecto professor conseguiu demover os escrupulos de fidelidade do marechal Deodoro. Havia, porém, um grande obstaculo a vencer, pelas condições especiaes em que elle se achava, era o ajudante-general Floriano Peixoto em quem o visconde

de Ouro Preto depositava a maior das confianças. A concordancia do ajudante-general seria para a causa revolucionaria uma victoria.

Com o intuito de attrahil-o ao movimento, porquanto suas provas de sympathia á crença republicana não podiam ser postas em duvida, o marechal Deodoro procurou-o pessoalmente e, depois de uma longa conferencia, retirou-se convicto de que a posição delle seria definida no momento da lucta, mas desde já deixando transluzir o seu valioso apoio aos interesses revolucionarios.

Na noite de 14 de Novembro correu pela cidade a noticia de que o governo, inteirado da *conspiração do exercito*, mandára prender o marechal Deodoro, os tenentes coroneis Benjamin Constant, Solon Sampaio Ribeiro e outros officiaes. Ao sussurrar da noticia as ruas ficam despovoadas, enche-se os quarteis, baixa um pesado silencio de suspeitas e em meio desse principio de terror estala a nova impressionante da revolta da 1ª brigada, composta do 1º e 9º regimentos de cavallaria, e 2º regimento de artilharia. A' madrugada do dia 15 Deodoro recebeu aviso de que a brigada com Benjamin Constant e a Escola superior de guerra desciam para a cidade; apesar de enfermo immediatamente parte a encontrar-se com as forças rebelladas, alcançando-as nas proximidades do *Mangue*, onde, sahindo da carruagem que o conduzia, monta a cavallo e toma a testa da columna. Quando o sol irradiava na longa facha da barra, as boccas de fogo do 2º regimento enfretavam com as velhas paredes amarellentas do quartel general.

Durante a sua marcha nenhum estorvo appareceu, posto que o visconde de Ouro Preto que correra áquelle

quartel em companhia de seus collegas, a excepção do ministro da marinha, barão do Ladario, instasse com o ajudante general para impedir esse caminhar sereno com o fogo de um dos batalhões alli reunidos, a infanteria de linha, a policia e o corpo de bombeiros armado de carabina. Na mesma occasião o corpo de alumnos militares, guiado pelo tenente coronel Marciano Botelho de Magalhães, confraternisa com o batalhão que fora mandado ao largo da Lapa para oppôr-se a sua descida, e entra enthusiasticamente no Campo d'Acclamação.

O ministerio comprehendeu o sitio em que estava concentrado; não obstante, o presidente do conselho tentava reagir, e, desobedecido pelo general Almeida Barreto, recebendo do tenente coronel Telles, por parte de Deodoro da Fonseca, a ordem de render-se, disse ao ajudante general:

« General, já o Sr. no Paraguay era um official valente e tomava boccas de fogo ao inimigo: faça agora outro tanto tomando aquellas que alli estão ».

« As boccas de fogo do Paraguay, Sr. ministro, disse Floriano Peixoto, eram inimigas; aquellas que V. Ex. alli está vendo são brazileiras, e eu sou antes de tudo soldado da nação brazileira. Fique V. Ex. sabendo que estes bordados que trago nos punhos foram ganhos nos campos de batalha por serviços prestados á patria e não á ministros. »

A resposta foi positiva; nenhuma esperança de reacção poderia reluzir no espirito do governo, e, quando chegava, momentos depois, o almirante barão do Ladario, teve o ministerio a ultima confirmação, porque intimado a render-se o almirante apontou um revolver ao

peito do official que o intimava; antes que sua arma detonasse, uma descarga das ordenanças que seguiam o official, assim como o prompto desengatilhamento da arma que esse empunhava, fizeram o cahir ferido e exanime.

Então um grito de *Viva a Republica!* sonorisou no ar e logo todas as boccas acompanharam este grito vibrante e quente, num delirio de espansões retidas, de alma que se reanima.

O marechal Deodoro levantou seu kepi bordado, agitou-o, commovido; militares e paisanos descobriram-se e ao som glorioso dos clarins a columna revolucionaria desceu ao paço da cidade, trazendo pelas ruas a alegre agitação de seus guerreiros, que iam accordando a massa estranha dos preoccupados com a ephemera scenographia das finanças e a louca agiotagem das emprezas mercantis para a realidade da existencia de um povo ainda forte, alli constatado por essa mocidade fardada e tambem por essa mocidade paisana que passava de carabina ao hombro, nas fileiras dos bravos.

Rendeu-se o ministerio, prisioneiro da revolução. A' 1 hora da tarde, tendo o imperador descido de Petropolis com sua respeitavel consorte, recebia do tenente coronel Solon, numa das salas do paço onde fizera uma tentativa para organisar novo gabinete, a notificação da proclamação da Republica, cuja bandeira fora arvorada no edificio da Municipalidade.

Organisou-se o governo provisorio, sendo chefe o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, ministro do interior Aristides da Silveira Lobo, ministro da fazenda e interinamente da justiça Ruy Barbosa, ministro da guerra tenente coronel Benjamin Constant de Magalhães, minis-

tro da marinha chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, ministro das relações exteriores e interino da agricultura, commercio e obras publicas Quintino Bocayuva. Nesse mesmo dia o governo provisorio proclamou ao paiz e no dia seguinte, 16 de Novembro, marcou o prazo de 24 horas para o imperador D. Pedro II e sua familia deixarem o Brazil. sendo respeitada a dotação que a lei marcava e posto á disposição da familia proscripta um seguro navio de vapor que a transportaria á Europa.

Nenhuma resistencia monarchista veiu ensanguentar a feliz realisação do ideal brazileiro. O povo, o verdadeiro povo brazileiro, que viera atravez dos tempos luctando e sacrificando-se pela liberdade e que nunca manifestou fraquezas para defender a honra da sua patria, o povo que em parte formava esta força militar representante do seu sentimento, porque fôra elle que a compozera na sua totalidade para formar o vencido exercito da Cisplatina, e os gloriosos exercitos da guerra Oriental e do Paraguay, este, em parte agora paisano, confraternisava com a força armada porque todos seus anhelos estavam no grande dia da Republica. Os indifferentes, de certo, não foram brazileiros, pois nas grandes capitaes o elemento nacional desapparece no tumulto dos invasores da Vida, passa na obscuridade dos sacrificados. Mas a alma patriota exultou no caloroso peito da mocidade que, em massa compacta e fremente, invadia os quarteis para tomar armas.

O desemparo fez-se em torno do velho monarcha, duas vezes vencido: pela molestia e pelo levante; rarissimas dedicações foram consolal-o n'amargura da hora das despedidas. Elle, que fôra uma victima do seu destino e deixava no coração dos brazileiros, ainda imma-

culados, um grande respeito por sua sympathica figura de ancião, duvidou por momentos da realidade dos factos! Durante longos annos *só carregára máos governos*, murmuraram seus labios; e na tristeza desta hora, visionando como n'uma tela diaphana de sonhos o passado do seu imperio, deveria sentir na sua alma de patriota, na sua emotividade de infeliz, o ennevoamento de uma desillusão penetrante como um virus, por onde o seu corpo se elevasse em algidez d'estatua dominando como uma esphinge o isolamento do espaço sem promessas, e as suas plantas pisassem um sólo lutulento pelo qual restejam, em corcoveios famintos, em contorções invertebradas, os vermes viscosos. Apenas, no fundo remoto, uma claridade de amanhecer, feita do sangue dos martyres, fenderia o nevoeiro do horisonte...

E o throno desabou sem resistencias, sem ruido, esboroado sobre a dissolução dos caracteres, que o cercava. Mas o lodo infécto transformar-se-á em terra fertil, e a Republica ha de triumphar serena e poderosa, levantando á luz da dignificação universal o nome da nossa Patria.

FIM

INDEX

Advertencia		5
I	Quilombo dos Palmares	7
II	Guerra dos Mascates	15
III	Levante de Filippe dos Santos	25
IV	Inconfidencia Mineira	29
V	Revolução de 1817	45
VI	A Independencia	77
VII	Guerra da Independencia	93
VIII	Confederação do Equador	107
IX	Sete de Abril	119
X	As Ruegas	135
XI	Os Cabanos do Pará	155
XII	A Sabinada	169
XIII	A Balaiada	177
XIV	S. Paulo—1842	187
XV	Minas Geraes—1842	197
XVI	Guerra dos Farrapos	207
XVII	Revolta Praieira	225
XVIII	Proclamação da Republica	233

ERRATA

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
38.....	20.....	cravava as olhos.....	cravava os olhos.
41.....	20.....	alvoratou-se	alvorotou-se.
69.....	13.....	Jcaquim do Amor Divino.	Joaquim do Amor Divino Canecs.
70.....	26.....	fazento.....	fazendo.
80.....	7.....	Lopes Gama.....	J. Mendes Vianna.
90.....	21.....	parasidiacos.....	paradisiacos.
109.....	30.....	*das familiares*.....	dos *familiares*.
133.....	17.....	encargo.....	encargos.
138.....	19.....	asylavam.....	asylava.
141.....	20.....	aponta aos.....	aponta nos.
144.....	28.....	dois orgão.....	dois orgãos.
150.....	14.....	cumplicação.....	complicação.
180.....	17.....	esparou.....	esperou.
180.....	18.....	rebilhos.....	rebrilhos.
205.....	11.....	brigado.....	obrigado.
205.....	25.....	commandada.....	commandado.
230.....	27.....	*Tentativa Felix*.....	*Tentativa Feliz*.
240.....	31.....	republicanos fortalecidos..	republicanos, fortalecidos.